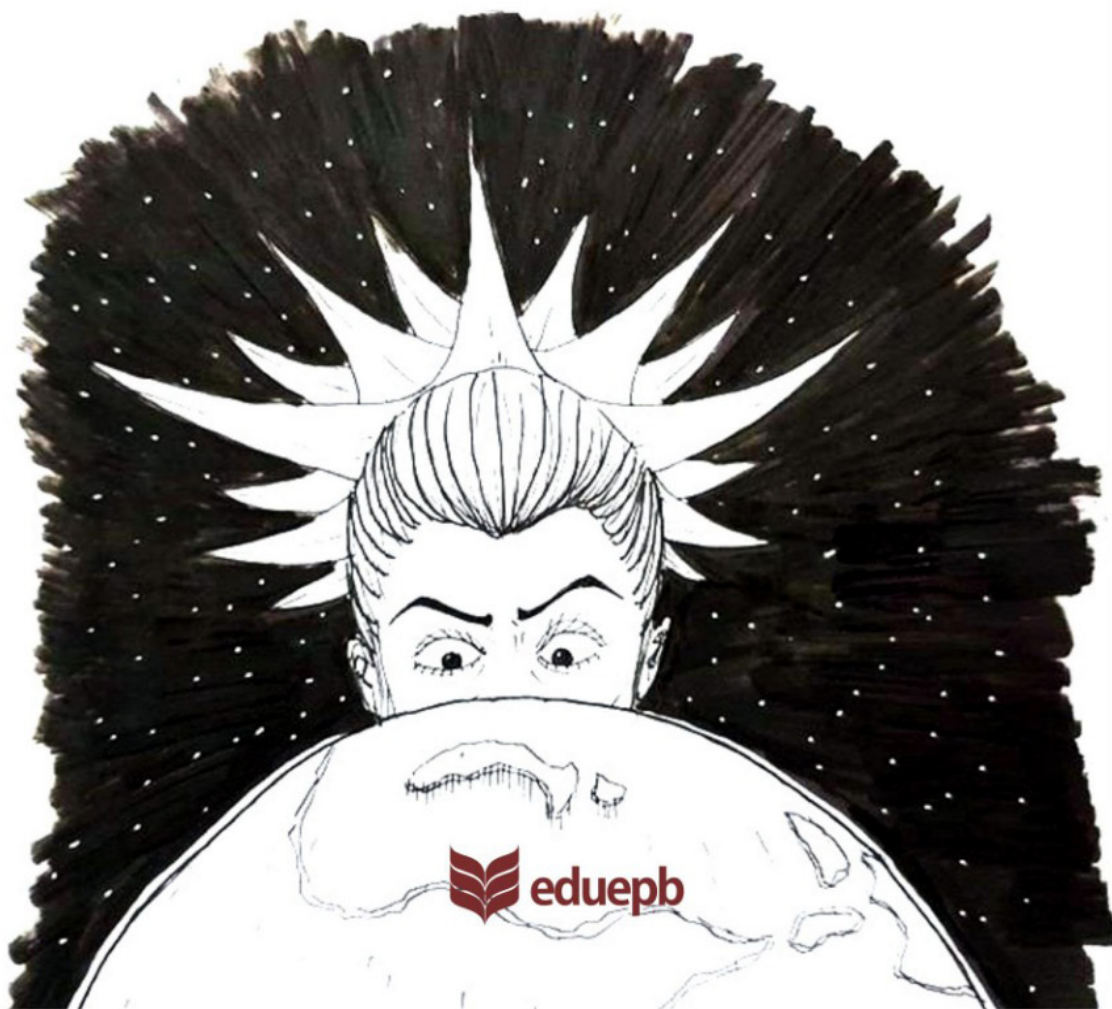


MUTAÇÕES DO TRABALHO

Paraíba: radar jornalístico
em tempos de pandemia

Cremilda Medina
Organizadora



MUTAÇÕES DO TRABALHO

Paraíba - radar jornalístico
em tempos de pandemia

Cremilda Medina
Organizadora



Campina Grande - PB

2021



Universidade Estadual da Paraíba

Profª. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Profª. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Moraes de Sousa (UEPB)

Diretor

Conselho Editorial

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

Jordeana Davi Pereira (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

José Tavares de Sousa (UEPB)

Conselho Científico

Afrânio Silva Jardim (UERJ) Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Anne Augusta Alencar Leite (UFPB) Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Carlos Henrique Salvino Gadêlha Meneses (UEPB) Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN) Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP) Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)

Diego Duquelsky (UBA) Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN) Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB) Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Germano Ramalho (UEPB) Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)

Glauber Salomão Leite (UEPB) Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT) Vincenzo Milittello (UNIPA/IT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa *Diretor*

Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral | *Design Gráfico e Editoração*

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes | *Design Gráfico e Editoração*

Leonardo Ramos Araujo | *Design Gráfico e Editoração*

Elizete Amaral de Medeiros | *Revisão Linguística*

Antonio de Brito Freire | *Revisão Linguística*

Danielle Correia Gomes | *Divulgação*

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CBL.

M992 Mutações do trabalho – Paraíba: radar jornalístico em tempo de pandemia.
Organização: Cremilda Medina. –Campina Grande: EDUEPB, 2021.
5800 Kb. - 182 p.: il.

ISBN 978-65-87171-13-5 (E-book)

1. Trabalho – Aspectos sociais. 2. Jornalismo. 3. Trabalho – Paraíba – Brasil.
4. Trabalho jornalístico – Pandemia. I. Medina, Cremilda (Organizadora).

21. ed. CDD 331.042

Ficha catalográfica elaborada por Heliane Maria Idalino Silva – CRB-15ª/368

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
Revisitando o mundo do trabalho.....	7
<i>Cremilda Medina</i>	
No Mundo da Rua – cenas do <i>sevirol</i> na Paraíba.....	11
<i>Ana Lúcia Medeiros</i>	
Estratégias do asfalto	
Se meu carro falasse	33
<i>Cibelly Correia dos Santos</i>	
O ciclo familiar da reinvenção.....	45
<i>Aderlon Amorim</i>	
Escolhas na vida de uma pessoa em situação de rua	67
Filipe Francilino de Sousa	
O diário de Amanda	79
<i>Iris Souto Maior</i>	
Entre rodos, flanelas e amassados.....	91
<i>Felícia Arbex Rosas</i>	
Estratégia das estratégias	107
<i>Judivan Gomes Procópio</i>	
O ciclo da vida	
Mais do que letras e sermões.....	121
<i>Patrícia Monteiro</i>	

Do lixo ao verde: a primeira Eco Praça135
Madrilena Feitosa

Identidade brasileira

Jeito brasileiro de estar no mundo157
Sinval Medina

Hefesto na pirâmide. (dialogias do trabalho jornalístico)173
Wellington Pereira

Posfácio

Em vez de saudade, esperança e reinvenção..... 179
Ana Lúcia Medeiros

APRESENTAÇÃO

Revisitando o mundo do trabalho

Cremilda Medina¹

Quando, em 1995, publicava na ECA/USP com o apoio do CNPq, o quarto livro da série *Novo Pacto da Ciência*, não se podia imaginar quanto o tema seria hoje oportuno. *Sobre Vivências – no mundo do trabalho* reunia, como em todas as 11 edições do Projeto Plural, um debate inter e transdisciplinar de autores de vários campos do conhecimento científico, dos saberes cotidianos e da expressão artística ou das linguagens míticas. Um dos trechos que escrevi na primeira aba lançava várias interrogantes nos anos 1990:

Este ciclo de múltiplos compassos mostra contradições aparentemente insuperáveis tanto no mercado de trabalho quanto nas políticas dos Estados. Trabalho para todos? Qualificação profissional para todos? Equilíbrio entre oferta e demanda de mão-de-obra? Sociedades desenvolvidas segundo um único modelo? Aqueles que refletem sobre os dilemas postos pela concepção produtivista do trabalho, não encontram fórmulas para resolver as distorções. Nem o clube dos mais ricos detém essa mágica. Todas as negociações políticas da atualidade ensaiam estratégias emergentes, sem nenhuma garantia de êxito. (1)

¹Jornalista, pesquisadora e professora titular sênior da Universidade de São Paulo (USP). Atua no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) e no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolan). Seu trabalho traz para o Jornalismo os desafios paradigmáticos do Saber Plural; a perspectiva do ato presencial, da abertura à complexidade, do signo da relação e da pedagogia dos afetos; e o eixo central do Diálogo Social, principalmente, na teoria e prática da reportagem.

Quando, em 2019, a oficina de *Narrativas da Contemporaneidade* na Universidade Federal da Paraíba decidiu revisitar o mundo do trabalho, não se podia imaginar quanto o tema seria emergente em 2020, na experiência universal da pandemia da Covid-19. No entanto, emprego e trabalho continuavam pautas tão oportunas quanto em 1994-1995: e já nessa ocasião o título *Sobre Vivências* (escrito em duas palavras) perseguia *as pegadas da saga coletiva e a assinatura de um povo*. No mesmo paralelo de tempos distantes, autores paulistas de 1995 e autores paraibanos de 2020 se lançaram e se lançariam às *marcas inconfundíveis do trabalho local, escrevendo outros significados que não constam dos manuais econômicos*.

É bem verdade que em 2018, na primeira oficina na UFPB, o grupo de estudantes de pós-graduação em Ciências da Comunicação (com ênfase em Jornalismo) e alguns docentes revelaram acuidade na escolha temática que resultou na publicação de 2019: *Saneamento básico, direito à cidadania* (2). Numa coincidência surpreendente, quando, no primeiro dia da oficina, discutíamos as possibilidades da edição do resultado culminante do laboratório, e levantávamos os principais desafios paraibanos e brasileiros, saneamento básico se impôs. No dia seguinte, o IBGE apresentava o alarmante quadro nacional e todas as manchetes das mídias se curvaram ao assunto que, afinal, nos perturba há muito tempo. Assim, o testemunho das narrativas que a edição da Universidade da Paraíba lançou no ano seguinte, dá à sociedade e às autoridades públicas uma leitura sociocultural inspiradora para o encaminhamento de soluções à altura da cidadania.

Agora, o segundo volume do que já se pode considerar um fluxo contínuo de autores da oficina de 2018 e novos autores da oficina de 2019, acresce outro elo histórico-cultural ao revisitar a proposta gerada na USP na década de 1990. O novo conjunto de narrativas da contemporaneidade flagra as atuais *Mutações do Trabalho*. Seria

recorrente procurar hoje a criatividade do que se cunhava antes de *sevirol*. Dizia-se então que *já criança, é preciso descobrir as ferramentas do sevirol que só uma cultura ágil oferece para batalhar um lugar no Hemisfério Sol*. (O Projeto Plural, no segundo dos 11 livros da série *Novo Pacto da Ciência*, cunhou o mundo em duas metades, *Hemisfério Noite e Hemisfério Sol* (3), metáfora para destacar as vozes e as vivências do Sul, essas do Sol.) De pronto, o grupo da oficina no final de 2019 sintonizou nessa busca cúmplice das virações ou das Sobre Vivências locais.

Mas em março de 2020, quando os autores foram a campo, explodiu a pandemia e todos os contextos humanos não só da Paraíba como do planeta entraram na era da morte, da doença indomável, da perplexidade dos saberes, do isolamento dos convívios. A contundência do mundo do trabalho e do emprego aflorou como ninguém havia previsto. Era de se desejar, no imaginário coletivo, a volta dos ciclos de crescimento? Se as análises pendiam para o pessimismo de terra arrasada, os autores deste livro, cujo título recebeu um subtítulo – *Em tempos de pandemia* – não se acomodaram e foram à escuta e à observação-experiência para captar cenas dramáticas dos protagonistas anônimos ou a ação social dos paraibanos que fazem acontecer o *sevirol*.

No mundo da rua; as estratégias do asfalto; a força da solidariedade; o diário de Amanda; entre rodos, flanelas e amassados; Estratégia das estratégias; o ciclo da vida; mais do que letras e sermões; do lixo ao verde – a primeira Eco Praça - eis os capítulos desta aventura humana que expressam nas histórias de vida narradas o que as reflexões finais consideram um *jeito brasileiro de ser* e, no jornalismo, a capacidade de dialogia social.

Há no ritmo dos mediadores autores, não uma argumentação de diagnósticos fechados, mas aquela narrativa que se abre às identidades em processo na saga do cotidiano.

Nos *ciclos* recorrentes e nas *setas do tempo*, para homenagear Stephen Gold (4), *Mutações do trabalho em tempos de pandemia* convida a superar nossas desesperanças e reencontrar os *atos emancipatórios do caos*, para acrescentar outra homenagem, agora a Ilya Prigogine (5).

Os autores deste livro nos convidam a partilhar o gesto afirmativo dos anônimos perante as intempéries do mundo.

Notas

(1) Fragmento de texto da primeira aba do livro *Sobre Vivências, no mundo do trabalho*, da série *Novo Pacto da Ciência-4*, organizado por Cremilda Medina e Milton Greco, São Paulo, ECA/USP/CNPq, 1995.

(2) O primeiro livro que resultou da oficina de Narrativas da Contemporaneidade na Universidade Federal da Paraíba em 2018 de Cremilda Medina, *Saneamento básico, direito à cidadania* foi publicado em *e-book*, Campina Grande, Eduepb, 2019.

(3) A metáfora Hemisfério Sol foi cunhada no segundo livro da série *Novo Pacto da Ciência - Do Hemisfério Sol, o discurso fragmentalista da ciência*, organizado por Cremilda Medina e Milton Greco, São Paulo, ECA/USP/CNPq, 1993. A edição acentua as vozes ensaísticas do Sul sobre o Sul.

(4) Stephen Jay Gould (1941-2002), paleontólogo e biólogo, nos deixou um de seus livros aqui citados – *Seta do tempo, ciclo do tempo*, São Paulo, Cia. das Letras, 1991.

(5) Ilya Prigogine (1917-2003), Prêmio Nobel de Química, autor de inúmeras obras que acrescentam à epistemologia contemporânea compreensões tão válidas para as ciências da natureza como para as ciências sociais (segundo suas próprias palavras, numa entrevista concedida a Cremilda Medina em um encontro de Buenos Aires em 1991 e que está publicada no livro *Do Hemisfério Sol*, já citado na nota (3). Em sua teoria do caos, introduz da observação científica a noção que do caos surgem *atos emancipatórios*.

NO MUNDO DA RUA: Cenas do *sevirol*/na Paraíba

Ana Lúcia Medeiros¹

São muitas as cenas de trabalho que podem ser vistas no mundo da rua de João Pessoa. No Mundo da Rua é o nome do blog² que abriga as histórias de personagens anônimas que povoam os espaços públicos da capital da Paraíba e fazem brilhar os olhos da jornalista-pesquisadora que coloca entre suas maiores paixões o hábito de observar o que a rua oferece de mais curioso.

É nos mais distintos ambientes da rua que, como diz Cremilda Medina (2020), acontece a “observação-experiência para captar cenas dramáticas dos protagonistas anônimos ou a ação social dos paraibanos, que fazem acontecer o *sevirol*”³. Quanto mais intensa a imersão nos lugares públicos, mais plural a aventura humana.

O mundo da rua da terceira capital mais antiga do Brasil⁴ apresenta histórias de trabalhadores que mostram toda a singularidade de ser paraibano. São histórias que revelam os modos de falar, de cuidar do outro, de estar no mundo. No Mundo da Rua.

¹Jornalista e pesquisadora, doutora em Comunicação (UnB/Université de Rennes-1); autora dos livros “Sotaques na TV” (Annablume, 2006) e “Noticiador-Noticiado – Perfis de jornalistas numa sociedade em midiaticização” (Annablume, 2015). analumbr@yahoo.com.br

²O blog No Mundo da Rua <https://nomundodaruablog.wordpress.com> representa a realização de um sonho de Ana Lúcia Medeiros, Adriane Menescal e Ailim Braz, que queriam transformar cenas cotidianas em pequenas reportagens. A definição para este sonho de jornalistas está na seção “O que é estar No Mundo da Rua?” do próprio blog: “É presenciar, observar, viver e compartilhar cenas cotidianas sobre os diferentes modos como as pessoas estão no mundo, vivem no mundo e vivem o mundo. Que mundo é esse? Um mundo experienciado por culturas distintas; olhares múltiplos, singulares, de quem pratica uma ação e também de quem observa como uma determinada cena é vivida”.

³O termo *sevirol* foi criado por Sinval Medina, em 1998, para fazer referência à capacidade criativa de pessoas, especialmente as de camadas mais populares, de “se virar” e se arranjar na vida, enfrentando desafios próprios de setores excluídos da população.

⁴ Fundada em 1585, João Pessoa fica atrás apenas das capitais baiana e fluminense.

O olhar atento da jornalista-pesquisadora revela as particularidades dessa brava gente vista em seus espaços de trabalho, muitas vezes devidamente instalados nas esquinas, nas calçadas, no meio-fio ou em algum estabelecimento comercial ou órgão público que acolhe personagens ou cenas curiosas.

Para este ensaio-reportagem, foi feita uma seleção de onze casos publicados no *blog* que, de alguma maneira, fazem referência ao modo de estar no mundo do trabalho na Paraíba. Retratam os perfis dessa gente alegre, criativa, com consciência ecológica. Gente que está na feira, na “calçadinha” da praia, no mar, no quiosque, no salão de beleza, na oficina mecânica, no consultório odontológico municipal. Gente que se reinventa.

Linda, mais que demais



Uma Maria como tantas outras? Não. Maria das Neves é muito especial...

A cabeça branca se confundia, no momento do registro fotográfico, com os chapéus cor de palha. Ela vende chapéus na praia. A imagem dessa mulher especial sempre me chama atenção. Ela é doce e, claro, a idade é o que mais me sensibiliza.

Maria das Neves tem 77 anos. Já morou no Rio de Janeiro. É paraibana. Durante 20 anos vendeu peixe na Praça 15 junto com o marido. Depois voltaram para a Paraíba. Mas logo em seguida ficou viúva. Condição que não a fez esmorecer.

A suspeita de um problema na tireoide e a falta de assistência médica a motivaram a realizar um empréstimo de mil reais para pagar uma ressonância magnética. Felizmente, o investimento no exame tirado da pequena aposentadoria de um salário mínimo possibilitou confirmar que não tinha nenhum problema mais grave de saúde.

Em consulta anterior, o médico do atendimento público havia alertado que ela não poderia pegar peso. Cheia de autonomia, Dona Maria das Neves arrastou um armário. Como consequência da travessura, passou a sentir dores na região da tireoide. Como não gosta de dúvida, quis se assegurar de que não tinha nenhum problema mais grave.

Livre de preocupação maior com a saúde, fez um novo empréstimo. Dessa vez, para comprar umas “coisinhas” como ela diz, “para vender”. É preciso apresentar produtos interessantes aos clientes que passeiam pela calçadinha da praia nos fins de semana.

É... a história de Dona Maria das Neves é a história de muitas Marias deste imenso Brasil. Mas ela é tão linda... É diferente. Quando a abordei para perguntar se poderia conversar com ela porque a achava linda, ela me surpreende: “só ver você vir falar comigo já me deixa feliz”. Não é mesmo linda?

Essa paraibana da cidade de Esperança não permite que as rugas ou as dívidas a impeçam de ter um sorriso doce e acolhedor. A energia que transmite revela que tem esperança. Seria um modo de lembrar o nome da cidade onde nasceu?

Uma alegria que contagia



Enquanto a população se resguarda, em quarentena, os profissionais da limpeza urbana não param de trabalhar. Alegremente.

É o trigésimo nono dia de uma quarentena. Enquanto alguns cidadãos contribuem ficando em casa para que o fim do confinamento se aproxime, eles estão ali, em grupo, trabalhando muito para que, quando cada um de nós voltar às ruas, tudo esteja em perfeita ordem.

Munidos apenas de instrumentos manuais, um grupo de trabalhadores tira paciente e alegremente o barro que se acumula sobre o asfalto. Eles estão ali, ajudando no reflorestamento da mata, se somando à natureza para que as pessoas voltem à vida e encontrem tudo em seu devido lugar.

E se não existissem esses trabalhadores para organizar as ruas, proporcionar um equilíbrio entre a mata e o asfalto? Como seria o depois, quando tudo isso passar?

As máscaras que os protegem da contaminação pelo novo coronavírus não os impedem de sorrir. E devem mesmo sorrir, porque estão fazendo um grande bem à cidade, à população.

Eles se aglomeram em mutirão (o que, ironicamente, não é recomendado pelas autoridades sanitárias), mas parece que a alegria de fazer a limpeza aumenta a imunidade e os protege dessa doença letal.

Devemos ser muito gratos a esses grandes profissionais, muitas vezes desvalorizados. São eles que trabalham para que, em breve, estejamos transitando tranquilamente pelas ruas de nossas cidades, agora limpas e bem cuidadas. Obrigada, profissionais da limpeza urbana.

Não há encontros casuais. Mas há ajuda?



Ilustração: [Mairon Hasegawa](#). Profissionais do sexo sem cliente, sem dinheiro, sem possibilidade de estar em seu lugar de trabalho, as ruas. E agora?

Duas garotas vestidas com roupas casuais. Camiseta, minissaia jeans. Jovens, com aparência entre 16 e 19 anos, elas caminhavam com um policial. Os três com movimentos tranquilos. Mas era perceptível que havia algo estranho no ar. E havia, mesmo. As duas garotas procuravam alguns encontros casuais. São profissionais do sexo que foram conduzidas pelo policial para suas casas, pois, em período de quarentena, essa atividade deve ser suspensa.

Assim como essas duas garotas que acompanhavam o policial, há outras garotas de programa nas ruas. Isso é possível observar de nossas

janelas. Vemos, nas esquinas, as meninas em busca de trabalho. Grave risco de se contaminarem, de contaminarem os possíveis clientes com a Covid-19, doença que vem matando milhares de pessoas no mundo, provocada pelo [coronavírus](#).

Alguns projetos de lei [tramitaram na Câmara](#). O Ministério do Trabalho, por sua vez, chegou a reconhecer a prostituição como sendo uma ocupação profissional. Resta saber se essas duas garotas que acompanhavam o policial vão conseguir receber os 600 reais do Governo para sobreviver nesse período de quarentena.

Isso faz diferença



Por que será que a gente se comove ao ver alguém jogando lixo no lixo? Será pelo sentimento que temos em relação ao que chamamos de cidadania? Foi essa a sensação que tive ao ver o vendedor Josivaldo Pereira jogar no lixo as embalagens de picolés que acumula na pequena lixeira acoplada ao carrinho que comporta mil picolés.

O sonho de consumo de Val é ter uma “maquininha” de recolher lixo. Acha “prática.”

Esse sentimento se manifesta mesmo quando o contexto é uma cidade limpa e verde, como João Pessoa. O evento, que poderia ser algo corriqueiro, foi um diferencial naquele fim de tarde, na praia de Manaíra.

Val, como é conhecido, adotou o ofício de vendedor de picolé há oito anos. Desde então, recolhe as embalagens da cestinha ou da sacola de lixo de seu carrinho e joga o material nas lixeiras espalhadas pela cidade.

O sonho de consumo de Val é ter uma “maquininha” de recolher lixo. Acha “prática”. Esse sonho faz toda a diferença.

Durante o percurso diário de cerca de dez quilômetros que faz vendendo picolés pelas praias e ruas de João Pessoa, o zeloso paraibano tem como hábito recolher embalagens e outras sujeiras largadas nas praias de Intermares, Bessa e Manaíra, seu roteiro há quase uma década.

“Foi painho quem inventou”



Uma garrafa de plástico, detergente e água resolvem o problema. Nada de uma bacia cheia de água, prática tradicionalmente adotada, para verificar se um pneu está furado. A ideia é do borracheiro paraibano José Pereira, hoje aposentado, aos 76 anos.

Aos oito anos de idade, Luciano Pereira via a invenção do pai, que colocava o detergente diluído em água em um frasco vazio de desodorante, de 350 ml, para verificar se havia furo nos pneus de carros, motos e bicicletas.

Logo o menino passou a seguir os passos do pai inventor. Aos 12 anos já usava a técnica, que é simples: são lançados pequenos jatos de água com sabão sobre o pneu. Se borbulhar, tem furo ou corte no pneu. A diferença é que o filho utiliza garrafas vazias de refrigerante de 1 litro e meio, as chamadas garrafas “pet” – resultado de um composto químico de etileno.

Segundo Luciano Pereira, a ideia se espalhou por aí. Muitos borracheiros adotam. Para o filho do inventor, “isso é bom, pois além de economizar água, a técnica evita a proliferação de insetos e as pessoas não necessitam de tanto espaço para montar o próprio negócio”.



Em vez do plástico, a velha embalagem de papel



Apesar da ampla difusão de que o plástico em contato com alimentos quentes provoca danos à saúde, muitos comerciantes de alimentos no Brasil, sem a devida cobrança dos órgãos competentes, mantêm o hábito de servir aos consumidores o cafezinho no copo plástico ou o sanduíche quente em saquinhos de plástico.



Feliz, Neilma Moura exibe a embalagem sustentável na qual será servido o seu sanduíche

Alguns vendedores, no entanto, são mais abertos às mudanças ao tomarem conhecimento de que determinadas práticas podem prejudicar a saúde das pessoas. Uma dessas exceções é o comerciante Marcelo Martins, antigo proprietário de um quiosque da Universidade Federal da Paraíba.

Ao ouvir da funcionária pública, Neilma Moura, que o alimento quente servido em saco plástico pode provocar câncer de mama, o vendedor imediatamente providenciou uma sacola de papel para servir o sanduíche. E garantiu que adotaria

sempre o papel para embalar os alimentos quentes e xícaras de vidro para servir o cafezinho.

A informação passada por Neilma Moura ao comerciante Marcelo se fundamenta em uma investigação feita por pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (UFBA) que encontraram relações entre plásticos submetidos a altas temperaturas e o câncer. Além desse aspecto do aquecimento, alguns produtos de plástico que fazem parte do cotidiano também liberam o BPA (Bisfenol-A), composto que vem sendo investigado por endocrinologistas pela possibilidade de desencadear problemas de tireoide, elevação na taxa de glicose e obesidade.

Dono de um carrinho que vende tapioca e cafezinho na orla de João Pessoa, o professor de voleibol, Aelson Santos, já ouviu falar que o plástico aquecido provoca câncer. Por isso mesmo, toma algumas medidas. Uma delas é embalar a tapioca em saco de papel. Também prefere servir o cafezinho em um copo de coloração mais escura, que já utilizou por algum tempo. Acredita que o material não libera toxinas.

O vendedor não sabe do que é feito o copo, mas tem consciência de que se trata de embalagem sustentável. Suspeita que é produzido a partir das folhas de bananeiras, seguindo o [exemplo das pesquisadoras tailandesas](#) que criaram pratos com as amplas folhas da planta.

Para continuar a vender o café no copo alternativo, Aelson Santos se depara com um empecilho: não tem encontrado o produto no comércio local. Mas já considera a possibilidade de comprar pela internet, onde sabe que há muitas ofertas.



Aelson Santos tem o cuidado de servir o alimento da forma mais saudável

Entre o supermercado e a feira, diferenças básicas



Na hora de escolher se vamos abastecer nossa casa com alimentos da feira ou do supermercado, alguns elementos fazem toda a diferença

O modo como se diz algo influencia na maneira como se recebe a informação. O método como se produz algo também faz toda a diferença no momento de se apresentar o produto. Tomemos como exemplo o caso de um alimento oferecido por uma pessoa paga para apresentar um produto nos corredores de um supermercado e um produtor que vende na feira o fruto de seu cultivo.

No supermercado, a pessoa, muito bem apresentada, nos mostra o produto para o qual foi paga para divulgar. Em um modelo-padrão de comportamento, a pessoa nos oferece a opção de degustar a iguaria. Geralmente o produto é exposto em uma bandeja pendurada no corpo da pessoa.

Na feira, o produtor também nos oferece a opção de degustação. Mas o modo como esse produtor nos mostra aquilo que trouxe do campo, carrega consigo o modo de ser dessa pessoa. Trata-se de uma representação da cultura do produtor rural. Geralmente vem associado a

alguma pequena história, seja sobre o fruto de seu contato com a terra, seja da tradição que aquele alimento traz.

O passeio por uma feira de produtores geralmente nos faz retornar para casa com o nome de mais alguém em nossa agenda. Foi isso que aconteceu em mais uma dessas saídas de casa para comprar produtos caseiros. E dessa vez não se trata de uma ida à feirinha de produtores que, uma vez por semana, nos traz produtos frescos. Trata-se de um grande evento que reúne muitos artesãos, produtores rurais, gente que fala com propriedade sobre o produto que comercializa.

Na barraca de mel, me deparo com Claudete e Lara Mangureira. Mãe e filha. A colher que continha o mel de diferentes floradas oferecido à cliente era posteriormente guardado em um pote com tampa. Por qual razão? Para não atrair insetos. Generosamente, Dona Claudete Mangureira ensinou: “consume apenas uma colher de mel por dia. É suficiente e garante que a taxa de glicose mantenha-se baixa”.

Já a filha, Lara, preocupava-se em saber se a preferência da cliente estava mais voltada para o sabor suave (de cor clara) ou forte (de um marrom muito escuro). O excêntrico gosto da Jurema (o mel escuro) foi a escolha da cliente. O sabor acentuado incentivou ainda mais a cliente a consumir apenas uma colher de mel ao dia.

É... Se a pessoa gosta de interagir e de saber mais sobre os produtos que leva à mesa de sua casa, não dá mesmo para comparar o supermercado com a feira do produtor.

No lindo cabelo, microrganismos prontos a agir



Uma parte considerável da vida de muitas pessoas é dentro de um salão de beleza. Como resultado, vê-se um cabelo com melhor aparência. E, normalmente, a autoestima se eleva. O que não faz parte das preocupações das pessoas ao frequentar o salão são os cuidados com a higienização das escovas de cabelo.

Apesar das exigências da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) de que as escovas sejam devidamente esterilizadas, poucos salões de beleza seguem com rigor o que determina o órgão controlador, que por sua vez delega as exigências às administrações locais.

O resultado da falta do esterilizador é a proliferação de bactérias, vírus e fungos. Os microrganismos são transmitidos pela escova, provocando seborreias, feridas, caspas.

O que está bem claro para a cabeleireira Adriana Dantas é que não deve usar uma escova de cabelo que tenha sido usada em outro cliente sem, antes, passar pelo esterilizador de escovas. “Ao sair do higienizador a escova precisa ser isolada, ainda quente, em papel filme, devendo ser desembalado diante do novo cliente”, explica a empresária.



O esterilizador de escovas é uma máquina simples, de fácil manuseio. Após cinco minutos na água quente, as escovas estão prontas para o uso

Essa prática é adotada por Adriana Dantas desde 2003, quando montou o salão. “O esterilizador de cabelos, assim como o autoclave para alicates de unhas são equipamentos básicos”, garante. O detalhe é que, em 14 anos de funcionamento, o salão nunca recebeu uma visita dos agentes fiscalizadores.

A cliente Graça Lima acha importante a esterilização das escovas para evitar problemas de saúde, especialmente em crianças que, cada vez mais, frequentam salões de beleza. “Tenho receio de que minha filha, pré-adolescente, pegue lêndeas e piolhos. E isso é muito fácil de acontecer por aí. Nunca vi o esterilizador de escovas em outros salões que frequento”, denuncia.

O que se pode ver nas normas da Anvisa e do Governo Federal é que cabe aos estados e municípios exigir dos salões de beleza determinados equipamentos. Na Paraíba, ainda não há um rigor quanto ao uso do esterilizador de escovas. Consciente, a cabeleireira de João Pessoa se antecipa. A meta é proteger a clientela.

Tem gente que sabe o que quer



Algumas pessoas decidem muito cedo que atividade profissional querem exercer. Uma delas é Simon Luna, mestrando em Consumo Cotidiano e desenvolvimento social. Jovem dinâmico, divide com colegas da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) as reflexões sobre o papel da Economia Criativa no mercado de trabalho contemporâneo.

Antes de fazer mestrado, esse cearense da cidade do Crato graduou-se em Design de Produtos e fez especialização em Inovação Social e Economia Criativa. Essa coerência no caminho acadêmico teve início quando ainda estava no Ensino Médio. O então garoto começou a produzir mochilas, como designer e modelista.

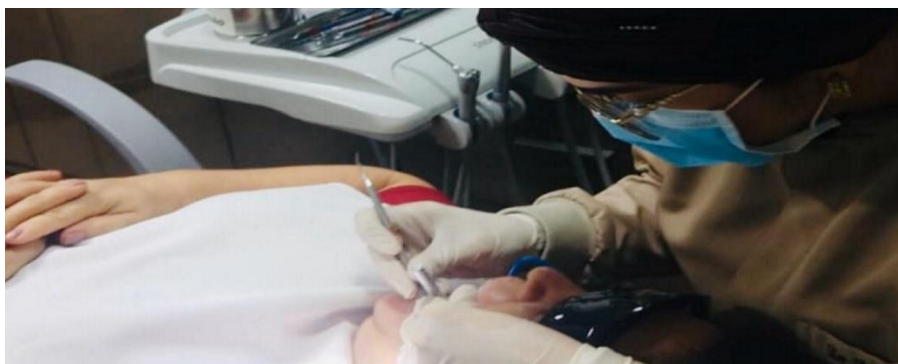


Logo cedo percebeu que Economia Criativa, pautada na capacidade criativa dos indivíduos, de acordo com a cultura e o desenvolvimento local, seria uma forma de fazer a diferença no mercado de trabalho do século XXI.

Hoje, participa de feiras Brasil afora. Foi na Feira de Economia Criativa realizada no Espaço Cultural, em João Pessoa, que destacou-se mais uma vez com as atraentes criações, como o alforge (bolsa para bagageiros de bicicletas), tão procurado por ciclistas que optam por um meio de transporte sustentável.

Podemos dizer que Simon Luna é um jovem visionário. Sabe o que quer, tem um olhar no futuro e faz do presente um acontecimento.

Se todos fossem iguais a ele, que maravilha seria



Às vezes, um pequeno problema pode transformar o dia de uma pessoa em uma data inesquecível. Especialmente quando o problema é solucionado com leveza e alegria

Se um porteiro é uma pessoa que, na portaria, resguarda o ambiente de alguma inconveniência, Cláudio tem uma postura bem diferente dos padrões de comportamento habituais dos guardiões comuns.

Cláudio adota, antes de qualquer coisa, a sensibilidade.

Se o telefone tem problema, ele se esforça para compreender o que diz o interlocutor, do mesmo modo como se esforça para atender à demanda. Foi assim que aconteceu em uma manhã de domingo, quando assumiu, também, a função de secretário. Ao telefone, se dispôs a resolver a necessidade de atendimento de emergência da paciente.

O Centro de Especialidades Odontológicas não tem instrumentos para atender emergências em casos de ortodontia. Mas Cláudio conversou com a Dra. Larissa Medeiros e a convenceu a atender a paciente, que aguardava a reposta

ao telefone.



Ao chegar ao CEO, a paciente é recebida pelo eficiente porteiro. De modo cordial, Cláudio pede que ela preencha a ficha cadastral. Foi essa a única burocracia a ser enfrentada. A paciente aguarda na antessala simples e cuidadosamente limpa.

O ambiente é coerente com o perfil do porteiro. Tudo

funciona. As paredes pintadas em tons pastel exibem apenas as informações necessárias. Os banheiros simples têm sabonete, toalha, cheiro de limpeza.

No consultório, a Dra. Larissa recebe a paciente com um largo sorriso: “Seja bem-vinda. Vamos ver como podemos cortar esse fio. Não temos alicate, mas a broca vai resolver o problema”.

E, assim, a paciente volta pra casa toda feliz naquele domingo especial, em que conheceu Cláudio, a dentista Larissa e um centro que merece ser reconhecido como um dos melhores espaços de atendimento odontológico da cidade.

“Eu tenho o sol, a cor e o mar”



É sempre bom ver alguém que sabe transformar dor em amor. Amor muitas vezes impresso no mais belo sorriso, que nem sempre tem dentes

Ele não tem documentos, não tem emprego nem acesso às informações que lhe garantem a cidadania. O dente que lhe falta não parece fazer falta. Aos olhos de quem o vê, essa falha logo aparece quando ele abre um sorriso ingênuo, espontâneo. Para ele, há sempre um motivo para sorrir.

Com essa capacidade de ver razões para ser feliz em pequenas coisas, Abel Ferreira do Nascimento aproveitou as águas mornas do mar tropical nas primeiras horas da manhã. Deitado na areia permitia que o mar brincasse com suas roupas, desenhando formas que mudavam a cada movimento das ondas na chegada à praia.

Assim como o mar se renova, o homem magro, alto, de pele negra, se revigora para continuar a buscar nas areias brancas o lixo que, ao mesmo tempo em que polui, gera possibilidades para quem sabe transformar lixo em luxo.

E foi com esse potencial transformador que o marceneiro transformou a cadeira de rodas, que ganhou de uma amiga, em uma sólida

base para o carrinho que o acompanha nas aventuras em busca de material a ser reutilizado, gerando novas possibilidades de sobrevivência na cidade.

É assim que Abel Ferreira do Nascimento revela que, quando tudo parece estar perdido, junto com os documentos que foram parar em um lugar desconhecido, novas perspectivas surgem.

O largo sorriso e a capacidade de aproveitar cada momento do dia são características que revelam que ele tudo tem. Tem um trabalho quando lhe falta a oportunidade de emprego que se foi; tem sensibilidade para perceber a energia que o sol e o mar oferecem. Tem alegria ao encontrar a repórter que se aproxima por perceber que ali está um personagem especial. Alguém como poucos.



Que realidade estes casos atualizam no mundo do trabalho da Paraíba?

Tendo escolhido João Pessoa para morar, a linda Maria das Neves e o criativo Abel Ferreira, ambos com mais de 70 anos de idade, compõem uma dura realidade: mais da metade da população da Paraíba vive na informalidade. É o que apontam os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgada em 14 de fevereiro de 2020 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As histórias de Aelson Santos e das demais personagens anônimas, mais jovens, que o olhar sensível da jornalista-pesquisadora desvela, retratam a mesma situação. Os casos selecionados que não se enquadram na condição de informalidade, mas que compõem este ensaio-reportagem, apontam para um outro dado: muitos profissionais não são valorizados como mereceriam. Pessoas que fazem a diferença.

ESTRATÉGIAS DO ASFALTO

Se meu carro falasse

Cibelly Correia¹

Pego o celular, clico no aplicativo, coloco o destino, o programa localiza 5 motoristas próximos ao meu local. Valor do trajeto R\$ 13,97. Vejo quem aceitou a corrida, a placa do carro e quantos minutos de espera. Nesse tempo, imagino a história de cada condutor. São homens, mulheres, jovens, adultos, idosos, uma pluralidade de pessoas, que muitas vezes não conseguem se recolocar no mercado de trabalho ou que precisa de uma renda extra para sustentar a família. Após os 4 minutos de espera, para um carro. Verifico a placa. O motorista abaixa o vidro. Cibelly? Entro no veículo. Bom dia. Centro, certo? Balanço a cabeça confirmando e seguimos viagem.

Em dezembro de 2018, eu comecei a fazer parte dos milhões de veículos que trabalham com motoristas de aplicativo. Meu proprietário era o Carlos Alberto Moreira, de 54 anos. Antes de trabalhar comigo, Carlos era supervisor operacional em uma filial de uma empresa de elevadores que atua em João Pessoa, na Paraíba. Após mudanças na companhia, ele acabou sendo demitido. O tempo foi passando, Carlos deixou vários currículos em diversas empresas e nada. Nenhuma ligação recebeu. Mas ele precisava de um emprego para sustentar sua família. Foi então que ele decidiu me comprar. Eu, um Corsa Classic, do ano de 2010, já bastante maltratado. Mas pelo me-

¹É paraibana, graduada em Comunicação Social – Rádio e TV e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Produção de Conteúdo para Mídias Digitais, pela Faculdade Nossa Senhora de Lourdes. Atualmente é repórter da Rádio Tabajara, uma emissora da Empresa Paraibana de Comunicação. Escreveu o livro “Closes – Narrativas Literárias sobre vida e obra de artistas paraibanos” (2016), como trabalho de conclusão do mestrado. É uma das autoras do livro *Magistrado e a Arte Musical – Perfis*.

nos estava na idade permitida pelas empresas de motoristas de aplicativo.

E lá fomos nós no nosso primeiro dia de trabalho. Carlos liga o aplicativo e, minutos depois, aceita a corrida. Puxa, que legal, conseguimos o primeiro passageiro. Ficamos empolgados. Ao final do dia, o apurado não foi muita coisa, no entanto para quem estava sem trabalhar, qualquer dinheiro é animador. Durante a semana, trabalhamos das 6 horas às 19 horas. Aos sábados, das 7 horas às 3 horas da tarde e domingo a gente descansa. Com isso, o ajudo a ganhar uma média de 5 a 6 mil reais por mês e a metade desse valor é gasto com combustível, pneu e óleo. Por ter uma idade avançada, eu preciso estar ainda mais bem apresentável para o passageiro. Tenho que permanecer sempre lavado, cheiroso para receber uma boa avaliação. Se eu recebo notas ruins, Carlos faz menos corridas.

Em 2016, a Uber foi a primeira empresa, nesta modalidade, a chegar à Paraíba. Desde então a tarifa não foi reajustada. No início, os motoristas ganharam muito dinheiro. Hoje é preciso trabalhar bastante para conseguir pagar as contas. Antes, o motorista trabalhava uma média de 8 horas por dia. Agora tem que trabalhar 12 horas, para ganhar menos do que se ganhava há quatro anos. No Brasil, a empresa chegou em 2014 e já está em mais de 500 cidades do país, incluindo todas as capitais e principais regiões metropolitanas. Além do serviço de motoristas por aplicativo, a Uber também dispõe de outras atividades, como de entrega pelo UberEats, algumas regiões têm alugueis de Patinetes e o recurso de Transporte Público, que exibe no app da Uber informações em tempo real de linhas de ônibus, trens e metrô. Só no Brasil, são mais de um milhão de motoristas/entregadores cadastrados neste aplicativo, para atender 22 milhões de usuários. Os dados da Pesquisa Nacional de Empregados e Desempregados (Pnad) Contínua Trimestral mostram um aumento de 137,60% no número de motoristas que trabalham por conta própria, comparando os quatro

trimestres dos anos de 2012 e 2019. Impulsionados pelo surgimento dos aplicativos de mobilidade, aproximadamente 666 mil novos motoristas surgiram.

Esse serviço vem se tornando uma das principais fontes de renda do brasileiro. E essa foi a realidade que teve que ser enfrentada pelo meu proprietário. A esposa do Carlos não trabalha, mas tem uma renda, então junta com o que ele ganha e conseguem viver bem. Porém, aqueles que não têm outra renda, viver como motorista de aplicativo é passar por dificuldades.

“Deveria haver um reajuste nas tarifas. Mas as empresas não estão nem aí. Essas operadoras não perdem nada, só quem perde é o motorista ou o passageiro. Vou lhe dar um exemplo: Se a corrida é para um lugar distante, o trajeto para buscar um passageiro quem banca é o motorista. Muitas vezes essa corrida é para locais próximos, então não compensa. Se ganha menos do que se gasta. Se as empresas de motoristas por aplicativos fossem mais parceiras, esse deslocamento seria bancado por elas”, falou Carlos.

Hoje sobra um pouco mais de 2 mil reais ao mês, bem menos do que meu dono ganhava como supervisor. Existe quem consegue ganhar um pouco mais. Motorista mais novo, que não é casado ou não tem filhos, que trabalha pelas madrugadas, principalmente no final de semana. Tem inclusive quem consiga pagar até 1300 reais no aluguel de carro. Eu acho uma loucura trabalhar com carro alugado. Não sobra quase nada para o motorista, além dele se expor muito trabalhando noite adentro. É muito perigoso.

E por falar em correr riscos, nós já vivenciamos algumas péssimas experiências. Uma delas aconteceu em 1º de março de 2019, às 18 horas, quando buscamos dois passageiros próximos o supermercado Extra, localizado na Avenida Epitácio Pessoa, em João Pessoa. Era uma senhora e o filho dela, que tinham ido sacar dinheiro em um caixa eletrônico. Acho que eles não foram discretos com relação ao

dinheiro que tinham tirado. Então, quando os passageiros entraram, o ladrão abriu a minha porta e gritou: PASSA A BOLSA, PASSA A BOLSA. Começou um verdadeiro cabo de guerra entre o bandido e os passageiros. O criminoso conseguiu arrancar o acessório e fugiu em uma moto com o comparsa. Nesta hora, ele mirou na mulher e atirou. Eu sentir meus vidros esvaçados. Ouvi também o grito de Carlos. O tiro atingiu o pescoço dele e bala ficou alojada bem próxima a coluna. Mas ele se manteve calmo, foi para o hospital, onde conseguiu que o projétil fosse removido. E eu, que já não era tão novo, fiquei destruído e com os assentos ensanguentados. Apesar do prejuízo financeiro, Carlos não ficou com sequelas.

Eu sei que cada veículo guarda histórias e escuta um pouco de tudo. Posso dizer que muitas vezes são relatos constrangedores, outros tristes e alguns alegres. E o motorista, é claro, acaba sendo, em algum momento, um psicólogo, um conselheiro matrimonial, um advogado. Posso dizer que meu dono é uma pessoa muito tranquila, bastante formal e tem uma boa relação com os passageiros. Ele sempre procurou ouvir, ajudar e dar algumas palavras de conforto a quem precisa. Mas já passamos por cada situação. Uma das cenas que mais me marcou foi quando fomos buscar uma mulher e tivemos que levá-la a delegacia.

— Boa noite.

— Boa noite. Delegacia, certo?

Ela balançou a cabeça confirmando o destino. As marcas da violência doméstica não estavam só presente em seu corpo, tinham destruído toda a sua esperança. A passageira chorava bastante, mas lágrimas caíam silenciosas, como um grito de liberdade. Naquele momento, Carlos começou a conversar e isso a manteve mais calma. Depois ela deixou um comentário no aplicativo elogiando meu proprietário. Por ter esse jeito, ele conquistou a confiança de alguns passageiros, que se tornaram clientes assíduos.

Eu e Carlos nos tornamos grandes amigos. Só que eu dava muito prejuízo. Apesar de ser um ótimo carro, ter um motorzinho bom e ser econômico, o meu antigo dono não cuidou tão bem de mim. Logo quando fui comprado por Carlos, já comecei a apresentar problemas, tinham batido em mim, depois veio o dano daquele assalto. Muita coisa aconteceu. Percebia que o meu chefe estava preocupado comigo e torcia para que algum carro batesse em mim novamente para, então, pagar o meu conserto. Um dia a oração dele foi ouvida. Infelizmente quando aconteceu foi com uma motorista, que dirigia um Palio bem mais velho que eu. A sorte foi que o veículo tinha seguro. Meu conserto logo custaria mais caro do que o meu valor. Comecei a ficar triste, pois sabia que nossa separação iria ocorrer em breve. Eu tinha conhecimento que Carlos vinha paquerando outro veículo. Era um Fiat Grand Siena, do ano 2016, movido a gás, que teve apenas um único proprietário. Após um acordo com o dono da concessionária e o dinheiro que consegui com a seguradora, aconteceu a nossa separação. Foi um pouco mais de um ano em parceria com meu amigo e chefe, mas eu já estava velho e cansado demais para o trabalho. Com o Grand Siena, o Carlos pode entrar para uma nova categoria, o Uber Comfort.

Mesmo trabalhando, ele continuava procurando outro emprego. E foi assim que conseguiu uma vaga em uma empresa que vende investimento na área de Bitcoin. O salário era apenas 1000 reais. A vantagem é que ele poderia fazer o próprio horário e, com isso, continuar atuando como motorista. Mas surgiu o novo coronavírus e a empresa suspendeu os planos de expansão para depois da pandemia. Meu agora então ex-patrão também não sentiu uma base sólida da empresa e desistiu do emprego.

Nesse mesmo período, ele suspendeu o trabalho como motorista, apenas deu suporte a um dos clientes que é deficiente visual, levando-o ao banco, farmácia ou hospital caso necessário, mas sem-

pre seguindo as orientações de prevenção dadas pela Organização Mundial de Saúde, como usar máscara e higienizar as mãos com álcool em gel.

Infelizmente a realidade do meu ex-proprietário é a de muitos brasileiros. Sem renda para pagar a escola do filho, ele contou com a ajuda financeira da mãe. Além de ter dado entrada no auxílio emergencial do Governo Federal, no valor de 600 reais. Mesmo com o trabalho de motorista suspenso, Carlos buscou se especializar através de cursos gratuitos, nas áreas de gestão financeira e empresarial. Durante a pandemia, ele não quis assumir nenhum emprego, porque a esposa e o filho fazem parte do grupo de risco, e ele teme contrair a covid-19. “Antes as dívidas do que a dúvida da doença”, já dizia. Quando voltar tudo ao normal, Carlos ainda vai continuar o trabalho como motorista de aplicativo até que uma nova oportunidade apareça.

O relógio marcava 2 horas da manhã. Voltava de uma festa. Decido pedir um Uber. Minhas amigas ficaram preocupadas por causa do horário e pelo fato de ir sozinha em um carro com um desconhecido. Mas não tinha muito que fazer naquele momento. Aplicativo localizando o motorista em 3 2 1. Corrida aceita. É uma mulher. Entro no veículo e digo que é uma surpresa e um alívio ir com uma motorista. Ela sorri e diz que me entende muito bem o meu sentimento.

A imagem do motorista há alguns anos é associada ao universo masculino. Mas é cada vez mais comum nos depararmos com uma mulher. E foi assim que Monica Maria de Oliveira Melo, de 40 anos, que é minha proprietária, decidiu ser “uber”. A ideia surgiu em 2018, quando ela estava na cidade do Recife e solicitou uma corrida através de um aplicativo. E eis que vem a surpresa: uma garota ao volante. A capital de Pernambuco é bem maior que João Pessoa e é conhecida por seus grandes engarrafamentos e pelos problemas com a violência. “Se ela se arrisca como motorista nesta cidade, então deve ser tranquilo para mim também”, pensou Monica motivada.

Monica é formada em jornalismo e trabalha como assessora de imprensa no período da manhã, na Secretaria de Comunicação da Prefeitura de João Pessoa. Mas o salário não supria as necessidades. Sempre pensava em como ter uma renda extra. Eu só percebi qual era essa ideia quando a vi fazer o cadastro em um das empresas que trabalha com motoristas de aplicativo. Respirei fundo e pensei: vamos lá, nós conseguiremos.

Prazer, sou um Gol, 2009, geração 4, e com um motorzinho básico 1.0 e vou te contar a nossa história. Nesta jornada sabia que teria que me esforçar, porque minha idade era avançada para o setor e Monica teria que, em breve, me trocar para outro veículo. E foi assim que após um ano fui trocada pelo novinho Onix, ano 2019. Por enquanto, esse automóvel é só um coadjuvante nessa narrativa.

Estávamos na garagem do prédio, quando Monica liga o aplicativo. Vejo em seu rosto uma mistura de ansiedade e expectativa. “Será que vai demorar para alguém pedir uma corrida?”. Minutos depois, um chamado. Saímos. Era uma passageira. Monica estava nervosa e com medo de cometer alguma gafe. Logo se atrapalhou ao usar o navegador, errando o caminho, mas a mulher foi bem compreensiva. Ufa. Deu tudo certo. Nos primeiros dias ela ainda ficava perdida, mas com o tempo foi se habituando e inclusive tomou gosto pela profissão.

Além de jornalista, Mônica também tem especialização em Língua Portuguesa e pretende fazer Mestrado em Sociologia. Já ganhou prêmios na sua área de atuação, foi reconhecida, e, de repente, se viu trabalhando como motorista de aplicativo. E este é um cenário cada vez mais comum, pessoas com formação ganhando espaço na informalidade. Isso fez com que ela se sentisse rebaixada. Tanto é que, no início, não contava para nenhum passageiro que era jornalista. Nem dizia para as pessoas que conhecia que estava trabalhando como ‘uber’. Levou um tempo para ela vencer essa barreira. Hoje con-

segue falar com mais naturalidade e ainda compartilha algumas das histórias que vivencia nas suas redes sociais. Monica entendeu isso não é vergonha, não é demérito. Só mostrou que ela tem a capacidade de se reinventar e correr atrás.

E a habilidade de se reinventar tem se tornado cada vez mais necessária, pois, no Brasil, já são aproximadamente 13 milhões de pessoas desempregadas, de acordo com pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Com um cenário pessimista para os empregos formais, as pessoas buscam alternativas de trabalho, para garantir seu sustento ou complementar a renda. Só nos últimos anos, o mercado de aplicativos de serviços – como Uber, 99, iFood e Rappi – se tornaram, em conjunto, o maior 'empregador' do País. Em 2019, mais de 4 milhões de trabalhadores autônomos utilizavam as plataformas como fonte de renda. Esses aplicativos representam as mudanças na oferta de serviços, e acompanham transformações significativas nas relações de trabalho. Com esse contexto, e a necessidade das pessoas de ganharem dinheiro para sobreviver, surgiu o que ficou conhecido como a uberização do trabalho. O termo "uberização" vem do Uber e é um modelo mais informal, flexível e por demanda. Esse fenômeno tem despertado discussões na sociedade, principalmente pela insegurança que a informalidade representa e pela própria função.

Ah a informalidade tão incerta. Hoje se ganha bem, amanhã quase nada. Monica até que consegue tirar uma grana boa no fim do mês, isso porque ela mora com os pais e não tem gasto com aluguel ou prestação de casa. Geralmente durante a semana, rodamos depois que ela sai da Secretaria de Comunicação, das 13 às 19 horas. Fim de semana, o trabalho tem início no meio da tarde até umas 10 da noite. É exaustivo tanto para mim como para ela. Além disso, corremos muito risco, como assalto, assédio, acidentes.

Lembro de uma situação que me deu muito medo. Até pensei em me fingir de morto, ou melhor, que a minha bateria tinha arriado, só pra Monica desistir da corrida. A chamada era para um bairro que eu não tinha costume de andar. No caminho, percebemos que seguíamos por uma rua estreita e sem saída, as pessoas olhavam fixamente para nós... E eu pensando: Monica não vai. Ela percebeu que o caminho estava muito esquisito, recuou e decidiu deixar a corrida para o próximo motorista. Para evitar tentativas de assalto, ela também parou de receber o valor da corrida em dinheiro, agora o pagamento é feito apenas no cartão.

Além da falta de segurança com relação a assaltos, também sempre vemos relatos de mulheres que trabalham como motoristas de aplicativos de que são vítimas de assédio durante o trabalho. Com Monica não poderia ser diferente. “Você não quer sair para jantar comigo depois que acabar o expediente?”, falou um dos passageiros. Com medo, mediu as palavras para dispensá-lo. O temor de ser assediada não é só das motoristas, mas também das passageiras.

Era um fim de semana à noite. Entra uma garota bem produzida.

— Oi, Monica. Tudo bom? Nossa, fiquei muito feliz quando vi que era uma mulher. Já passei por momentos em que o motorista não me passava confiança, me olhava de uma forma estranha. Por isso, sempre digo o número da placa do carro para meus amigos ou familiares ou compartilho o trajeto para eles acompanharem a corrida.

— Infelizmente isso é algo que as mulheres ainda convivem em qualquer ambiente. Eu, por exemplo, já fui até pedida em casamento.

— Em casamento? E não era brincadeira?

— Não! Não era. Isto aconteceu quando aceitei uma corrida e era um casal de paquistaneses. A mulher vestia um sári amarelo belíssimo e o homem estava todo de branco. Pareciam indianos. Tagare-

la do jeito que sou, decidi testar meu inglês para saber um pouco sobre a cultura deles. Com o passar do tempo, o homem começou a fazer perguntas de cunho pessoal, se era solteira, com quem morava. Aos poucos comecei a ficar incomodada. E logo em seguida o cliente pegou o celular, fez uma chamada de vídeo para o irmão que estava no Paquistão e tentou fazer um casamento arranjado.

— E ele era bonito?

Risos.

— Era bonitão. Mas tudo foi ficando bem estranho. “Hiiii” (Oi, em inglês), respondeu o pretendente. Dei xau sem jeito. Travei no inglês e comecei a gaguejar. Estava cada vez mais constrangida. E o passageiro continuou insistente. E ambos os solteiros, eu e o irmão dele, começamos a ficar incomodados com a situação.

— E você passou seu contato?

— Não, a conversa não teve continuidade. As coisas não podem ser assim. Estava me sentindo pressionada.

Por causa de notícias e relatos sobre assédio envolvendo motoristas de aplicativos surgiram serviços que trabalham exclusivamente com mulheres. Esse é o caso do Lady Driver, que atua e atende apenas o público feminino – homens não podem chamar o serviço. Uma pesquisa feita pelo aplicativo revelou que quase 48% de motoristas mulheres já sofreram algum tipo de assédio enquanto trabalhavam. Com iniciativas como essas as passageiras e as motoristas se sentem mais confortáveis e seguras. O Uber também lançou o “Elas na Direção”, uma iniciativa para aumentar o número de mulheres na base de motoristas do aplicativo, que conta atualmente com apenas 6% do público feminino cadastrado no aplicativo. No que diz respeito à segurança das mulheres contra assédio, a Uber é a única plataforma em que o usuário pode compartilhar com um terceiro os dados da sua viagem e a sua localização, em tempo real, a cada viagem.

Além dos assédios, eu já presenciei de tudo. Ouvi Monica chorar desesperada pelos boletos que estavam por vencer, pela falta de perspectiva no trabalho. Escutei reclamações de dores, por ela passar muito tempo sentada dirigindo. Percebi o quanto o trânsito caótico aumenta o estresse. Já sofri um acidente. Foram muitos momentos tristes e de superação. Mas eu tive que passar o bastão. Precisava parar. Assumi por pouco tempo a minha função outro veículo, um Onix, de cor vermelha, que eu tinha falado anteriormente.

Mas em janeiro de 2020, a mãe de Monica sofreu um AVC hemorrágico e ficou vários dias entre a vida e a morte. Neste período, ela também precisava dar assistência ao pai que tem Alzheimer. O trabalho como uber de foi suspenso temporariamente. E o que ninguém poderia esperar aconteceu. Veio a pandemia. O decreto para funcionar apenas os serviços essenciais provocou uma queda de quase 100% nas corridas. Não valia a pena continuar, principalmente pelo risco de contaminação pela Covid-19. Como jornalista, Monica começou a fazer o trabalho em casa. Tentou reduziu as despesas, mas outros gastos aumentaram. Porém, a maior preocupação no momento era a família. Depois que tudo passar, ela ainda pretende continuar como motorista até estabilizar as contas ou até novos destinos e desafios surgirem.

Rodapé - Hoje em dia é comum encontrar pessoas de todos os gêneros, idades e escolaridades trabalhando como motoristas de aplicativos. Mas as histórias que escutei e observei me fizeram entender que, mesmo com tanta diversidade, esses motoristas passam por situações semelhantes, como a falta de oportunidades de trabalho, os perigos da profissão durante o dia a dia e os riscos da informalidade. A tendência é que esse cenário amplie, principalmente diante do grande número de desempregados no País.

O ciclo familiar da reinvenção

Aderlon Amorim¹

“Esse não pode ser como o ano passado”. Foi o que ouvi quando juntos festejamos a chegada de 2020. Aquela celebração familiar do dia 31 de dezembro de 2019 parecia ser uma abertura para um novo normal nas nossas vidas. E foi. A minha família é bem unida e todos os anos nos reunimos nas principais datas comemorativas para celebrarmos a vida e comermos muito.

Os pratos cheios de comida que ficam espalhados pela mesa são produzidos pela minha cunhada e todos contribuem com uma quantia simbólica em dinheiro para que a festa aconteça. E claro, ela tem uma equipe que ajuda nos detalhes da ornamentação e sonoridade do ambiente.

Meu filho é jornalista. Busco me informar através da televisão, do rádio, mas com a ascensão das redes sociais, muitas informações chegam a mim todos os dias. Acredito em algumas. Quando o assunto é muito polêmico eu costumo perguntar para ele: “— Isso é verdade mesmo?”. Faz pouco tempo que abandonei o celular de botão. Eu até gostava dele. Mas depois que comecei a usar o aparelho digital, tudo mudou. Fiz até uma conta no *Instagram* para divulgar o meu trabalho.

No dia 31 de dezembro de 2019, o governo chinês faz um alerta sobre o surgimento de um novo coronavírus (Covid-19). A princípio essa informação não trazia consigo um peso que pudesse modifica às práticas de rotina da população brasileira. O clima era de festividade por aqui. Nada poderia impedir que as famílias se encontrassem para celebrarem uma nova fase em suas vidas.

¹Jornalista, aluno especial do Doutorado em Linguística - Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Práticas e Produtos Jornalísticos - UFPB. E-mail: aderlonamorim@gmail.com.

Não vou dizer que na minha família não tem discussão. Inventaram de fazer uma premiação de fim de ano para as pessoas que mais se destacaram em 2019.

Minha sobrinha estava animada e vibrava quando as pessoas ganhavam os prêmios e faziam seus discursos em um microfone improvisado. Ela não ganhou em nenhuma das categorias, chorou muito e tivemos que anunciar uma falsa indicação para satisfazê-la.

Já a minha irmã que ganhou, não quis receber a estatueta. Do nada ela disse que não queria mais falar com ninguém. Pasmem! Mesmo com todas essas pequenas confusões, estar perto de quem a gente gosta é muito bom. Poder abraçar, beijar faz parte da nossa cultura. Melhor não pensar no pior. Vamos viver o hoje.

Em 26 de janeiro, 2.118 pessoas tinham sido infectadas pela Covid-19 e 56 perdido a vida ao redor do mundo em decorrência da doença.

Alguns dias tinham se passado desde a festa da virada e eu já estava pronta para voltar a minha normalidade. Trabalhar né? Apesar das notícias que recebia pelas redes sociais, era difícil acreditar que o coronavírus chegaria ao Brasil tão rápido.

Tomara Deus que não chegue! Geograficamente a China fica tão distante daqui. A verdade é que eu não tinha a noção de como isso me afetaria emocionalmente e também financeiramente. Nunca passou pela minha cabeça que esse vírus fosse ameaçar as minhas relações familiares. Gosto de abraçar minha mãe, beijar meus sobrinhos e fico inquieta com certas restrições. Não sei como vou me comportar nos próximos dias. Eu esqueci de me apresentar.



Figura 1: Roseane –
arquivo pessoal

Me chamo Roseane. Sou chefe de família e tenho três filhos. Uma casou e mora com o meu genro. Os outros moram comigo. Tive dois casamentos. O primeiro não deu certo e nos separamos. O segundo era o amor da minha vida, mas ele foi morar com Jesus. Eu fiquei só com os meus três filhos e tive que lutar para nunca deixar faltar o alimento na minha casa. Em 2020, esse desafio está sendo triplicado.

Vou confessar que não gosto de carnaval. Isso não quer dizer que eu não participe da confraternização realizada todos os anos na casa da minha cunhada. O que me atrai é o companheirismo e as comidas. Vou mentir pra quê? Os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro são bonitos demais. Aquelas plumas coloridas, os carros alegóricos bem construídos.

No finalzinho da tarde do domingo do dia 26 de janeiro eu estava assistindo na televisão a apuração dos votos das escolas juntamente com os meus filhos. As pessoas amontoadas nas sedes de cada escola acompanhavam atentamente as notas que eram lidas pelo Jorge Perlingeiro. Aquele homem que tem uma voz bem grossa que fala: notaaaa dezzzz. Esse mesmo. As torcidas gritavam, choravam, sorriam, se abraçavam e celebravam com euforia cada resultado positivo anunciado.

Eu só entendo quando sai o resultado final e mostra quem ganhou, mas estava atenta observando aquela energia de felicidade e angústia exalando daquela tela até mim. A Viradouro foi a escola declarada campeã do carnaval carioca com 269,6 pontos com o enredo que falava sobre a história de mulheres que lutaram para construir o Brasil. Eu gostei. Me senti representada.

Apesar das comemorações, as notícias internacionais não eram nada agradáveis. Ao mesmo tempo em que pensava no avanço

da Covid-19, agradecia porque o caos não era aqui. O que eu mais tinha medo era perder o contato físico com as pessoas. Tenho um ateliê de costura em casa e os meus clientes me visitam constantemente. Corto pano, tiro medida, faço ajustes. Eu não gostaria de pensar como será a minha vida financeira quando o coronavírus chegar na minha região. Já é o momento?

No dia 30 de janeiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que estávamos vivendo um surto em decorrência da Covid-19.

Na televisão as notícias só aumentavam sobre esse vírus maldito. Confesso que comecei a temer que ele chegasse na minha casa. Eu ouvia nas redes sociais que a mídia estava inventando algumas mortes. Mas quando vi aqueles homens de branco cobertos da cabeça aos pés, pareciam astronautas entrando nas casas, socorrendo as pessoas, parecia cena de filme. Eu fiquei com medo. No auge dos meus 46 anos de idade eu nunca tinha visto isso. Como eu vou trabalhar agora?

Em 11 de março, a OMS caracteriza a Covid-19 como pandemia. Nesse mesmo dia, os números registraram 125.865 infectados e 4.615 mortos ao redor do mundo. No Brasil, o Ministério da Saúde divulgou 38 casos de infecção pelo novo coronavírus.

Parou (quase) tudo. E agora?

Me permita dialogar mais um pouco. Talvez eu tome uma boa parte deste texto. Não estou me considerando protagonista, mas eu gostaria que você conhecesse um pouco mais sobre mim e que você entendesse – tivesse empatia – como me tornei camelô ambulante.

No final de março, o meu irmão que tem problemas mentais foi hospitalizado. Poucas pessoas da minha família têm plano de saúde. Como esse não era o caso, tive que acompanhá-lo durante quase vinte dias de internação em um ambiente público. Eu não fui sozinha.

Comigo estava a minha mãe que tem quase 70 anos, e minha outra irmã mais nova que eu. Cada uma ficava por um turno com ele. No Brasil, os casos de Covid-19 estavam se multiplicando. Eu tinha medo de ficar naquele hospital, mas não ia deixar o meu irmão sozinho ali.

Como não tinha outra alternativa, eu pensei em confeccionar máscaras para a minha proteção pessoal e da minha família que frequentava aquele hospital. Foi dessa forma que nasceu o interesse das pessoas que estavam ao meu redor pelo meu serviço. Elas começaram a me pedir máscaras personalizadas e de diferentes cores.

Na minha cidade, João Pessoa, os decretos estaduais começaram a valer neste mesmo mês. Foi então que a quarentena começou a ser seguida. Meus amigos, parentes, vizinhos pediam que eu confeccionasse mais máscaras e foi dessa forma que encontrei um meio para sobreviver quando tudo estava parado. Ou eu produzia e vendia o meu trabalho, ou eu passava fome.

A busca pelo cliente

Não sei se já comentei anteriormente, mas tenho um ateliê de costura em casa. Faz mais de vinte e cinco anos que trabalho com isso. Não é fácil. Nos últimos anos o crescimento da oferta de empresas que vendem roupas personalizadas invadiu o nosso espaço.

Sei que o sol nasce para todos e por isso que estou tentando me reinventar sempre. Mesmo assim, os clientes são poucos, e com o fechamento do comércio devido a pandemia, minhas vendas foram reduzidas a zero.

Ao perceber, que os meus clientes tinham desaparecido e que não tinha mais contato físico com eles, resolvi pôr em prática algumas ideias que pairavam sob a minha cabeça.

O que mais me tocava era poder acompanhar pessoas precisando de equipamentos de proteção e não encontrarem nas farmácias. Tudo acaba em questão de segundos. Eu me vi em uma situação de vulnerabilidade e procurei forças no íntimo do meu coração para agir.

Pensei então em convidar minha filha mais velha para juntas produzirmos e vendemos máscaras. Ela mora bem próximo a mim e tinha acabado de perder o emprego. Essa foi uma maneira encontrada para que juntas pudéssemos ajudar uma a outra.



Figura 2: Thamires Paiva e seu marido Uesley Paiva

Me tornei camelô (Relato I)

Minha mãe fala muito. Se me permite, vou me apresentar. Meu nome é Thamires Paiva, tenho 23 anos e sou casa há cerca de dois anos. Ser jovem e não ter um emprego fixo é muito difícil ainda mais quando se é casada. Meu primeiro emprego de carteira assinada foi em um call center.

No início era prazeroso atender aquelas chamadas constantes, mas depois eu comecei a passar por um processo estressante que abalou o meu psicológico. Então depois que saí do emprego, nunca mais

consegue outro trabalho formal. O que tenho feito é ajudar como posso o meu esposo nas despesas de casa.

Antes da pandemia eu cuidava de uma criança e ajudava em algumas tarefas domésticas na casa da minha patroa. Me acordava por volta das 4hs da manhã, tomava banho, café e ia pegar o primeiro ônibus. Sim, eu fazia uso do transporte público.

Como o meu trabalho era no Bessa, um bairro nobre de João Pessoa, e eu moro no Cuia, a minha trajetória era longa. Subia no primeiro ônibus, descia no centro da cidade, pegava outro na Lagoa, até chegar ao meu destino. Ufa! Chegava no trabalho às 7hs e largava às 15h. Quando dava três horas eu agradecia a Deus e pedia sua proteção para que eu voltasse em paz até a minha casa.

Minha rotina foi quebrada quando a Covid-19 chegou a João Pessoa. O comércio fechou, os ônibus deixaram de circular. Eu já não tinha como me locomover até o meu trabalho. Tudo foi ficando complicado até que recebi o convite da minha mãe para fazer parte da produção, embalagem e venda de máscaras 100% algodão. Eu topei na hora.

Inicialmente começamos confeccionando com os tecidos que a minha mãe tinha em casa. Fomos oferecendo aos vizinhos, amigos, familiares e depois utilizamos as redes sociais como ferramenta para a divulgação do nosso trabalho. Isso fez com que outros clientes surgissem ao longo dos dias, porém ainda não era suficiente para que obtivéssemos lucro.

No dia 17 de abril minha mãe foi fazer a feira com meu irmão em um supermercado, como de rotina, e levou uma cestinha com algumas máscaras embaladas e prontas para venda.

As pessoas que estavam comprando seus alimentos se interessaram e começaram a perguntar o valor. Minha mãe disse que quan-

do estava aguardando o carro para pôr os alimentos dentro e voltar para casa, alguns funcionários da empresa também compraram as nossas máscaras. Foi dessa forma que ela conseguiu enxergar uma abertura para as vendas.

A nossa primeira medida a ser adotada foi tentarmos um contato imediato com as lojas de tecido. Essa comunicação acontecia pelas redes sociais e havia todo um protocolo de atendimento. Agendamos o dia e horário de compra, e indicamos o produto.

O problema é que grande parte delas estavam fechadas e as que funcionavam não atendiam a nossa demanda. Alguns tecidos faltando, os elásticos eram peças raras e tivemos que esperar em média durante uma semana para que essas lojas fossem reabastecidas. Quando conseguimos comprar os tecidos, passamos a produzir máscaras em larga escala e fomos vendendo como ambulantes em frente ao supermercado que fica localizado no mesmo bairro em que moramos.

Me tornei camelô (Relato II)

Me chamo Alisson Warley, tenho 28 anos e sou pai de duas meninas lindas. Uma tem um ano e oito meses e a outra cinco anos. Antes da pandemia eu trabalhava como UBER durante a semana e DJ aos sábados. Geralmente sou contratado para tocar em festas e casamentos. Além do som do ambiente, também trabalho com a iluminação do evento, mas devido a quarentena e as medidas restritivas



Figura 3: Alisson Warley - arquivo pessoal

impostas pelo governo, tive que me reinventar.

No início do isolamento social passei uns quinze dias em casa e depois precisei retomar minha atividade como motorista de UBER para ter algum tipo de renda. Foi então que pedi a minha esposa para confeccionar uma máscara de pano para que eu pudesse trabalhar protegido. Minha tia viu que a minha esposa tinha fabricado uma máscara e também se interessou.

Foram confeccionadas 70 de uma vez. Vendi algumas aos meus passageiros e outras a conhecidos. Foi dessa forma que consegui juntar dinheiro e comprar uma máquina usada para a confecção de máscaras em grande escala. Como eu não sabia fazer, encontrei modelos na internet que me ajudaram a criar e padronizar o meu produto. Comecei a divulgar nas minhas redes sociais e as vendas foram acontecendo.

Depois de duas semanas vendendo nas viagens de UBER e pela internet, uma amiga entrou em contato comigo e avisou que algumas pessoas estavam negociando máscaras em frente a um supermercado que fica próximo a BR-230.

A política da empresa determinava que apenas pessoas com máscaras poderiam adentrar no estabelecimento e isso facilitava as vendas no local. Foi então que conheci Roseane, Thamires, Cição e os guardas da empresa que sempre conversavam com a gente durante o período que estávamos lá.

Meu primeiro dia como camelô

Cheguei à casa da minha mãe por volta das 7h da manhã e logo veio aquele clima de incertezas misturado com otimismo. Passamos o período da manhã produzindo, embalando e contabilizando o número de máscaras que levaríamos.

Quando o relógio marcou 14hs solicitamos um serviço de transporte particular que nos levou até o supermercado. Se você acha que a nossa aceitação foi tranquila se engana. É difícil compartilhar um ponto de venda com alguém que você não conhece. Até entendo a revolta do seu Ciço quando me viu com a minha mãe carregando uma cesta recheada de máscaras. Ele ficou revoltado.

Seu Ciço é um senhor que tem aproximadamente 50 anos e vende água na porta do supermercado há mais de 10 anos. Só que devido à crise financeira em decorrência da Covid-19, ele passou a negociar máscaras de proteção facial.



Figura 4 - Seu Ciço a esquerda da foto próximo a sua caixa de água

Ele não foi capaz de entender que estávamos passando pela mesma dificuldade. Não era questão de lucro, mas sobrevivência. Bom, ele fica do lado dele e eu fico do meu. Os seguranças eram apenas moderadores que tentavam apaziguar os ânimos. Confesso que de forma eficaz porque fizemos vínculos de amizade com eles e as nossas conversas diárias fortaleceram as relações de convívio em torno daquela empresa. Que confusão em?

Permita-me descrever o local. Fiquei um pouco eufórica com essa gritaria do seu Ciço que esqueci de pontuar algumas coisas. O supermercado fica próximo a BR-230, uma das mais famosas do meu estado.

O lugar é frequentado por diversas pessoas – arriscaria de dizer que de todas as classes sociais. Como os produtos são vendidos no atacado e no varejo existe um fluxo de circulação constante.

Depois que o governo do estado da Paraíba publicou alguns decretos, o uso de máscaras nos estabelecimentos comerciais passou a ser obrigatório, foi adotado o controle de temperatura e as pessoas eram barradas na entrada para que não houvesse superlotação.

As nossas vendas acontecem na parte externa do estabelecimento. Existe uma guarita que controla a entrada e a saída de veículos. Costumo ficar com a minha mãe no lado direito. Seu Ciço fica no meio em frente a guarita vendendo água e máscaras.

Já o lado esquerdo é pouco ocupado, geralmente fica destinado às pessoas que chegam ao longo do dia e também querem vender alguma coisa por lá.



Figura 5: Thamires Paiva de máscara cor de rosa

Nesses últimos dias tenho pegado um bronze danado. A noite é que arde viu. Pelo menos eu aprendi que para vender um produto como ambulante em lugar público preciso de uma proteção física.

Estou pensando em comprar um protetor solar, óculos escuros, chapéu quem sabe? Antes brega do que queimada.

Talvez você queira saber se vendemos alguma coisa. Meu amigo a cesta voltou quase vazia. O problema é que tenho que acordar cedo para fabricar mais máscaras porque o povo levou como se fosse água. Sinto que estamos ajudando na prevenção e controle do vírus, ao mesmo tempo em que tentamos sobreviver em tempos de crise.

Novos laços de amizades

Depois que ouvi os conselhos de uma amiga para vender as minhas máscaras em frente ao supermercado, peguei meu chapéu, coloquei um óculos escuro, abandonei o trabalho como motorista de aplicativo e fui me aventurar como ambulante.

Cheguei por volta da segunda quinzena do mês de abril e de longe já dava para avistar duas mulheres posicionadas na entrada do estabelecimento oferecendo máscaras. A mais velha carregava uma cesta recheada de máscaras coloridas e a outra uma mochila nas costas.

Achei legal esse tipo de parceria nas vendas, mas no meu caso, eu teria que vender sozinho e fazer a diferença, pois a minha esposa estava em casa cuidando das nossas filhas que são pequenas.

Do outro lado tinha um senhor vendendo água mineral e máscaras também. Branco, alto, magro e estava sempre muito eufórico como se estivesse protegendo suas vendas. O cenário era difícil para um novato. Será que eles vão me aceitar? Bom, eu não tenho outra alternativa.



Figura 6: Alisson e Roseane em um primeiro momento de aproximação

– Olá! Prazer! Me chamo Alisson. Como está o movimento por aqui? Abordei logo as mulheres que estavam mais próximo a mim. Talvez eu faça crie algum vínculo de amizade e esse clima hostil, de olhares duvidosos desapareça.

– Roseane, prazer! Rapaz, as vendas estão boas. Estou aqui com a minha filha desde a semana passada e por enquanto estamos vendendo super bem. Educada a moça. Foi um alívio. Eu já tinha trabalhado com vendas e sei como esse setor é disputado ainda mais quando você precisa ir até o cliente para oferecer o seu produto.

A aceitação foi boa e logo conheci o Seu Ciço. O cara passava o dia bebendo às escondidas. Gente fina, mas o meu objetivo ali era de fato conseguir algum recurso para manter a minha família estável. O foco sempre foi as vendas. Gritava, corria, acenava e assim cada ambulante conseguiu seu lucro.

Com o passar do tempo outras pessoas foram chegando e além dos pontos de vendas pré-estabelecidos por cada um de nós, tivemos que trabalhar com horários coordenados. Uns faziam turno pela ma-

nhã, outros à tarde e o restante à noite. Dessa maneira as disputas diminuíram e as vendas aumentaram.

A máscara fala



Figura 7: máscaras de algodão confeccionadas por Roseane

Algumas pessoas só me conheceram no ano de 2020. Elas ouviam falar de mim, mas não tinham experimentado a minha proteção. Já estou espalhada em todo lugar e isso é bom.

Confesso que a minha relação com esses amadores brasileiros não está sendo fácil e olhe que tenho feito o possível para protegê-los. Um dos meus parceiros é o álcool, juntos estamos fazendo frente a esse vírus devastador.

Se eu contar uma história talvez você não acredite. Antes de tudo eu sou um pedaço de pano e passo o dia sendo costurado, engomado, embalado, comercializado. A minha rotina é intensa. Até que sou bem tratado pelos camelôs. O problema é quando chega ao meu novo dono.

Debruçada em cima das minhas amigas dentro de uma cesta queimada pela sol escaldante vou escutando algumas falas dos vendedores ambulantes.

O segurança de olhos negros que fica na guarita do supermercado é o mais engraçado. Em uma das tarde (não vou lembrar o dia) de grande movimentação esse aquele homem forte, fardado e piadista pediu para que um dos clientes que estava adentrando ao estabelecimento colocasse uma amiga minha no rosto.

O dono do carro apontou para o banco de trás dizendo que a máscara estava lá. Foi então que o segurança disse: – você vai proteger o banco meu senhor? Eu não me aguentei. Dei uma gargalhada que quase o vento me leva.

Antes mesmo da noite chegar fui vendida. Minha missão estava prestes a começar e como nasci pronta me pus na face de um humano.

Não passou dois minutos e ele já me puxava para baixo, para cima, apertava o meu abdômen. Juro que estava quietinha, como eu vou protegê-lo assim? Me poupe. Ainda diz que usa máscara.

Cheguei na casa do humano, fui jogada na mesa de jantar. Foi então que uma criança me viu. Eu gritei para que ela não me pegasse, mas em vão. Como eu vou proteger as pessoas assim? Seria melhor que um humano responsável estivesse me comprando.

O motorista quer de graça

O vendedor ambulante precisa compreender que vai passar por diversas situações inusitadas. Nesse sentido, o contato direto com o seu cliente pode trazer benefícios e malefícios. O melhor a fazer é dialogar com as partes e buscar soluções para cada caso específico.

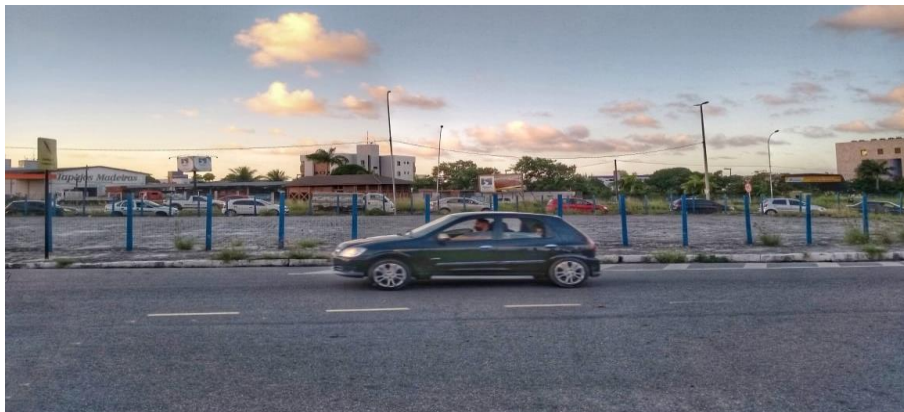


Figura 8: Apesar da pandemia o fluxo de veículos estava intenso na capital paraibana

Quando topei vender máscaras com a minha mãe em frente a um supermercado eu sabia que estaríamos sujeitas a xingamentos, olhares duvidosos, sorrisos e até mesmo encontros com conhecidos. Vergonha nunca tive.

O que me machucou foi o descaso pelo nosso trabalho. Um cidadão baixou o vidro do seu carro e começou a me ofender por estar vendendo máscaras.

Ele gritava compulsivamente “É pra dar de graça, é pra dar de graça, isso é um desrespeito. O governo está dando de graça e por que vocês estão aí vendendo?” Foi impactante ouvir isso. Principalmente porque ele estava sem proteção e com outros passageiros dentro do carro.

Me pareceu que o motorista era um negacionista da pandemia. Vou pontuar alguns motivos: não estava usando máscara; xingava em alta voz os profissionais de saúde e aos ambulantes que vendiam; falou que o vírus era uma criação da cabeça das pessoas.

Mais à frente o motorista indignado completa: “O povo tudo em crise e vocês utilizando a crise para lucrar em cima da desgraça dos outros”. Não tinha o que fazer, não tinha diálogo e me calei.

Algumas pessoas pensam que os ambulantes ganham rios de dinheiro e não é isso que acontece. No início da pandemia dava gosto de vender porque os cidadãos estavam com medo do vírus e as vendas fluíam, mas não dá para vender máscaras para sempre.

Uma das frases que mais escutei nesses últimos dias foi: é preciso se reinventar, olhar para os lados e perceber que tudo é fluído, as coisas mudam, as mercadorias passam e novos mercados se abrem.

Meu senhor, não encontramos essas máscaras no lixo não. Existe um processo de pedido, fabricação, gastos com energia, linha, tecido, elástico e isso não cai do céu. Sabemos que o momento não é favorável para ninguém e por isso estamos aqui. Não é questão de lucro, é apenas para não faltar comida em casa.

A despedida

Com o passar dos dias as vendas foram enfraquecendo. Apesar do fluxo contínuo de pessoas entrando e saindo do supermercado, era difícil vender como antigamente.

Depois que a população entendeu que estávamos vivendo em uma pandemia, cada cidadão já tinha sua máscara e o que eles faziam eram trocar suas antigas por novas, personalizadas. Me vi em um beco sem saída. Minha esposa em casa com as minhas filhas e eu aqui parado.

Alguns amigos que tinha feito durante a minha rotina diária de vendas no supermercado já não apreciam mais. Ficou inviável passar um dia todo em pé, correndo risco de ser infectado e não obter um retorno financeiro que pudesse ao menos pagar a gasolina do meu carro.

A reinvenção faz parte da alma do comerciante e todos nós sabemos o momento certo de pensarmos em outros caminhos. Decidi então me cadastrar em um aplicativo de entregas de mercadorias e no momento estou realizando esse serviço.

Deixei para trás algumas pessoas que conheci por acaso como Dona Roseane, Thamires, Seu Ciço. Pelo que fiquei sabendo, eles ainda estão trabalhando lá.

O que fica é a amizade e a experiência de ter vivido tão intensamente esses quarenta dias com pessoas dedicadas e guerreiras que não hesitaram em desistir mesmo em tempos de crise profunda.



Figura 9: Encontro de amigos ambulantes.

Os que sobraram

Apesar de ter alertado a minha mãe sobre as baixas das vendas ela tem sido incisiva em produzir máscaras personalizadas. Teve um dia que só vendemos seis. Seria o início de uma nova crise? Mas ainda não saímos nem da primeira.

O lado bom de tudo isso é que não existe concorrência. Tem dias que ficamos só eu e ela. Lembra de seu Ciço? Agora ele só vende água. Douglas, o outro homem que concorria com a gente passou a vender coxinha, pastel e suco. Mais cedo ou mais tarde vamos ter que voltar para casa.

O problema é que ainda temos um estoque gigante de máscaras e isso não é bom. Durante toda a crise, fizemos doações de alguns produtos que continuavam na cesta. Talvez a cor, a textura não agradassem aos clientes.



Figura 10: Roseane divulgando o seu produto

Nunca tinha trabalhado como camelô e está sendo diferente de tudo aquilo que imaginava. Temos um novo tipo de cliente. Eles já conhecem os nossos produtos e chegam decididos a comprar duas, três, cinco peças de uma vez.

Esperamos que essa pandemia passe logo e que tudo volte ao normal, pois está sendo muito difícil se manter sã diante de todos esses episódios diários de infecções e mortes.

Saudade de um abraço

Falei que não era protagonista! Foram muitas histórias, não é? Inegavelmente estamos caminhando para um novo normal. Minha filha tem comentado comigo para irmos vender nossas máscaras em dias estratégicos como na quinta, sexta e sábado porque são neles que vendemos mais.

O que eu gostaria era que os meus clientes voltassem a me procurar. Sei que ainda não é tempo de retomada da normalidade, mas vamos fazer o quê? Sinceramente não consigo enxergar uma melhora a curto prazo no Brasil. Os números de infecções só crescem a cada dia apesar do governo tentar esconder esses casos.

Se eu precisar voltar para casa, vou voltar, da mesma maneira que decidi ir, de cabeça erguida. Pensarei em um novo tipo de reinvenção que nesse momento ainda não tenho resposta. Quem sabe com a minha filha novamente.

Temo que esses dias de distanciamento leve o nosso afeto pelas pessoas que amamos. Sentimos falta de um abraço, de um beijo, do companheirismo com familiares.

As pessoas estão amedrontadas e com razão. Passar por todo esse drama não está sendo nada fácil. Quanto vale um abraço? Será que vou ter que esperar muito tempo por ele?

Anotações do autor

Este texto propõe uma reflexão sobre o atual cenário de pandemia no Brasil. Tomamos como objeto de estudo famílias humildes que trabalhavam antes da quarentena com serviços informais. Tais como: empregada doméstica, babá, costureira, motorista de aplicativo e DJ.

Essa classe social pode ser considerada uma das mais atingidas por morarem em bairros com falta de saneamento básico; não terem acesso a outros tipos de serviços particulares como saúde, educação; conviverem com várias pessoas em um mesmo cômodo, etc.

Sabemos que existe uma série de cuidados que devem ser tomados para o enfrentamento da Covid-19. Como por exemplo: lavar as mãos com água corrente e sabão ou álcool 70%; manter o distanciamento social e usar máscaras.

Cumprindo todas essas recomendações da OMS, acompanhei de perto a venda dos ambulantes em frente ao supermercado. Para escrever todo este texto foi preciso viver na pele algumas sensações que os vendedores passam.

Por isso me senti legitimado para falar em alguns momentos em primeira pessoa. A minha intenção é dar visibilidade e voz aos excluídos. Dessa maneira, ambulantes falam com os leitores.

Não me cabe julgar se eles estão corretos ou não. Como jornalista trago uma visão alternativa de como sobreviver em tempos de crise apontando para uma constante reinvenção.

Para finalizar, gostaria de deixar o meu respeito a todas as famílias enlutadas que sofrem pela perda dos seus entes queridos e dizer que essa dor vai passar e vamos voltar a sorrir novamente.

Escolhas na vida de uma pessoa em situação de rua

Filipe Francilino de Sousa¹



Foto: Gilberto Firmino

Para quem nasceu na encosta de uma montanha, mais precisamente na serra do horto, região do cariri, no estado do Ceará e escorregou ladeira abaixo como acontece com as águas das nascentes tênues dos rios, Cícero Romão Marcial já foi longe demais.

O personagem deste ensaio personifica uma ideia de Rui Barbosa. Os seres humanos são como os rios, mansos e suaves nas nascentes, para se tornarem impetuosos nas quebradas e indomáveis na

¹Mestre em Jornalismo Profissional pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Diretor Geral de Comunicação e Marketing do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) desde 2014. Servidor Público Federal. Atuou como jornalista na Rede Amazônica (TV Roraima), na Rede Paraíba de Comunicação (Rádio Cabo Branco - FM) e nos Diários Associados da Paraíba (Rádio e TV O Norte)

sua loucura pela sobrevivência. Cícero Romão Marcial sabe disso como ninguém.

Há 10 anos, ele vive em situação de rua na cidade de João Pessoa. Mas, por que espelhar neste ensaio a identidade, a força da solidariedade, o isolamento social e a visibilidade no contexto da sociedade contemporânea, citando as impressões amorfas de um ser que dorme nos cantos de calçadas de uma grande cidade? Talvez exista um motivo a ser revelado.

Se até a conclusão desta narrativa for possível compreender como se forjou a identidade, o caráter, a felicidade, a idiossincrasia do personagem em tela, creio que me dou por satisfeito com o resultado deste trabalho.

Cícero Romão Marcial faz parte das estatísticas dos que vivem sem eira e nem beira na capital da Paraíba. Dorme ao relento, na calçada de um armazém, em frente ao Mercado Central. Sobrevive de gorjetas e do sopão ofertado, a boca da noite, por grupos religiosos e de assistência social. Seu banho também é gracioso, feito pela comunidade, através de uma ducha do carro pipa que banha ele e seus colegas.

Apesar do infortúnio, da vulnerabilidade e do distanciamento social, o destino se encarregou de nos colocar frente a frente para um diálogo fluído e amigável:

- Olá, bom dia. Tudo bem com o senhor?

- Bom dia – Responde-me timidamente e desconfiado.

- Podemos falar por um minutinho? Meu nome é Filipe, muito prazer em conhecer o senhor...

- Meu nome é Cícero Romão Marcial, mais conhecido, nesta área, por Ciço.

- Creio que temos algo em comum.

- Como assim?

- Um apelido sempre carrega parte da história de seu personagem. O seu lembra minhas origens.

- Ahaa, então, você é romeiro do meu Padim, Padim Ciço? (Risos)

Dizem que os cearenses se reconhecem quando se encontram, ocasionalmente. Criam empatia. Se pelo olhar eu não sei, mas pelo bom humor, não tenho dúvida. Nosso primeiro contato com Cícero foi sinérgico, bem típico do povo da minha terra.

As más línguas, tingidas pelo vício de falar mal dos outros, contestam que dependendo da lua ou da estação pode ser que não role essa química cearense entre os transeuntes. Como nesse diálogo impertinente:

- Bom dia, você é do Ceará?

- Sim, sou cearense da gema. Posso saber como você me identificou?

- Claro, é que todo cearense tem a cabeça de platô (chata).

No geral, os cearenses não gostam desse tipo de humor, tampouco de pessoas generalistas que têm prazer em tirar onda da cara do sujeito. Os insolentes agem assim. Com esse perfil de diálogo dificilmente se constrói pontes para entrevistas humanizadas. Prefiro levar uma jornada mais intimista, mais inclinada para o bom humor.

E foi com esse estado de espírito que encontrei Cícero Romão Marcial, caminhando, absorto, pelas ruas de João Pessoa, maltrapilho, com uma mochila desbotada nas costas, roupas sujas e rasgadas. A

sola do sapato pareceria desgastada pelo tempo e pelas caminhadas como andarilho.

De repente, ele para e tenta ajustar o sapato amolecido pela água empoçada na calçada que ficara encharcada por uma pancada de chuva que caiu sobre a cidade, prenunciando o inverno de 2020. Ele busca equilíbrio, pondo a mão esquerda na parede de uma casa enquanto com a mão direita ajusta o sapato amolecido pela poça d'água.

O fato ocorreu às 19h45, do dia 07 de fevereiro de 2020, quando este repórter percorria os principais espaços de aglomeração de pessoas em situação de rua em busca de um personagem que pudesse emprestar parte de sua história de vida para nortear o fluxo dessa narrativa.

Na real, existem muitos Cíceros em situação de rua em João Pessoa. Cada um com sua história de vida singular. O difícil é saber qual deles compartilharia sua intimidade, abrindo o seu livro da vida para um estranho.

Na revelação do Eu, nem os moradores com teto, nem os sem teto são tão espontâneos, eles precisam ser estimulados com ações honestas para tal façanha. Para fins de alinhamento da nossa narrativa, resta saber se o dileto leitor teria coragem de se abrir por inteiro, bem como se ousaria em se deixar fotografar de corpo e alma por um desconhecido. Tenho dúvidas.

No filme *Curva do Destino* (*Detour*, 1945 – USA), o personagem Al Roberts vivido por Tom Neal afirma que sua mãe dizia para nunca falar com estranhos. Quando falamos demais, contamos tudo que sentimos e sabemos para o nosso interlocutor, há probabilidades de alguém sobrar na curva do destino. Neste quesito, poupo as minhas fontes. Ouço apenas o suficiente para compreendê-las.

Por isso não uso artifícios que dão aparência do mau profissionalismo, nem me aproprio da desfaçatez empregada nas práticas jornalísticas da grande mídia que engana as fontes no afã de conseguir o seu furo de reportagem. Prefiro adubá-la, compreendê-la com seu jeito simples de pensar, de falar, de agir e de se comportar diante da vida.

Cícero Romão Marcial dá uma pausa no sorriso e fixa seu olhar no infinito. E, num esforço mental tenta voltar ao passado e também matar a saudade do primeiro amor. Ele começa uma digressão sobre suas origens apresentando os pais, a região onde nasceu, a discorrer sobre a primeira fase de sua insólita caminhada na infância e adolescência. Sua jornada mirim se confunde com a história de vida do pesquisador do folclore nordestino, autor do livro Como Nasce um Cabra da Peste, Mário Souto Maior.

Nasceu em 29 de fevereiro de 1964, ano bissexto, na Vila do Horto, região metropolitana de Juazeiro do Norte, Ceará, pelas mãos de Zezé, velha parteira muito conhecida e respeitada na Meca caririense. Foi um menino traquino. Chupou dedo, fabricou seus próprios brinquedos, armou fojo para preá e peba. Caçou passarinho com baladeira. Assou e comeu peba na brasa. Brincou de carrinho de rolimã e macaca. Furtou pitombas e macaúba na granja da vizinha. Tomou leite de vaca, cabra e jumenta. Porém, três casos inusitados lhe aconteceram na infância e na adolescência, ficando pregados na sua cabeça como chiclete.

Primeiro, a sua mãe lhe dedicou aos santos, fez promessa ao padre Cícero Romão Batistas, de quem Cícero herdou o nome, mas ela se esqueceu de pagar a promessa. Fato que pode ter mudado o destino do menino segundo credence popular dos romeiros do santo padre de Juazeiro. De acordo com os cristãos é melhor não fazer juramento

aos santos, do que fazer voto e não cumprir. Todo santo gosta de fidelidade e aborrece a hipocrisia.

Segundo, aos 12 anos, ele surtou pela primeira vez, rasgando a tabuada em sala de aula e jogando o papel picado no colo da professora. Desde este fatídico episódio nunca mais voltou à Escola Normal Rural em Juazeiro, porém, até hoje, não se perdoa por sua presepada.

Por fim, encerrou sua digressão narrando que, aos 14 anos, caiu nas águas do Rio Salgadinho, foi arrastado pela correnteza até o Rio Jaguaribe, mergulhou, quase afogou por várias vezes, porém acabou salvo pelos ribeirinhos de uma vila de pescadores, na foz do Rio Jaguaribe, na divisa entre Aracati e Fortim, na deságua do Rio no oceano Atlântico. Foi aqui que conheceu Rosinha, filha do pescador que lhe ofereceu socorro a salvá-lo do naufrágio da vida. Mas, este é outro capítulo da sua história.

Por enquanto insiste em desabafar sobre a cabeceira do Rio que banha a região do Cariri. Cícero Romão Marcial esclareceu que a bacia hidrográfica do Rio Salgado (Salgadinho) é uma das caixas d'água do Ceará. O Rio Salgadinho, como foi batizado pelo padre Cícero Romão Batista, é o principal afluente do rio Jaguaribe se considerado o curso das águas no sentido sul-norte.

As nascentes do Rio Salgadinho têm origens na chapada do Araripe. Drena uma área de quase 13 mil km² até desaguar no Rio Jaguaribe. Seu leito passa no sopé da serra do horto, onde a estátua do padre Cícero está cravada vigilante, abençoando a cidade de Juazeiro do Norte.

Ao que tudo indica o rio é uma boa metáfora para ilustrar o itinerário da vida humana. A presença de uma criança e de um filete de água é quase imperceptível. Quase ninguém lhes presta atenção. No começo da jornada encontram grandes obstáculos.

Se por um lado o fiozinho de água não encontra um caminho por onde correr, ele vai deslizando montanha abaixo na sua firme determinação de vencer. Qual o rio que nunca encontrou uma pedra no caminho? Qual o ser humano que nunca foi incomodado com uma pedra no sapato? As ondulações no solo, tal qual muros intransponíveis fazem parte da trajetória de ambos os lados. Assim como os pequeninos Cíceros, por vezes, correm risco de afogamento, as correntezinhas têm probabilidade de serem tragadas pelas fauces escancaradas na terra seca.

Enquanto corre, o filete de água vai se unindo a outros fiapos de água a empreender seu leito, fazendo o bem aos ribeirinhos por onde passa. Em pouco tempo toma forma de um regalo. Segue alcançando a campina, iniciando uma nova fase na história de vida. Fertiliza os campos. Depois se divide em várias ramificações. Sofre desvio pela ação humana. Corre risco de desaparecer.

Mas, dele surgem outros regalos até formar ribeirões, os rios secundários e, finalmente, o grande rio que desce para o mar. Neste percurso procura sempre fazer o bem aos ribeirinhos por onde passa, melhorando a terra, proporcionam bem-estar e alegria aos moradores de sítios, fazendas, vilas, povoados e cidades na sublime missão de bem servir, a oferecer a mais preciosa substância líquida e incolor, insípida e inodora, essencial para a vida dos organismos vivos.

Mas nem tudo acontece de forma tão racional, blindada, pura sem interferência seja do homem, seja da natureza. Os rios podem ser castigados pela seca, assim como pela ação humana, afetando a sua cadeia produtiva. O homem também pode ser castigado pelo destino que lhe impõe uma terra árida, cheia de espinhos, onde a boa semente cai e não pode germinar, mas também pode ocorrer de cair e se arrastar por veredas, ganhando novos contornos de vida.

A sorte de Cícero Romão Marcial não foi diferente da dos rios, nem da raça humana. Nasceu para vencer, mas encontrou na lida, as vicissitudes da vida. Hoje, ele faz parte de uma realidade observada nas cidades grandes. Uma verdade curiosa, mas, porém muito triste. Pessoas em situação de rua, vivendo ao lado de um prédio, belíssimo, faraônico... Como pode tanto conforto quando a miséria mora ao lado? Cena que nos deixa indignados, impactados e tristes. Infelizmente, a gente vê isso todo dia. Essa desigualdade tão profunda não deveria existir. É bom saber que existem por aí pessoas que fazem trabalhos sérios e que agem despreziosamente ajudando pessoas desprovidas da sorte.

É o caso de seu Osmando pescador da região metropolitana de Fortaleza que reagiu com sensibilidade, despido dos preconceitos das classes superiores da sociedade, livre das barreiras sociais, resolvendo fazer a diferença com um gesto solidário, mostrando que o amor ao próximo é possível quando a luz (Deus) brilha mais do que o poste (homem).

Ao ser salvo pelo pescador na Foz do Jaguaribe, conheceu Rosinha filha mais velha do pescador com que fez juras de amor eterno. Mas, um amor não correspondido pode levar o homem e a mulher à loucura, e esta ausência da realidade. E quem perde o juízo, perde o paraíso.

Cícero Romão Marcial encontrou refúgio no casamento com Rosinha. Seria o casório moeda de pagamento ao pai da noiva? O mundo dos loucos é feito de liames inexistentes, de projetos ignotos, impressões amorfas. Quando Rosinha percebeu a insanidade do noivo já estava de papel passado no cartório. Dedicou seu amor sem medida ao amado. Ficou a assistir as alucinações irreversíveis do esposo que a cada dia o enfraqueciam, distanciando-o da realidade.

Há no universo da loucura, fantásticas saídas para as alucinações que levam o homem e a mulher para situações distintas. Existem aqueles que ficam alucinados por suas manias de grandezas. Outros pelo desejo cego de amar incondicionalmente, pois os loucos também amam.

Há mais de 20 anos, Cícero Romão Marcial abandonou o lar e nunca mais voltou. Vive perambulando pelas ruas. Ora com ideias fixas na cabeça, ora com sua mente ambulante. Até hoje Rosinha vive a espera de seu retorno, guarda a memória do esposo, suas vestes, seus pertences, sua doce e suave voz a ecoar no encontro das águas do Rio Jaguaribe com o Mar: uns casam por interesse, outros casam por amor. “Comigo foi diferente, casei pra fazer um favor. Quem casa como eu casei, casa seja com quem for.”

Cícero partiu sem aviso prévio, vagueou pelas ruas da capital do Ceará, Fortaleza, depois de algum tempo ganhou a feição de andarilho, migrou para a capital do Rio Grande do Norte, Natal e, mais tarde, para João Pessoa, capital dos paraibanos. Nunca mais pensou em retornar ao lar. Seu orgulho e sua demência não mais lhe permitem olhar pelo retrovisor. Com seu corpo franzino, vestindo roupas andrajosas, o infeliz se caracteriza pelo desejo de permanecer nas ruas, dormindo nos cantos de calçada, quando a cidade, também cansada, adormece na sua loucura coletiva.

Mas, foi em João Pessoa que esse novo morador fixou sua residência em 2010. Jamais chegou a ser um ilustre desconhecido. Todos os que caminham ou trafegam pelas ruas do centro da cidade, em algum momento, já se depararam com algum Ciço, carregando nos lábios um eterno sorriso de felicidade doentia.

Na verdade não existe vantagem em ser invisível. O ser humano se sente bem ao receber atenção, gosta de uma mão amiga, de um

aperto de mão, de ser reconhecido, de caminhar juntos, de ouvir e contar histórias.

O maior incômodo na jornada dos cíceros das ruas é passar vexames com as pessoas desviando o olhar. Percebendo-o como intruso, um desdentado, um interesseiro, um desvalido da sorte, um andarilho, um louco, um desprezado, um forasteiro, um preguiçoso, um bêbado, um drogado, um débil mental. Preconceitos, maus tratos e muitas outras coisas que só o próprio ser humano é capaz de fazer para outros seres.

Já para o transeunte menos incauto o impactante é descobrir que por trás daquele homem sujo, pedinte, havia um afamado professor. Que aquele homem barbudo e cabeludo para o qual, o passante acabara de negar uma esmola é o seu pai que, há muito tempo, desaparecido em decorrência dos problemas sociais que crescem sem a devida atenção do poder público.

Por alguns momentos, percebo Cícero em plena lucidez. Ele se volta completamente para mim e revela que o mundo das ruas nas grandes cidades pode ser assustador, mas o espaço que ele escolheu é um pedacinho do Céu. Aponta para a esquina do armazém onde passa boa parte do tempo, dividindo suas emoções e sentimentos, com os colegas de rua enquanto espera o sopão e o banho da caridade.

Assim, do início ao fim da nossa última conversa, percebi sua sensibilidade humana. É possível haver um cantinho do Céu aqui na Terra? Existe esperança para aqueles que um dia a loucura se instalou na sua cabeça e o tornou frequentador de uma catedral alucinatória?

Ao que tudo indica, podemos fazer do céu um cantinho aqui na terra. Para a população em situação de rua, também, há momentos de sociabilidade. Onde eles se abraçam, trocam sorrisos, apertos de

mão, aconselhamentos de uns aos outros, sobre as possibilidades de virarem o jogo.

Existem momentos de comunhão, de humanização, onde eles pegam a boia, tomam banho, trocam de roupa, cortam cabelo e barba. Pode ser o que mais se almeja, a chamada humanização. Pelo testemunho de Cícero Romão Marcial é visível a crença de que de perto ninguém é perfeito, pois a maior ajuda para indivíduos em situação de vulnerabilidade costuma vir mesmo é de quem está numa situação igual ou pior a sua. Estamos todos juntos e misturados. Sofremos não só por causa dos nossos erros, mas também pela negligência dos outros.

Em sua trajetória para o mar os rios levam as sementes da flora de suas cabeceiras tornando-se cúmplice da natureza. As sementes que descem com as águas dos rios, os pássaros espalham sobre a terra. O mesmo ocorre com o homem que espalha a semente da solidariedade na sua trajetória de vida. Cristo nos deu o maior exemplo, semeando o amor e, por meio dos seus 12 apóstolos, fez chegar aos confins da terra a doutrina do cristianismo.

O nosso terceiro e último encontro com o personagem desta narrativa nos frustrou, pois no dia anterior, em 17 de abril de 2020, ao anoitecer, mal as lâmpadas dos postes clareavam as ruas da cidade, Ciço retornou à esquina do armazém para o seu último pernoite naquele local. Tomou sopa, se banhou e fez sua cama improvisada. Pediu cigarro aos colegas com quem dividia a calçada umedecida pelo sereno e escorado na parede, fumava em silêncio, entre tragos e bafo-radas, insinuava algumas anotações como se possuísse um diário.

Apesar da febre e tosse seca na madrugada. A noite parece ter sido uma das mais iluminadas para Ciço. Ainda ofegante pela manhã, saiu para a lida diária e nunca mais voltou ao local. As únicas pistas

deixadas no lugar, onde ficava sua cama de papelão, foram suas últimas anotações e rabiscos, tentando exorcizar seus fantasmas: “Meu padim, padim Ciço; Cadê minha Rosinha; e Vida que se segue.”

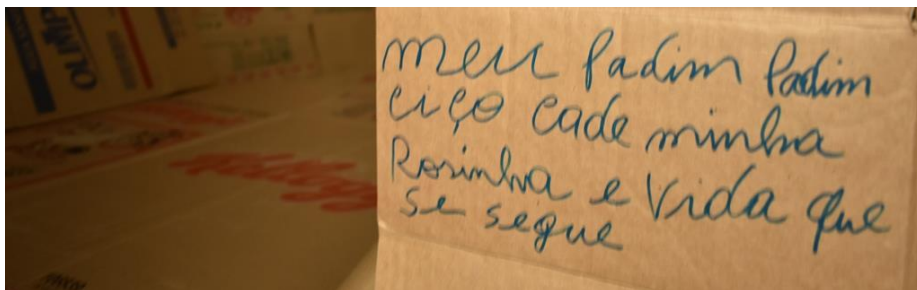


Foto: Gilberto Firmino

As nossas histórias de vidas são permeadas de fatos surpreendentes, de erros e acertos, de idas e vindas, de faz e refaz até que encontremos um lugar ao Sol. Ciço falava em recomeçar a vida. Se ele voltou ao marco zero, para um novo recomeço, certamente, encontrará a estátua do padre Cícero Romão Batista, na Colina do Horto, alimentando a crença do povo católico nordestino de que, em matéria de perdão, nunca é tarde para perdoar e ser perdoado.

O diário de Amanda

Iris Souto Maior¹

João Pessoa, 27 de março de 2020

A pandemia de Covid-19, que se alastrou pelo mundo em 2020, está ceifando milhares de vidas e tirando a possibilidade de sustento de muitos trabalhadores que, como eu, não têm reservas financeiras. Como dizem na sabedoria popular, para me manter é preciso caçar um leão por dia ou trabalhar no almoço para comer o jantar. Essa crise, me afetou de várias formas, ainda para além da redução da minha renda, tive que parar com várias atividades. Uma delas foi a terapia, que eu frequentava regularmente, serviço oferecido pelos estudantes de psicologia da UNIPÊ e que me ajudava com muitas questões desde o fim do meu casamento, quando meu ex-marido saiu de casa para se casar com a mulher do amigo dele. Como alternativa de terapia, resolvi escrever este diário durante a pandemia, para me ajudar a refletir sobre a minha vida e me compreender melhor. Não vai ter aqui aquelas frases que geralmente iniciam as páginas do diário. Minha escrita será livre de amarras no presente. Reservo-me o direito de colocar aqui também algumas memórias.

João Pessoa, 30 de março de 2020

Escrever um diário é uma forma de refletir sobre os limites que a vida impõe sobre todos nós. Como numa guerra, o momento que enfrentamos, afeta a vida de todas as pessoas sem distinção. Todos nós de alguma forma, já fomos ou seremos afetados diretamente

¹Jornalista do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), com atuação no Portal, Rádio, TV, Impressos e Mídias Digitais da Instituição. Formada em jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e especialista em mídias digitais e convergência pela Faculdade de Ensino Superior da Paraíba (FESP) e em Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Barão de Mauá.

ou indiretamente pela pandemia e sabemos que nossa vida não será a mesma depois que tudo isso passar. Com o isolamento social, o transporte público foi cortado, as lojas fechadas, as universidades e as escolas também. Se vamos ou não ser pessoas melhores, só o tempo dirá, mas as pessoas já arriscam palpites sobre tudo isso. Alguns dizem que o ser humano não tem jeito e o sofrimento não nos modifica. Enfim, não faltam análises e previsões sobre tudo. Os oráculos do fim do mundo nos trazem informações divergentes confundem a população. Crescem os problemas mentais envolvendo depressão e síndrome do pânico. Tenho ouvido muitos relatos de situações em que as pessoas acordam com dificuldade de respirar e entram em pânico e o consumo de remédios para ansiedade cresceu entre meus clientes, segundo os seus próprios relatos. Um filho de uma cliente, que já sofria com a depressão, afastando-se regularmente do trabalho para se tratar, simplesmente não consegue dormir, quando a noite vai chegando, o clima de tensão vai se intensificando e isso afeta toda a família.

João Pessoa, 4 de abril de 2020

Hoje acordei com a impressão que já se passaram meses desde o início do isolamento social aqui na Paraíba. Um novo decreto do governador mantém o fechamento do comércio até o dia 19 de abril. As mudanças que aconteceram num curto espaço de tempo depois que o coronavírus foi confirmado no Brasil, afetaram os estados brasileiros, de forma diferenciada. Os efeitos mais devastadores se deram em São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Manaus e Bahia, nas regiões metropolitanas. Inicialmente, a Paraíba não foi muito afetada pela pandemia, mas entrou em distanciamento social desde meados de março, como aconteceu nos outros estados brasileiros. Em pouco tempo, todos os planos tiveram que entrar em quarentena por tempo indeterminado. A cada etapa cumprida, o distanciamento social vai se prolongando por que o nosso frágil sistema de saúde, longe de conse-

guir dar conta da demanda por tratamento da Covid-19. No momento, há muitos debates na sociedade sobre como a política está polarizada. Reflexões sobre como estamos todos na mesma barca furada ou será que a metáfora sobre barcos, refere-se a qualidade, o tamanho do barco e quais as provisões que cada um dispõe. Certo mesmo, é que não há nenhuma certeza sobre o futuro.

João Pessoa, 10 de abril de 2020

Desde os 17 anos, moro em João Pessoa², capital da Paraíba, uma cidade linda, com muitas belas praias e muitos pontos turísticos e históricos famosa por ser ponto mais oriental das Américas, onde o sol nasce primeiro. Lembro o dia que decidi que viria morar aqui. Um dia acordei, liguei pra minha mãe que já morava aqui e disse que queria vir. Ela ficou muito feliz e foi logo comprando as passagens para ir me buscar. A viagem foi feita em duas etapas, do Paraná pra São Paulo de ônibus e de São Paulo pra Paraíba de avião. Desembarquei no aeroporto Castro Pinto, um amigo da família estava a nossa espera. Chegamos eu, minha mãe e minha irmã mais nova, na quarta-feira, nesse mesmo dia já começamos a trabalhar no salão de beleza da minha mãe, que funcionava na garagem da nossa casa. No mesmo dia à noite fomos à igreja evangélica que ela frequentava, onde fui muito bem recebida.

A vida com a minha avó tinha ficado para trás. A pequena casa, com um terreno amplo e árvores em volta guardava uma imagem de São Sebastião na parede da sala. Todas as vezes havia sinais de que ia chover, ela retirava o quadro da parede para mandar que a gente fosse lavar os pés de São Sebastião nas águas de um riacho que corria

2 Segundo dados divulgados pelo IBGE, 53,1% dos trabalhadores do Estado, encontravam-se no mercado informal em 2019. O indicador congrega a soma de trabalhadores sem carteira assinada, incluindo empregados domésticos sem carteira, empreendedores sem CNPJ e trabalhadores em geral que trabalham por conta própria. Os números apresentados na Paraíba, ultrapassam a média nacional que é de 41,1%.

ali perto da casa. Era no mínimo curioso aquele ritual. Não sei qual o objetivo, o mais incrível é que apesar de ter sido molhado tantas vezes, a imagem permanecia intacta, sem marcas d'água.

João Pessoa, 15 de abril de 2020

Andando pelo centro da cidade e nos bairros, observo como as pessoas sempre encontram um jeito de sobreviver no mercado informal e percebe-se há mais informalidade do que supõem os órgãos oficiais. Sempre há pessoas tentando ganhar a vida. Há ambulantes, guardadores de carros, vendedores de doces, vendedores de trufas, carregadores, lavadores de para-brisas nos sinais e muitos venezuelanos segurando cartazes em busca de ajuda. Esses trabalhadores informais continuam em menor quantidade, ganhar suas vidas trabalhando nas ruas. Os venezuelanos que eu sempre via nos sinais estão em menor quantidade pelas ruas. Perguntei a uma amiga, servidora do Estado da Paraíba, se ela sabia o que teria acontecido com eles e ela me falou que quando um dos venezuelanos é acometido da Covid-19, todos que ocupam o mesmo abrigo ficam impedidos de circular pela cidade.

João Pessoa, 19 de abril de 2020

Ao escrever este diário, tenho como foco refletir sobre a forma que eu, Amanda Duarte, estou passando por tudo isto e como as mudanças provocadas pela invasão do coronavírus, afetou o cotidiano de toda o mundo, atingindo em cheio o meu microcosmo.

Atuo no ramo da beleza desde os quinze anos. Faço unhas, corte de cabelo, selagem, pintura, sobrancelha e depilação. Tudo o que sei, aprendi observando a minha mãe, dona Marta. No corte de cabelo ela sempre foi a melhor. Ela conseguia cortar qualquer cabelo. Até as crianças que, hiperativas, não param de se mexer enquanto ela corta os cabelos e no final, está tudo lindo e perfeito, pode medir.

Nasci em Cascavel, interior do Paraná. Minha mãe não era casada e jamais me revelou a identidade do meu pai, durante muitos anos, alimentei secretamente o sonho de saber quem era o meu pai, como ele era, se tinha outros filhos. Algumas pistas dadas por parentes levantavam esperanças que logo se frustravam. Na minha infância, me imaginei abrindo a “Porta da Esperança” do Programa Sílvio Santos para encontrar o meu pai. Uma tia me falou que meu pai teria sido um operário de uma empresa que esteve prestando serviço na cidade, e se fora antes de saber da minha existência, ou minha mãe teria revelado a gravidez e como ele não se mostrou interessado, então, ela resolveu assumir sozinha a gravidez. De qualquer forma, continuo sem resposta quanto a isso, e hoje, receio não dar mais tanta importância a saber quem teria sido meu genitor. Meu avô acabou, de certa forma, sendo a minha referência paterna. Quando eu já tinha 7 anos, minha mãe conheceu um paraibano, com quem se casou e teve uma filha quando eu ia fazer 11 anos. Anos depois eles decidiram ir morar em João Pessoa, na Paraíba. Eu não quis ir com eles, nas histórias que minha avó contava a Paraíba era uma terra de cangaceiros e que os homens jogavam a criança pra cima e aparava na faca. Bem, com essas referências negativas sobre o lugar para onde minha mãe escolheu para viver, eu resolvi permanecer no Paraná com os meus avós enquanto a minha mãe, marido e minha irmã seguiram para o Nordeste. Atendendo as clientes nas casas delas e só dois anos depois mudei-me para João Pessoa.

João Pessoa, 25 de abril de 2020

Pouco mais de um mês depois do início do isolamento social, aqui estou eu, examinando minhas contas a fim de eleger qual será paga agora e o que ficará pra depois. Não quero me endividar, porque sei que isso pode me complicar ainda mais. Já passei por muita coisa nessa vida, mas apesar de tudo, venho deixando minhas finanças sob

controle. Tenho dois cartões de crédito, o que me dá a possibilidade de ter acesso ao crédito quando necessito. Eu os utilizo para adquirir o necessário para o meu trabalho e também pra comprar comida. Ainda não saí do último parcelamento que fiz para saldar um dos cartões, quando precisei parar de trabalhar para me dedicar a minha monografia. No fim do ano passado eu concluí o curso de Assistente Social na UFPB.

Com as contas em mãos, água, luz, internet, fatura de cartão de crédito e R\$ 300,00 para quitar tudo e comprar alimentos, não vejo alternativa, vou parcelar o cartão que tá com uma fatura de mil reais, pagar a outra fatura e comprar comida pra mim e para os meus animais de estimação que são dois gatos e uma cachorra. Ainda não consegui o auxílio emergencial mensal de R\$ 600,00 para trabalhadores informais que ficaram sem renda durante a pandemia. Todos os dias eu olho se já saiu o benefício, sempre a mesma resposta “em análise”. Enquanto isso, muitos trabalhadores já se preparam para receber a segunda parcela. Pelo menos não preciso pagar aluguel. Moro num conjunto habitacional construído pela prefeitura. É um pequeno apartamento de um quarto, sala, banheiro e uma pequena área de serviço que minha mãe comprou de uma mulher que foi contemplada pela prefeitura e assumiu as prestações. Dizem que meu bairro é perigoso, mas nunca tive problemas com a segurança. Acho que estou protegida porque, como dizem na linguagem popular, “sou da área”.

João Pessoa, 26 de abril de 2020

Cada dia fica mais difícil enfrentar essa situação de paralisação, preciso trabalhar mais, para suprir as necessidades básicas. Minha renda mensal não me permite ter nenhuma reserva financeira. Quando eu precisei reduzir as minhas horas de trabalho para concluir meu curso de assistência social em novembro do ano passado, me organizei para trabalhar dois dias por semana. Consegui colocar um

cartão em dia e parcelei o outro. Depois de terminar o meu curso, de estagiar, de fazer um trabalho voluntário, vejo a importância do trabalho do assistente social, quero atuar na profissão, mas não quero jamais deixar o meu trabalho como embelezadora. O que mais me deixa satisfeita é fazer o meu trabalho bem-feito atendendo mulheres. Como faço trabalho em domicílio, não atendo homens que não estejam acompanhado da esposa ou de filhos.

Minha renda caiu em 70% desde que o governador da Paraíba, assim como outros governadores brasileiros, determinou que todas as atividades não essenciais fossem paralisadas e os estabelecimentos fechados, com o objetivo de barrar o rápido avanço do coronavírus no Brasil. Todos os meus atendimentos são em domicílio e nem todas as pessoas se sentem seguras porque sabe-se que a capacidade de transmissão deste vírus é muito rápida e embora exista grupos mais vulneráveis, não há como prever como ele irá se comportar em cada organismo. Mas, preciso trabalhar para manter a mim e aos meus animais. Às vezes fico pensando, e se me faltar o alimento, tenho certeza de que minhas amigas irão me ajudar, mas penso nos meus bichos de estimação, que dependem inteiramente de mim. O que será deles se me faltar condições de alimentá-los? Essas reflexões me conduzem ao trabalho.

João Pessoa, 4 de maio de 2020

Aproximadamente um mês e meio do início da pandemia, intensifica-se discussão sobre o que é ou não trabalho essencial. No meio dessa confusão, uma coisa é certa, o mercado da beleza não é considerado essencial. Mas, como se define o que é essencial? Depende pra quem você pergunta. Para mim, o meu trabalho é essencial porque é dele que eu retiro o meu sustento. Para Dona Raquel, uma professora aposentada para quem o meu trabalho evita que ela sofra as dores de uma unha encravada. Passado pouco mais de um mês da

determinação do distanciamento social pelo governo estadual, Dona Raquel me ligou, porque sua unha estava muito dolorida e ela não aguentava esperar mais. No apartamento de três quartos onde ela mora com o esposo, ela me aguarda.

– Amanda quer tomar banho? Pergunta a Dona Raquel.

– Ela quer, responde o marido.

– Quero sim, respondo já segurando a toalha que ela me estende, me dirijo ao banheiro social, no meio do corredor. Não tenho alternativa, penso. Tomei banho antes de sair de casa e vim direto pra cá, mas se eles se sentem mais seguros assim, eu tenho que compreender e ficar feliz em poder ajudar. Eles pertencem ao grupo identificado como vulnerável ou de risco, embora me cuide bastante, trabalho na casa das pessoas e uma das características desse vírus é passar despercebido em 80% da população, então não dá pra relaxar, porque nunca sabemos quem serão os eleitos. As pessoas assintomáticas acabam tornando-se vetores de disseminação do vírus, colocando a todos em estado de alerta.

Por determinação das autoridades, devemos manter o isolamento social e usar máscaras fora de casa e no contato com outras pessoas, o que deve acontecer apenas em atividades consideradas essenciais. O procedimento nos pés é demorado e enquanto faço meu trabalho converso muito com as clientes e acabo criando uma relação de amizade. O apartamento dela é muito bem cuidado e a decoração, embora simples, tem um toque de bom gosto. O casal tem apenas uma filha que é casada e mora na França. Depois de muitos anos, este será o primeiro que ela não viaja para ver a filha e os netos. Este ano, a interação familiar se dá por meio de chamadas de vídeo da internet. A avó, sempre fala com as crianças que nascidas na França, precisam da mãe como tradutora porque os pequenos não falam português.

João Pessoa, 15 maio de 2020

A rotina de trabalho está se reestabelecendo aos poucos, voltei a atender aproximadamente 70% das clientes. Ainda não consegui uma solução para as contas. Estou ainda pagando o mínimo do cartão. As contas acumulam-se.

João Pessoa, 20 maio de 2020

Hoje eu atendi mais uma cliente em casa. Ela agendou previamente unha e depilação, mas quando eu cheguei ela resolveu cortar o cabelo, o que teve de ficar para outro dia, primeiro porque eu não trouxe a tesoura e não posso carregar todos os apetrechos comigo quando saio de casa porque o espaço na minha moto é limitado e tenho planejar a organização do material a cada dia de trabalho.

Nesse apartamento, a mesa das refeições, foi ocupada por um notebook e um monitor para o trabalho em casa. Livros jogados numa prateleira improvisada indicam há sempre uma leitura em andamento. A rotina da casa de Marcela foi toda alterada por causa do isolamento social. As crianças foram da escola têm uma outra rotina. O pequeno Rodrigo se ocupa na televisão, ou se aventura num patinete ou num skate. A vizinha do apartamento de baixo, embora não reclame, não deve achar graça do barulho. Enquanto isso, a irmã mais velha assiste aula a distância pelo computador. As rotinas da escola, são mais ou menos reproduzidas nas aulas remotas. Inclusive, o intervalo de 20 minutos depois da terceira aula.

Com a minha chegada, às 15 horas, o horário de expediente da minha cliente já acabou. O ambiente um tanto improvisado de casa, trabalho e escola abriga mais uma função, a de salão de beleza. O lugar escolhido é a varanda, por ser mais ventilado e dá pra olhar a sala onde se encontra a criança que vez por outra resolve vir brincar com

os esmaltes perguntando a cor de cada um ou os organizando em filas como se fossem pecinhas de montar.

Já faz bastante tempo que eu não vinha nessa residência. A dona da casa ficou gripada e adiou a minha vinda por duas semanas. Comentei com ela que durante esse período minha cachorra Madona adoeceu, sentindo fortes dores, eu a levei para o veterinário. Foi feita uma ultrassonografia que detectou uma inflamação, tive que comprar 5 caixas de antibiótico que me custou quase R\$ 500,00 e paguei ainda a consulta, o exame e o transporte. Tudo isso, eu parcelei em muitas vezes no cartão, mas fiquei feliz por ver minha Madona melhorar rapidamente e ficar sem dor. Minha mãe vai pedir par minha irmã que mora na Suécia para me mandar R\$ 500 para me ajudar a pagar as despesas. Ainda estou aguardando o auxílio emergencial, mas verifiquei no portal que o benefício foi aprovado, melhor assim, não será necessário entrar contrair um empréstimo, pelo menos por enquanto.

João Pessoa, 20 maio de 2020

Quando tudo isso passar, eu pretendo retomar um projeto da igreja que foi paralisado com a pandemia o “Estive doente e vieste cuidar de mim”, conhecido entre os pacientes e equipes de saúde como “Café com amor”

O projeto começou com uma dessas ações organizadas para a prevenção do câncer, o novembro azul. Minha mãe foi convidada para um trabalho voluntário com pacientes internados na área de oncologia. No início era oferecia corte de cabelo, fazia barba e pintava a unha das mulheres que estavam fazendo quimioterapia. Depois ela percebeu que as pessoas que vinham fazer quimioterapia não tinham café da manhã, então ela fez uma proposta na igreja e reuniu um grupo de mulheres para fazer o trabalho voluntário.

Eu fui ajudar. Na primeira vez pensei. Vai ser só uma vez e não vou mais. A segunda-feira, sempre foi a minha folga. Trabalhava a semana toda e na segunda eu queria dormir. Eu não fazia ideia do que era uma quimioterapia, ninguém do meu convívio tinha feito. Chegando lá, fomos para uma salinha pra organizar a distribuição do café, antes de começarmos a servir, uma maca trazia um corpo coberto da cabeça aos pés. Fiquei impressionada. Um óbito, nunca mais volto aqui, pensei.

Entramos no hospital por um corredor comprido, na sala de quimioterapia tem cadeira dos dois lados e um banheiro no final do corredor. Os consultórios médicos são no andar de cima e alguns pacientes esperam o procedimento. Na sala, havia um pote de biscoito e uma garrafa de café. As cadeiras onde os pacientes aguardam são brancas de plástico. Há pessoas abatidas tomando soro e isso gera um impacto na gente. Eu pedi a atenção de todos e comecei a falar sobre o nosso trabalho voluntário. Me segurei para não chorar. Notei que alguns profissionais da enfermagem nos olhavam com desconfiança e outros demonstravam contentamento. Levamos violão, cantamos, servimos o café da manhã. Foi muito emocionante. Desde o primeiro dia, não quis mais parar. Com o tempo, fomos ganhando a confiança dos profissionais de saúde e dos pacientes e passamos a ouvir histórias. Alguns choravam por receber os cuidados e falavam de nós para os seus familiares.

Conversei com uma mulher que veio de Monteiro, cidade localizada a 300 quilômetros de João Pessoa. O nome dela é Dona Sônia disse que sai de casa à meia-noite. Ela me contou que quando descobriu o lúpus entrou em depressão e tentou suicídio três vezes. Com o resultado do câncer ela decidiu viver. Quando foi fazer o tratamento e ainda sentindo-se deprimida ela conheceu o café com amor e viu algo diferente nas orações, nas palavras de afeto e através do amor que é ser-

vido juntos com as refeições. Ela pediu para tirar uma foto com o grupo de voluntários para levar para o marido. Ele não pode acompanhá-la nas sessões porque é muito longe e nunca há vaga no transporte oferecido pela prefeitura. Quando nos despedimos ela falou.

– Eu vencerei o câncer de mama, assim como consegui vencer a depressão por causa do trabalho de vocês.

Fazendo este trabalho, eu percebi que tenho muitas coisas pra viver e pra vencer. Sou uma pessoa resiliente. Eu sempre consigo superar, Por mais difícil que seja, por mais que demore, mas eu tenho conseguido superar a mim. Eu tenho conseguido vencer as minhas lutas, mesmo estando distante da minha família. Tenho um projeto de ir visitar as pessoas que já passaram pelo tratamento e hoje estão curadas e se Deus me abençoar com um carro, na segunda-feira à tarde eu pretendo para algum lugar, onde eu possa reencontrá-las.

Rodapé: Eu conheci Amanda em 2016, atendendo clientes no prédio onde moro. Desde então, me tornei cliente a admiradora do trabalho voluntário que ela desenvolve com pacientes de hemodiálise num hospital da capital paraibana, oferecendo um café da manhã com a ajuda de outras voluntárias e levando uma palavra de conforto para os enfermos.

Entre rodos, flanelas e amassados

Felícia Arbex Rosas¹

Primeiro dia

Nossa! Hoje acordei no susto com o coração acelerado. O despertador não tocou. Já dei uma olhada rápida no relógio e vi que não passei tanto do horário assim, ufa! Mas bora que também não posso ficar de enrolação, tem muita coisa para resolver pelo centro da cidade e eu já sei que conseguir estacionar, ou melhor, achar uma vaga por lá vai me fazer perder minutos preciosos da vida e eu não tô afim!

Procuro otimizar meu tempo, mas de um jeito bem meu, na correria. Visto a calça, boto mais açúcar no café, visto a blusa, duas olhadas rápidas no espelho para conferir se não está muito amassada e como uma cena de um plano sequência, só que com uma pitada de agilidade: passo a mão na mesa, pego a chave do carro, da casa, meu cartão e bato aporta. Imediatamente já abro novamente esbaforida. As moedas, as moedas, cadê elas?

Abro uma gaveta nada. Abro outra e tá aqui! Cinquenta centavos! No meu bolso direito mais duas moedas de cinquenta e uma de vinte e cinco, tá ótimo! Ou não?

Xiii começou. Toda vez que vou para o centro da cidade me faço esse questionamento...

¹Repórter da TV Cabo Branco, em João Pessoa, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ/UFPB)

As moedas que antes eu usava para inteirar alguma compra na padaria ou algum lanche, hoje em dia junto para dar aos flanelinhas. Mesmo assim fico me perguntado, será que devo mesmo pagar?

Será que estou sendo vítima do sistema? Será que estou ajudando ou deixando de ajudar quem precisa trabalhar? Fala sério! Eu não sou obrigada a nada.

Mas qual o problema em pagar? Não fica parecendo esmola? Eu deveria ter um valor base para dar? Mas Será que vão comprar bebidas e drogas com o dinheiro que ganham?

Eita, o sinal abriu. Saindo da orla dirijo mais um pouquinho e assim que o sinal fica vermelho novamente, eu levo um susto, com um jato de água vindo bem no para-brisa.

Ai moço, que susto poxa! Calma tia, só limpar o vidro pra se-nhora, se puder ajudar nós, nós tá aí trabalhando.

Eu nem tive tempo de responder e o menino já tinha acabado de limpar o vidro da frente e estava limpando o de trás. Quando olho pra calçada: três adolescentes conversando entre eles, cada um com uma garrafinha de água mineral na mão e um rodinho na outra.

Na pista, dois adultos limpam os vidros dos outros carros. E aí tia? Tem uma ajudinha?

Peguei as duas moedas de cinquenta centavos dei pra ele e agradei. No mesmo instante o sinal abre. Poxa, ele calcula o tempo do sinal? E não é que o vidro estava precisando dessa limpeza mesmo, que vergonha!

Passo mais alguns minutos no trânsito até chegar ao centro da cidade. Dia típico de centrão: calor de matar, um monte de carro procurando vaga para estacionar e eu entre eles, também em busca da tal da vaga. Afinal, eu sempre tive muita resistência em pagar por estaci-

onamento particular. Você pode dizer: mas Felícia, um estacionamento é dez, sete, cinco reais. Cara, tô nem aí, não pago!

Passsei para terceira marcha atenta a todos os lados e todos os retrovisores, eu só queria encontrar um espacinho para parar, mais nada. Vou dar mais uma volta pra ver se acho, até que poucos metros à frente eu vejo uma flanela marrom balançando no ar.

Aqui moça, aqui ó vaga! Mais pra direita, isso pode ir, desfaz, desfaz todo volante que dá. Tô achando que vai ficar complicado pra mim moço! Vai não, vai um pouco mais pra frente, eu tô olhando para você, isso deu!

Eba, muito obrigada mesmo! Que isso, tâmo aqui pra ajudar, pelo jeito e sotaque você não é daqui né? Sou de Minas, mas moro um tempo aqui já ainda tenho sotaque mesmo? Ouxi, ele ri. É muito trânsito lá para aqueles lados seu lá né e esse amaçado aqui foi recente? Ele perguntou dando uma olhada geral para meu carro. Não, não é de hoje não respondi. Nós dois rimos e eu segui meu rumo. Mais um dia que consegui estacionar na rua, não sei o motivo, mas eu adoro essa sensação.

Horas depois eu volto. O carro estava lá e o flanelinha também. Ele colocou um papelão nos vidros para proteger do sol, realmente isso faz a diferença. Enquanto me aproximava dele fiquei viajando em meus pensamentos. Ele era bem alto, magro, moreno; vestia uma camisa amarela meio desbotada com pequenos rasgados, bermuda estampada de tictac e chinelo. Mas a voz dele me chamou atenção: era firme, grossa parecia até que ele fazia fono ou era locutor. Qual seu nome mesmo moço? Pessoal aqui da área me chama de Maggo. E a senhora? Felícia. Se a senhora tiver alguma ajudar para dar....

Caramba, pensei. Ele me ajudou tanto. Sem ele eu não conseguiria estacionar e agora eu desfalquei o dinheiro dando pro menino

que limpou o vidro. Só me sobrou setenta e cinco centavos. Sem graça, expliquei que eu só tinha aquela quantia, mas que no próximo dia eu daria mais pela ajuda que foi muito importante.

Tudo bem, eu tô sempre aqui. Ou fico aqui a tarde toda ou ali mais na frente. Você trabalha muito tempo como flanelinha? Tem uns três anos, antes eu ajudava meu avô que era pedreiro aí ele morreu, emprego tá difícil e eu consegui ficar aqui. Fica só você aqui? Eu aquele menino lá da frente e mais dois. Aposto que você já tem muito cliente, é comunicativo, sua voz é de locutor falei e ri. Há eu gosto de conversar, de cantar também pessoal fala da minha voz mesmo. Pessoal aqui já me conhece, me ajuda, eu olho o carro mesmo, não saio daqui não. Se precisar lavar nós dá um trato também. E assim nós vai vivendo, dá pra comer, dormir, tá bom. Eu sou da área também, todo mundo me respeita, tem que ser da área não é não? É. Respondi como se eu soubesse o que isso significava. Nos despedimos e com a ajuda dele consegui manobrar para sair da vaga e segui para casa.

Segundo dia

O dia raiou e hoje eu acordei pensativa sobre os flanelinhas. Eu não sei o porquê, mas sempre gostei de trocar ideia com eles, desde que eu era pequena essa atividade me chama atenção. Eles realmente fazem parte dos cenários urbanos das grandes cidades assim como camelôs, eles atuam nas ruas, criaram nela uma estratégia de sobrevivência.

Poético, mas eu ainda estava curiosa, o assunto me interessou e resolvi saber um pouco mais.

F.l.a.n.e.l.i.n.h.a li devagar o nome e sorri. Tudo a ver achei. Eles realmente usam e abusam das flanelas é real, uma marca registrada. Fui pesquisar na internet e vários links apareceram com títulos

como: “Significado de flanelinha - Guardador de automóveis clandestino encontrado nas ruas das grandes cidades”, “Flanelinhas, profissão ou extorsão”, “Flanelinha é assassinado no centro”, “Flanelinha é preso por ameaçar...”

É, o termo pelo jeito é bem marginalizado. Não só ele né. Será que eu contribuo para marginalizar essa prática quando fico na dúvida se pago ou não? Será que eu contribuo para isso toda vez que quero saber da vida deles? Ou quando gosto de observar a forma como falam e se vestem? Ou por não fazer nada a respeito para ajudar com que tenham outras oportunidades de trabalho? Pronto, começaram meus questionamentos.

Li umas matérias, até que encontrei o estudo da socióloga Francielli Muller Padro. Que demais! Assim como eu, ela também relata que encontrou dificuldades para encontrar algum tipo de histórico e notas bibliográficas sobre a origem dos flanelinhas. E olha que ela é estudiosa no assunto hein! Ao contrário do que eu pensava, não é apenas hoje em dia que nos deparamos com eles. Segundo Padro, a profissão de guardador de carros existe no Brasil desde 1930 e a prática se concentrava mais nas capitais Rio de Janeiro e São Paulo. Os pontos que eles trabalhavam eram divididos por áreas e nessa época no Rio a profissão foi regularizada e até a gorjeta era obrigatória. Achei isso demais! Diz muito sobre a realidade atual, muitos desses aspectos ainda estão presentes como o fato de ficarem em áreas divididas (pelo que percebi nas conversas com eles, cada um tem sua área) e essa tradição da gorjeta? Lá para os anos 1960 a atividade expandiu para outros centros urbanos e sem regularização, passa a ser considerada um subemprego pela informalidade e marginalização da atividade.

Pelo que eu li nas matérias sobre o assunto e também nos estudos de Padro, essa questão da regularização dos flanelinhas rende pano pra manga desde sempre. Em algumas cidades a prática é regu-

larizada em outras, não. Depende da lei municipal. Aqui em João Pessoa, atualmente 300 flanelinhas são cadastrados na prefeitura e recebem uma carteirinha que comprova a função e permite que não sejam impedidos de trabalhar pela fiscalização das guarda municipal e pela polícia. Isso, segundo o que a assessora da secretaria de desenvolvimento social da cidade me disse. Ela também falou que os cadastrados atuam no centro e na área da orla, que a maioria é morador de rua e por isso também recebem assistência como: comida e local para tomar banho, nos centros que existem na cidade voltados para pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade. Foi o que ela me disse. Eu, particularmente, nunca esbarrei com nenhum flanelinha cadastrado por aqui.

Vi, que muitas pessoas também são contra a atividade por interpretar como crimes de extorsão ou constrangimento, ou os dois. Eu não sou contra a atividade, mas não vou mentir, esses pensamentos também passam pela minha cabeça. Será?

Terceiro dia

Mais uma vez sigo destino em direção ao centro da cidade e antes de parar no sinal eu já estava esperta, que qualquer jato de água poderia ser lançado a qualquer momento.

Dessa vez, eu estava preparada! Olhei para calçada e vi crianças, adolescente e dois adultos. Todos com blusas de times de futebol. Juro, todos! E claro, com os equipamentos em mãos: rodinho e a tal da garrafinha com o que parece ser um tipo de mistura de água e detergente dentro.

Limpar aí rapidinho boyzinha? Obrigada, mas o moço limpou ontem...

Ele então, parece que não ouviu ou deu de maluco, pois já foi jogando o liquido nos retrovisores. Esse amassado foi de hoje moça? Não. Cuidado hein! Tá bem. Rimos.

Tem uma moedinha aí pra deixar? Poxa, sai de casa sem nada, desculpa. Tudo certo na próxima você me dá.

Sinal verde, parti. Eu estava com uma sensação estranha por não ter lembrado de trazer as moedas e com isso, lá vem meus questionamentos. Esqueci das moedas, num caso desse que ele limpou o retrovisor será que eu poderia ter dado dez centavos ou era melhor não dar nada? Mas pera aí ele me chamou de tia? Segunda vez que eles me chamam de tia e eu tenho quase a idade dele! Fico indignada.

A caminho do centro peguei um super engarrafamento. Certeza que era algum acidente não é possível. Joao Pessoa tem uma frota de mais de duzentos mil carros não é possível que justo hoje, todos estariam concentrados aqui!

Quando virei a cabeça para o lado não pude deixar de perceber o “figura” que se encontrava na pista. Magrinho que só ele se destacava do colega. Vestia uma camisa de botão de tecido que parecia bem levinha e larga no corpo dele, bem larga!

Bermuda de tactel vermelha, chinelo e os acessórios? Esses sim chamavam atenção de tanto que brilhavam com o reflexo do sol. Cordãozão dourado largado no pescoço e do mesmo tom, o relógio bem grande subia e descia, bailando no pulso fino. Que moleque estiloso!

Vem, vem, vem, aqui, aqui e da-lhe flanela mexendo indicando a direção. Vai ou, vai, vai porra! E da-lhe flanela mexendo pra cima. Vai carai gritava ele sem um dente da frente e olhando na minha direção.

Gente, ele tá falando comigo? pensei. Quando dei por mim, escutei a zuada das buzinas bem longas. O sinal já estava aberto, os carros seguindo e eu, impedindo um outro carro de passar e estacionar na vaga que o estilão indicava. Anda, anda, anda, gritava ele nervoso. A cara tava brava, muito brava, ele ficou indignado mesmo!

Eu fiquei de boa, eu ri e pensei: Nossa, muita personalidade para uma pessoa só. Que moleque abusado!

Minha rotina já tinha atrasado por causa do trânsito que eu peguei. Em poucas horas tenho que ir trabalhar e o fato de ainda ter tanta coisa para resolver no centro me fez desanimar. Minha temperatura corporal mudou e senti o calor como nunca, já escorriam algumas gotículas de suor na minha testa. Pelo jeito, eu precisava dar uma atenção maior ao ar condicionado, assim como aos amassados do carro.

E quando a vibração do stress começou a tomar conta de mim, eis que encontro Walter.

Se eu tivesse que desenhar um flanelinha seria ele e por falar nisso, flanela não faltava ali. Eram logo três. Duas sobre o ombro direito, uma na cabeça e outra me mostrando o local para parar.

Isso, aqui tá ótimo dona! Boa tarde para senhora! Ele sorriu animado e de bem com a vida. Minha vibração já mudou ali, me senti bem mais de boa.

Boa tarde e obrigada eu disse. Se a senhora quiser dá uma limpa, a gente dá um trato.

Obrigada! Agradei recusando. No fundo, eu até queria mas eu não tinha dinheiro e nem costume de lavar o carro. Fica para uma próxima. Claro, quando a senhora quiser e sorriu.

Eu não sei se foi porque eu tinha acabado de ver aquele moleque abusado ou se Walter realmente era simpático além do normal. Ai meu Deus, eu não trouxe a moeda, eu não trouxe nada! Fiquei sem graça. Lá vem eles, os meus questionamentos: mas você não deve nada não é obrigada a pagar. Mas são moedas ou eu deveria começar a dar pelo menos quatro reais? Quatro é muito hein! Mas ele vai ficar olhando o carro pra mim!

Deixei o carro em boas mãos e fui. Quando voltei, não voltei com a grana e sim, com dois bolinhos de macaxeira que eu passei no cartão.

Oi seu Walter na próxima eu juro que acerto com o senhor. Está sempre aqui esse horário? Tô sim minha querida, pode me chamar de chocolate é como me chamam. São oitos anos aqui, aí eu fico pela tarde e um outro menino pela manhã. Oito anos? Nossa muito tempo! O senhor sempre trabalhou como flanelinha? Nada, já trabalhei na padaria, na prefeitura daí fui demitido e dei um jeito de não ficar parado né, tem que viver. E dá um dinheirinho? Se chover quebra as flanelinhas, mas papai do céu tá ajudando a gente né. Eu pago alimento, aluguel, simples, mas dá. Tendo saúde tá bom né querida?

E se surgir uma outra oportunidade de emprego você iria? Só se for para trabalhar no horário que não estou aqui, sair daqui não saio não! Seu Walter, quer dizer chocolate. O senhor aceita? É bolinho de macaxeira e tá bem bom. Claro! Muito obrigada minha filha e não esquece, quando for me chamar é chocolate, que nem a sua cor. Rimos! Deus te abençoe. Deus te abençoe também.



Quarto dia

Ao som dos pássaros que na verdade era o toque vindo do celular, eu acordo para mais um dia contado no relógio. Vou até a porta e dou um passo para trás. As moedas! Não posso esquecer das moedas! Achei dois reais. Tá bom? Será? Mas e se eu precisar estacionar? Preciso dar um jeito de lavar meu carro com o chocolate e ajudar ele, penso.

Quando menos espero, lá vem três de uma vez. Tia, limpar o vidro aí? Em um piscar de olhos: um tá limpando o vidro de trás o outro o da frente e o terceiro já estava no carro ao lado. Ágeis, pensei. Você tem quantos anos? Fica nesse ponto? 19. Fico. Fico a tarde toda pra conseguir uma grana. É muita gente tamo no corre né! Antes mesmo que pedissem, me adiantei e dei cinquenta centavos. Vi que

ele já estava com o bolso movimentado, manhã lucrativa pensei. Vai ai Tia, valeu!

Tia? Fala sério, mudei a marcha com força. Eu nem sou tão tia assim ou será que sou?

Entre paradas, curvas e subidas chego ao centro. Vou parar perto da igreja pois geralmente tem vaga. Pelo menos, é o que eu quero acreditar. Tinha! Eba!

Aqui, aqui, sinalizava o flanelinha. Blusa preta, bermuda, chinelo e como típico: uma flanela e a dele, bem encardida. Eu não consegui entrar na vaga. Porra você é burra é, é?

Aqui ó anda, anda. Não vê não é? é cega?

Eu até tentei entrar mais uma vez na vaga, mas eu fiquei tão p. da vida com tamanha arrogância que virei o volante e sai com raiva. Mas antes, lancei na cara dele: seu estúpido! Minha vibração já mudou. Eu estou tensa, sigo dirigindo e pensando, que cara Grosso! Duvido que se fosse um homem ele falaria desse jeito. Eu errei uma vez e ele já despejou toda essa raiva em mim? Eu realmente fiquei magoada. Não sei se era um dia que eu estava mais sensível, mas por uns minutos essa situação mexeu comigo.

Eu não sabia, mas fiquei tão chateada que eu preferi até pagar por um estacionamento.

Passei cinco reais no débito, já que eu só tinha algumas moedas. É, parece que eu joguei a toalha, ou melhor, a flanela. Agora sim, me senti no sistema total. Será que eu perdi minha liberdade de estacionar na rua? Será que eu tinha alguma liberdade de estacionar na rua?



Quinto dia

Acordo para mais um dia e hoje eu estou confiante e decidida, não vou dar mole!

Catando todas as moedas da casa eu digo em voz alta: Só vou dar as moedas para quem trabalhar bem e me tratar com respeito. Eu

já estava encarando a atividade deles como “business”, como trabalho. Afinal, é um trabalho. Qual a dificuldade de entender isso!

Na primeira parada do sinal lá vem o cara. Limpar o vidro aí princesa?

O vidro já estava mais que limpo, mas como ele não falou tia... Vai limpa...

Ele olhou para todo o meu carro e riu sozinho. Já sei, ele viu os amassados pensei, já um pouco sem paciência. É massa esse som né? Ele começou a cantarolar um rap que eu escutava no carro. É sim, respondi já doida pra dar a moeda e ir embora.

Sinal abriu e eu já fui pegando a moeda antes dele pedir. Se eu demorasse pra sair dali o sinal ia fechar novamente e uma galera já ia vir lançar o jato de água e eu teria que subir na frente do vidro e gritar Nãaaao quero! Já limpei o vidro! Quando fui estender a

mão ...

Vai com Deus princesa eu jamais iria cobrar de você! Ele riu e jogou a garrafinha pro alto e pegou com outra mão. Há faça-me o favor né, falei comigo mesma. Logo hoje que eu queria pagar! Então segui com o saldo de dois reais no bolso.

Enquanto dirijo penso: estacionamento ou rua, estacionamento ou rua, estacionamento ou rua? Rua, sempre! Eu tenho uma coisa com a rua que eu não sei explicar, então vamos tentar. Na segunda volta, chega o flanela. Aqui dona! E eu penso, dona é tia ou mais que tia? Dei ré. vamos dizer assim, dei ré um pouco demais da conta e fui fundo na lixeira, derrubei e acho que dei uma leve batida no muro. Comecei a suar, demonstrei que fiquei tensa. Ai meu Deus ele vai detonar comigo, vai me xingar igual aquele flanelinha de ontem e eu não tô afim. Eu não queria gritar com ninguém hoje eu só queria sair

de casa, dar as moedas para quem me ajuda estacionar e vida que segue.

Ele riu e falou: tranquilo! Eu pego a lixeira aqui dona. Fica tranquila, desfaz o volante, para o outro lado, pode vir, pode vir, isso. Consegui! Senti um alívio e minha vibração já mudou. Julguei que provavelmente ele era usuário de drogas. Notei o rosto fino, vi uma latinha amassada que saindo do bolso dele, as mãos amareladas. Cada um faz o que quiser com as moedas pensei. Ele era bom de papo, eu também. Gente boa, me ajudou foi educado ...

Nisso eu saio do carro e ele vê os desenhos de caveirinhas coloridas no meu chaveiro.

Minha filha adora essas caveiras coloridas desse desenho. É um desenho né dona? Sim, eu respondi sem ter ideia se era ou não eu só não queria oprimir ninguém.

Tem só uma filha? Duas, moram com a mãe. E você trabalha aqui muitos anos? Sim.

Moro aqui, moro aqui na rua. Você fica nesse ponto? Só agora que o boy deixou.

Hum, entendi. Dona, você dirige há muito tempo? Mais ou menos, menti. Esse amassado é de hoje?

Não! Eu já não aguentava mais essa pergunta por onde eu ia. Moço vou pagar antes tá?

Toma. Dei logo as moedas. Ele pegou a grana e antes de agradecer e virar para sair eu disse: Tá vendo esse aqui? Foi de quando eu ia entrar na garagem e não calculei bem o espaço daí arranquei parte do muro da pilastra que dividia uma vaga da outra. Esse outro foi de quando eu fui estacionar e não vi que tinha um monte de ferro empi-

lhado atrás então dei ré e um dos ferros furou a lataria traseira. Já este, eu tinha acabado de abastecer, quando do nada eu saindo do posto bati no meio fio e estourei o pneu por isso esse pneu é maior que o outro, não encontrei do mesmo modelo para comprar.

Esse, é de quando eu fui estacionar, derrubei três lixos e dei uma leve batida no poste.

E esse foi de quando eu destruí o portão da garagem pois não consegui frear quando voltava pra casa cansada do trabalho. Finalizei e virei já para ir embora.

Dona, dona, esqueceu desse daqui ó, que foi agorinha! Rimos e eu segui.

Notas Bibliográficas

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/joao-pessoa/pesquisa/22/28120>

PADRO, Francielli Muller. 2016- Fazendo antropologia na rua: a gênese da produção social da marginalidade entre os “flanelinhas” Maringá.

Estratégia das estratégias

Judivan Gomes Procópio¹

De bandeja nas mãos e um sorriso no rosto, Jonas Batista Barbosa, de apenas 22 anos de idade, tem uma história para chamar de sua e, há muitos, impressionar. Ele, inclusive, já esteve entre a vida e a morte. Ele passou 05 (cinco) anos seguidos procurando emprego e sem nada encontrar. Sem conseguir trabalho, a situação foi ficando cada vez mais difícil e Jonas entrou em depressão profunda e, por pouco, quase tirou a própria vida.

As estratégias de sobrevivência não lhe traziam bons resultados e quando percebeu já estava, literalmente, com a corda no pescoço. O desespero era imenso. Olhava para um lado e para o outro sem, sequer, enxergar uma saída. Tudo, para ele, naquele momento era ausência. Presença mesmo, somente da implacável e negra ideia do suicídio

Quando já se preparava para o salto, que seria mortal, quase sem forças para reagir eis que surge no meio da escuridão, que tomara conta da sua sombria vida, uma voz. Uma luz em forma de gente lhe pedindo para não dar seguimento aquele ato sem nenhum sentido. Era Cleidacira Ceonara Pereira Barbosa, sua esposa, que, ao contrário do marido, ainda carregava consigo a crença pela vida.

A força da mulher, por Cleidacira representada, foi o impulso que o marido precisava para dar um novo rumo a sua vida. A corda

¹é graduado em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo - pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É Mestre em Comunicação Social pela mesma universidade. Atualmente, é repórter e apresentador na Empresa Paraibana de Comunicação- EPC- com lotação na Rádio Tabajara da Paraíba.

que serviria para colocar um ponto final em tudo acabou sendo um instrumento de amarração dos laços entre dois personagens que mostram que sempre há tempo para tudo e, que, por isso, vale a pena insistir, agir e acreditar.

O que poderia ser uma história de tristeza se transformou numa grande lição de vida para o casal e para tanta gente que passa por momentos difíceis. A história de Jonas abre páginas para muitas outras histórias que são tão comoventes quanto a dele. Hoje, Jonas leva a vida de bandeja por uma importante rua do Centro Histórico da cidade de João Pessoa- Capital do Estado da Paraíba.

É que ele (Jonas) vende água mineral no sinal de trânsito que fica na rua Cardoso Vieira – Centro de João Pessoa. Para tanto, ele se veste de garçom. Coloca o produto em um balde sobre uma bandeja e entre os carros parados no sinal vermelho ele sai oferecendo a água as pessoas que se encontram no interior dos veículos.

Aliás, o vendedor ambulante informou que não foi dele a ideia de se vestir de garçom. Segundo ele, foi a sua esposa que surgiu com a feliz iniciativa de criar um personagem para a comercialização do produto. Ele contou que a estratégia da esposa foi fundamental para continuar com a proposta de ser um vendedor informal.

Antes do personagem entrar em cena, Jonas declarou que as vendas não estavam acontecendo no ritmo que ele e a esposa esperavam fazendo com que os ânimos fossem se atrofiando e gerando um sentimento de desistência porque o esforço não estava valendo a pena, e atribui ao fato de comercializar o produto no semáforo vestido de short e sandália com uma caixa de isopor na mão . Isso foi no começo de 2019, entre janeiro e março.

Jonas contou, com angústia, que sentia muita tristeza porque as pessoas fechavam o vidro dos carros na sua cara quando tentava

vender a água. Tais reações, segundo o ambulante, lhe fizeram chorar por muitas vezes em virtude daquele comportamento bater muito forte no seu coração.

De acordo com Jonas, o quadro que estava se desenhando era desolador e já estava fazendo com que ele começasse a pensar que nunca mais ia ter solução por conta de serem tantas as manifestações de desrespeito e de intolerância que pareciam encher não somente aquela rua, mas toda a cidade.

Cada vidro que se levantava era como se um tapa lhe arremessasse a cara fazendo-lhe sentir um verdadeiro marginal. Ele percebia que aquelas pessoas imaginavam que ele se aproximava delas com o objetivo de tentar subtrair algo quando, na verdade, tudo que ele pretendia era vender uma simples garrafinha com água.

Tais atitudes, por pouco, quase lhe fizeram desistir de tudo fazendo-lhe ficar quase um mês em casa. Foi o tempo necessário para que ele pudesse dar a volta por cima, e o mesmo revela que em vez de fecharem os vidros dos seus veículos, agora, as pessoas abrem e o aplaude.

Na verdade, Jonas acrescenta que o balde, a bandeja, a postura e a simpatia como ele atende as pessoas na rua são, na sua avaliação, o grande diferencial para o sucesso alcançado nas vendas. Está bem visível que a estratégia funcionou e que ele já conquistou a fidelidade dos seus clientes.

Jonas explicou que ao se vestir de garçom lhe deu um caráter profissional e as pessoas passaram a lhe ver de forma diferente. Foi, como ele costuma dizer, um valor agregado que fez toda a diferença para fazer as vendas deslancharem com muita potência mostrando que a experiência valeu muito a pena.

Tanto é, que Jonas, hoje, já pensa em tornar o seu negócio ainda mais profissional, ou seja, formalizar a sua atividade para poder dar mais segurança e mais tranquilidade tanto para ele, bem como para a sua família (esposa e filha).

Ele destacou que a sua vida já teve uma grande virada. Aos poucos, as coisas foram ficando cada uma no seu devido lugar. Antes, ele era somente Jonas. Hoje, ele é conhecido como Jonas, o garçom do sinal de trânsito. Uma pessoa de sucesso. Que sofreu muito, mas conseguiu dar a grande virada e conquistar o seu espaço.

Jonas explicou que chega a vender mais de 150 unidades com água nos dias comuns, de segunda à sábado. A renda garante o sustento da família dele. Contando, inclusive, com o aluguel do imóvel onde ele mora. Comunicativo e simpático, Jonas garante que aprendeu a suportar as pressões, encarar responsabilidades e espantar as dificuldades financeiras sempre de cabeça erguida, de maneira caprichosa e com bastante simplicidade.

É impressionante como ele consegue ser rápido com a bandeja em uma das mãos. Sai se equilibrando entre um carro e outro para alcançar o maior número de veículo possível. Com um sorriso largo no rosto, deixa a entender que tudo aquilo é feito com muito gosto e muito prazer mesmo que seja debaixo de um sol brilhante, mas escaldante que ao esticar o olhar pela rua tudo parece tremer.

Ele mora no município de Santa Rita, região metropolitana de João Pessoa. Acorda bem cedo para a rotina do seu dia e, depois de dá um beijo na mulher e na filha sai rumo ao seu trabalho, porém, antes, faz uma parada breve porque precisa comprar a água para ser vendida. Cada fardo, com 12 garrafas, custa R\$ 5,5 e revende cada uma por R\$ 1,00.

Para ele, tudo que aconteceu é Deus o exaltando de forma grandiosa por conta de todas as humilhações que já tinha passado

pelo fato de não ter um emprego e, agora, Deus o estar honrando com todas as bênçãos que lhe vêm chegando, geralmente, sob quatro rodas.

Com alegria, ele enfatiza que as bênçãos vêm do alto, mas o grande encontro acontece no asfalto tendo os condutores como interlocutores fazendo de um produto comum em um sucesso de vendas e enchendo de esperança o que antes só via tristeza. Para Jonas, sinal vermelho significa passagem aberta e caminho livre para a busca de uma vida vivida com a dignidade que sempre perseguiu.

Aliás, além da boa comunicação e simpatia de Jonas merece destaque também a boa forma física que ele tem para atender todos os chamados que vão surgindo, praticamente, ao mesmo momento e num espaço de tempo que só dura entre um sinal e outro. É uma maratona, realmente. Quando o sinal fica verde, normalmente, ele se encontra em uma boa extensão da rua e tendo que voltar ligeiro pelo mesmo percurso para abastecer o balde e começar tudo novamente.

E as estratégias não param de acontecer. Quem não conhece Elnóá Paiva, deveria procurar conhecê-la. Pois, ela faz pulsar um recanto do centro de João Pessoa-PB. De fato, as ruas são sempre muito pulsantes e, por isso, cheias de histórias que nos chamam a atenção como a que vou começar a contar agora. É cada vez mais frequente a procura por um visual mais atraente. Não importa se é mulher, homem ou até mesmo adolescente. O fato é que as pessoas querem ficar mais bonitas para si e para os outros. Não basta ter somente um cabelo bonito. É preciso mais. Uma boa maquiagem faz muita diferença. As unhas precisam estar perfeitas.

Não pensem que terminou por aqui não. Ainda têm as sobrancelhas. Quando o assunto são elas, é só procurar por Elnóá Paiva. Mas, também, pode ser chamada de Elnóá Desingner. Ela é pernambuco.

bucana e trabalha como desingner de sobrancelhas há quase 10 (dez) anos. Há dois anos e seis meses, ela atende, ao ar livre, em uma rua no centro de João Pessoa- Paraíba.

Fora dos tradicionais salões de beleza, ela contou que aqui, na Paraíba, encontrou seu verdadeiro foco de vida Elnóá declarou que a profissão de desingner de sobrancelhas surgiu naturalmente. Antes, ela trabalhou como acompanhante de idosos, babá e vendedora. Depois de passar por essas experiências foi trabalhar no salão de beleza de propriedade de um dos seus irmãos.

Lá, como ela mesma diz, foi aperfeiçoar o que já sabia porque já tinha uma certa noção do que era ser desingner de sobrancelhas. Ela disse que só estava precisando de uma força e isso ela encontrou no seu irmão. De acordo com ela, foi no empreendimento do seu irmão o ponto de partida para a carreira de desingner.

Mas, ali, ela sentia que não era o lugar dela. Elnóá procurava por algo diferente. Foi quando começou a ideia de fazer o que ela gostava, porém com algo fora do trivial. O que era uma ideia se transformou num salão ao ar livre e, ela consegue dar vazão a toda a sua arte que, de rosto em rosto, vai espalhando a sua marca.

Para a desingner, o empreendimento funciona como um verdadeiro hospital de sobrancelhas a céu aberto. Segundo ela, é o Samu das sobrancelhas porque quando as pessoas não conseguem resolver, seja em João Pessoa ou em outro lugar, vêm pra cá que tudo será prontamente resolvido pelo conhecimento adquirido nesse tempo.

Como o negócio de Elnóá funciona sem nenhuma parede, não há fronteiras para a sua clientela. A prova disso é que vem gente de Pernambuco, Rio Grande do Norte e, até mesmo de Sorocaba, no estado de São Paulo. O público é de todas as idades e sexo.

Sempre bem humorada, ela garante que o seu sucesso como empreendedora deve-se ao fato do seu salão funcionar em um local não convencional permitindo maior liberdade aos seus frequentadores que se mostram bem à vontade e não poupam nos elogios que lhe dão cada vez mais força para continuar na sua jornada.

Aliás, jornada que ela faz questão de dizer que gosta muito porque já tomou conhecimento que outras pessoas, inclusive, já se espelham no seu trabalho e seguem o seu exemplo por entenderem que trata de alguém de coragem e de muita determinação.

Além disso, ela fala com bastante entusiasmo que as pessoas possuem verdadeira admiração por saber usar de tanta criatividade, e também de passar por um processo de exposição porque tudo é feito aos olhos de todos que passam pela rua e se trata de um lugar de movimentação bem intensa fazendo despertar muitas curiosidades.

Elnóá explicou que várias pessoas desejam saber como é que as ideias dos designers surgem e ela rapidamente conta que, num estalar de dedos, pensa e coloca em prática. Mas, segundo ela, é muito importante haver um planejamento, tirar do papel e, depois, colocar para a apreciação dos usuários para que eles possam usufruir do que foi, cuidadosamente, trabalhado para a satisfação deles.

Afinal, ela afirmou que tudo é pensado, planejado e preparado para a clientela, e que é nela que está todo o seu foco. Nada é feito de forma improvisada porque ela sabe que o que faz meche com a estima das pessoas e, portanto, não tem como fazer algo de maneira aleatória. Pelo contrário, tudo é milimetricamente pensado e como não tem teto em seu ambiente de trabalho a inspiração do céu chega de forma mais rápida.

Essa forma de ver o cliente como sendo a razão do seu empreendimento explica porque tanta procura pelo seu serviço. Ela atende

entre 15 a 30 pessoas por dia. Sem contar, é claro, que a mesma possui uma técnica que, segundo ela, as pessoas não sentem nada de dor. Com um orgulho que dá para sentir no seu jeito de se expressar, ela declarou que é conhecida por muitos clientes como “mãos de fada”.

A profissional confessou de forma bem categórica que tem a certeza absoluta que os seus fregueses vão à sua procura com o objetivo de serem felizes. Assim sendo, há todo um cuidado para que cada um ou cada uma saia do seu atendimento com a sensação de um problema solucionado e, ainda, sem as dores que, costumeiramente, acontecem em procedimentos dessa natureza.

“Geralmente os clientes de desingner de sobrancelhas já são traumatizados de virem a um salão e voltarem com dores e inchaços em virtude dos beliscões que ocorrem durante o procedimento. Eu uso uma técnica que faz com que as pessoas não sintam dores. Tem como não ter dor se usar a técnica correta e se dedicar ao trabalho com amor”, esclareceu Elnóá.

Ela reforçou que para o cliente sair com aquele olhar bonito e com um rosto bem definido após a sua intervenção é preciso, além de todos os artificios que são utilizados, não abrir mão de todas as técnicas possíveis e muito carinho que ela diz carregar nas pontas dos seus dedos que fazem as pessoas cada vez procurarem pelos seus serviços.

Elnóá garantiu e fez questão de dizer isso com toda a sua força que as pessoas que vão em busca do seu trabalho só saem do seu ambiente, bonitas. Sem economizar em nada nos autoselogios, ela assegurou que conquistou muitos clientes idosos porque todos saem bonitos e o que é ainda melhor: não existe nenhum sofrimento.

Ela se sente tão realizada no que faz e aonde faz que já surgiram muitos convites para trabalhar em outros salões e rejeitou a todos eles porque, assim como os clientes, ela adora a claridade do sol,

o vento, em fim, de estar ao ar livre, que na avaliação dela, tudo isso colabora para que cada vez mais pessoas queiram usufruir dos seus serviços.

Para ela, é fácil perceber que as pessoas chegam tristes ao salão e saem felizes pelo fato de terem conseguido uma sobrancelha como estavam desejando e, ainda, em um local que foge a todos os padrões que são estabelecidos. “É uma verdadeira terapia. O próprio local oferece isso”, diz com todo entusiasmo a desingner.

“Uma cliente de 75 anos de idade, da cidade de Fortaleza –CE, sentou nesta cadeira e disse que eu era a solução da vida dela porque nunca tinha conseguido ter uma sobrancelha bem feita e bonita porque ninguém tinha conseguido acertar até então”, afirmou.

A prova de todo esse sucesso alcançado por Elnoá é o fato dela conseguir ganhar, por dia, até R\$ 400,00. Valor, que aliado a uma aposentadoria do seu esposo, garante o sustento de toda a sua família. E por falar em família, Elnoá informou que os seus 03 filhos se formaram graças ao que ela ganha como desingner de sobrancelhas.

As pessoas admiram a minha coragem ao me expor numa calçada e até se sentem encorajadas para fazerem o que eu faço. “Eu me defino como uma mulher determinada e corajosa. Não podemos ficar nos sonhos e nos desejos. Temos que colocar tudo em prática. Esse é o segredo do meu crescimento e do meu valor”, concluiu Elnoá.

Engana-se quem pensa que a criatividade terminou por aqui. O doce nosso de cada dia, poderia ser chamado também de a paçoca do João ou simplesmente paçoca. Pouco importa o nome que tenha. O fato é que o singelo produto vem tornando mais atraente a vida de um jovem empreendedor que veio do interior da Paraíba para João Pessoa (Capital). A pessoa tem o nome de João.

As ruas não param de surpreender e mais gente vem chegando para fazer parte da sua história e, também, fazer história. É o caso de Jonas, Elnoá e agora, João. “Sou empreendedor”. Pois é com essa frase estampada em uma pequena placa pendurada em seu corpo que João de Oliveira da Silva (20 anos) ganha a vida vendendo paçocas em um semáforo no bairro de Manaíra, em João Pessoa- Paraíba. Ele contou que a ideia surgiu porque em sua cidade estava muito difícil de arranjar emprego.

Desta forma, a família se reuniu, juntou as economias que possuía e João veio para a capital com dois planos: estudar e trabalhar. Tudo isso ele conseguiu fazer, ou seja, conseguiu concluir o ensino médio, ao mesmo tempo, que comercializava as suas paçocas. Hoje, parece fácil, mas ele afirmou que não foi nenhum pouco doce o início da sua vida distante dos seus familiares e amigos.

Mas, todas as adversidades que foram encontradas, aqui, em João Pessoa, o jovem empreendedor, como ele gosta de ser chamado, confessou que tirou de letra porque, de acordo com ele, tudo faz parte de um processo que já sabia que ia acontecer desde que decidiu deixar a sua terra natal (Solânea-PB) e vir morar na cidade grande.

João contou, enquanto caminhava entre um carro e outro, que a decisão de sair de casa foi a mais acertada. Com um brilho nos olhos muito intenso, ele declarou perceber que a sua vida tomou um novo rumo. A impressão que fica ao observar João, em passos rápidos para lá e para cá, é que ele consegue se divertir ao esboçar largos sorrisos e, até na maneira como segura o pote de doces. .

Talvez tudo isso se explique quando ele relata que estava passando por um momento de muita dureza na cidade em que nasceu por conta da atividade que exercia, ou seja, servente de pedreiro. “A

vida de servente de pedreiro não é nada fácil”, desabafou João. Ele atuava como ajudante de pedreiro do seu pai.

O rapaz demonstrou ter a certeza de que vai vender muita paçoca e vencer como ele sempre imaginou, juntamente, com os seus familiares que ficaram na pequena Solânea, no interior paraibano. O sol quente e a maresia que sopra da Praia de Manaíra parece que servem, também, de inspiração para ele correr atrás do que deseja com tanta garra que percorre aquela rua em poucos minutos.

Ele, geralmente, chega no local, às 08h00 da manhã e com a disposição de um gigante para vender o seu doce mais querido. Nem todos estão dispostos a comprar o seu produto, mas ele contou (com sorrisos) que nunca voltou para casa sem que tivesse vendido tudo o que reservou para ser comercializado naquele dia.

Quando João se definiu como sendo um empreendedor não é apenas uma questão de retórica. Ele já deu início a projetos que vão além da venda das suas paçocas. Pois é, com o dinheiro que consegue com a comercialização dos doces, ele está comprando roupas para serem vendidas na cidade de Solânea. Segundo João, essa é uma forma de expandir horizontes e perspectivas, além de poder oportunizar uma maneira de garantir uma renda a uma parte de seus familiares uma vez que as vendas ficam sob a competência deles.

Quem imagina que ficou apenas nisso se enganou completamente. Pois é, além das roupas, estão sendo comercializados também, pelo jovem empreendedor, artigos de cama, mesa e banho que estão sendo adquiridos no município de Santa Cruz de Capiberibe, no vizinho estado de Pernambuco. Aliás, João falou a respeito disso com bastante alegria porque, além de criar um campo de trabalho para as pessoas da sua família, vai estar ajudando a aquecer, também, o comércio pernambucano.

Questionado se ele acredita mesmo que vai conseguir colocar em prática todos os seus sonhos, ele respondeu que não tem nenhuma dúvida e acrescentou que veio para João Pessoa porque sempre soube que pode construir um futuro bem diferente, e assegurou, de maneira categórica, que tudo depende do esforço de cada um e que, por isso, está dando o seu máximo para conquistar o que pensou para ele.

João contou que a violência termina sendo um fator que dificulta a sua atuação no meio da rua porque isso faz com que muita gente deixe de comprar suas paçocas com o receio de sofrer uma agressão e, isso, fica evidente quando os vidros dos carros são levantados quando os condutores percebem a sua aproximação.

Mas, ele afirmou com muita força que isso nunca vai ser suficiente para desistir da sua caminhada que vai conduzi-lo a outro patamar de vida. Ele garantiu que essas coisas não lhe afetam de forma nenhuma porque está obstinado a vencer e entende que coisas como essas acontecem em todo canto e em todas as áreas.

Se bem que, também, surge alguém que em vez de fechar os vidros dá muito apoio com palavras de motivação. Algo que ele considera ser muito gratificante e que seu lema é crescer e sabe que se procurar os meios de colocar em prática as suas ideias vai conseguir materializar os seus planos de ser uma pessoa de sucesso.

Pelo o que foi relatado, por João Oliveira, fica bem evidenciado que ele é, de fato, um cidadão que possui muitos planos. Apesar de ter tido uma vida bastante dura reservou tempo para tocar instrumentos musicais de corda e de percussão. Por isso, entre os seus planos está o de cursar uma faculdade de música e, assim, ele entende que vai ficar completa a sua vitória.

O CICLO DA VIDA

Mais do que letras e sermões

Patrícia Monteiro¹

A cozinha da professora Albertina é a sala de aula da primeira escolinha de reforço que Suely conhece. Ao lado, colegas e os seis filhos da professora espalhados pela mesa farta de cadernos, lápis e olhinhos inquietos. À frente, fogão alimentado com carvão e lenha. Apetite aberto para o conhecimento. Suely transborda iniciativa e confiança. Vez em quando dona Albertina entrega o filho pequeno aos braços da aluna, com jeito de líder, aos nove anos. Suely aprende sobre esforço, dedicação e letra caprichada. *Meu jeito de fazer a vogal “a” é exatamente igual ao dela, porque ela tinha uma letra muito bonita e eu tentava imitar.*

Imita a escrita e o ofício. Pertinho do aniversário de 14 anos, Suely inicia o primeiro ano do segundo grau, numa escola pública de João Pessoa, capital da Paraíba. Família unida, muito pobre, não havia condição de comprar livro para os filhos. Na limitação, flui a possibilidade. *Vou alfabetizar as crianças do bairro, vou começar a ensinar. Tem uma mesa grande lá na cozinha da minha mãe. Vou fazer minha primeira sala de aula, igual à professora Albertina.*

O projeto de escolinha de reforço ganha a autorização de seu Bia e dona Eva. Suely sai de casa em casa, com um caderninho na mão e um lápis. Nome da criança; data do nascimento; nome dos pais. Pronto, tudo registrado nessa espécie de pré-matrícula.

¹Patrícia Monteiro é jornalista, professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e do curso de Jornalismo da UFPB. É mestre em Comunicação e Culturas Midiáticas pela UFPB e Doutora em Comunicação pela UFPE. É autora do livro “Dos contornos do corpo às formas do eu: a construção de subjetividades femininas na revista Sou+Eu”. E-mail: patriciamonteiro Mendes@gmail.com

No primeiro ano, dez alunos matriculados na escolinha de Suely. Durante o ensino médio, a cozinha de casa é a sala de aula da menina-professora. No lar, receita de amor e parceria. O tempero da fé e do entusiasmo de dona Eva, que cedeu a mesa da cozinha; as mãos encorajadoras de seu Bia, que produziu os tamboretos de madeira para acolher os alunos de sua menina. Sonho transformado em realização. *Consegui comprar os dois livros que precisava! Parecia que eu estava comprando uma joia de valor inestimável.*

E como quem tem prazer em servir a refeição quentinha, Suely oferece aos seus pequenos alunos um cardápio farto de vogais, sílabas, consoantes. Cheirinho de desafios e possibilidades transbordam da cozinha de casa para a escola onde estuda. De manhã, professora dos vizinhos. À tarde, aluna. Segunda a sexta, dois turnos de atividades, durante todo o ensino médio.

Juventude, tempo de mudanças. Suely conhece o técnico de contabilidade, José Freire. Um homem elegante, de olhos claros e iluminados. Ele, dedicado aos números, ela, às letras. Casamento perfeito entre o afeto e o respeito, desde 1975. *Até hoje eu o chamo carinhosamente de Véio.* Junto com o casamento, a aprovação no curso de Letras na Universidade Federal da Paraíba, UFPB. *Tive meu primeiro filho em fevereiro de 1976 e comecei o curso em março. Meu filho Alexandre tinha apenas um mês. Aí uma tia ficou com ele e eu fui estudar. Ela foi mais do que uma mãe.*

A jovem esposa, mãe e universitária enfrenta muitos gigantes por dia: a distância de casa para a universidade, o dinheiro contado para as despesas com casa, transporte e estudos, a tirania do tempo e do exercício multitarefa. *Depois do primeiro ano já estudando Letras, eu comecei a ensinar num colegozinho particular, o Afonso Pereira. Estudava de manhã e às vezes à tarde, e dava aula à noite. Os traba-*

lhós normalmente eu fazia na própria universidade. Em casa tinha menino chorando, era aquela agonia.

Um presente no começo e outro no fim da graduação em Letras. Alexandre vê nascer a universitária, e a segunda filha, Shirley, a professora com licenciatura em Letras. *Era uma luta ter que ir assistir aula grávida. O ônibus cheio, lotado, e eu com barrigão. Shirley nasceu em maio de 1979. No final do ano eu concluí o curso de Letras.*

Graduada em Letras, contabilizando a experiência de 10 anos de ensino, iniciado na cozinha de casa, a jovem Suely veste novamente sua armadura de ousadia e coragem para avançar mais um degrau na carreira docente. *Era janeiro de 1980. Eu estava na coordenação do curso de Letras e vi um anúncio, dizendo que o colégio Pio 12, uma escola top de linha aqui em João Pessoa, estava precisando de professor de português para o segundo grau. Eu estava com uma amiga minha. E a gente foi com a cara e a coragem, porque a minha experiência era só com ginásio, numa escola muito pequena.*

O Colégio Arquidiocesano Pio 12 é hoje uma escola extinta. Nela, Suely, a professora recém graduada e que sempre estudou em escola pública, aprende novos desafios na intensa escola da vida. *Comecei a dar aula no Pio 12 em março de 1980. Era uma das melhores escolas da cidade. Ensinaava língua portuguesa e literatura brasileira, nas turmas de 2º ano do 2º grau. Era a primeira vez que eu ensinava a alunos de uma classe social mais elevada. Foi uma experiência muito rica.*

Ainda em janeiro, a recém formada professora presta o primeiro concurso público. No dia 20 de maio de 1980, já com 24 anos, inicia as atividades na rede estadual. Durante os seis anos seguintes, divide-se entre a escola do estado e o colégio particular.



Suely, eterna amante das letras e das Escrituras Sagradas

Em novembro de 1981, Suely e “Véio” ganham o terceiro presente. Ana Paula chega junto com as férias escolares. De folga da escola, tempo integral para os cuidados com a caçulinha. *A minha vida era toda focada no trabalho, meus filhos foram crescendo e eu nem vi. Lembro de um tempo em que, ainda de fralda, Ana Paula ficava agarrada na grade, aos berros, enquanto eu saía pra escola. Eu dobrava na esquina e escutava os gritos dela. Isso doía, mas eu precisava ir.*

Em 1987, Suely é aprovada como professora da rede municipal de João Pessoa. Pede demissão do colégio “de primeira linha” para o ingresso integral nas redes municipal e estadual de ensino. A professora andarilha percorre longas distâncias entre uma escola a outra. Percurso feito de ônibus - entre muitos sonhos, preocupações e pensamentos - e às vezes completado a pé. Só mesmo sendo uma boa equilibrista nas encruzilhadas da vida para driblar tantos desafios, sem perder o zelo e a elegância.

Eu adorava salto alto. Foram muitos anos, uns 20 anos, nessa rotina. Trabalhava de tarde e de noite, passava de uma escola direto pra outra. Trabalhava até às 22h20 no colégio do Geisel, só que eu morava em Cruz das Armas e aí guardava o material e corria desesperada para o ponto de ônibus. Eu descia nas proximidades do cemitério São José e andava outro mundão a pé para poder chegar em casa. Nunca chegava antes das 11 horas da noite. Lembranças vivas na memória de quem sabe valorizar cada experiência. Fotos eu não tenho, nessa época a gente não registrava muito as coisas. Mas teria muito mais a contar...

Maria e a missão de acolher pessoas

No quarto de Maria, um mapa. Nele, enxerga pontos distantes, que sonha conhecer. *Eu nunca imaginava meu futuro com filhos, marido ou sendo dona de casa. Eu só me via viajando, e conhecendo muitas pessoas.* Primogênita entre 11 irmãos, a distância entre Maria e o irmão mais novo, Carlos Júnior, é de 18 anos. Ela sempre uma segunda mãe.

A cearense de Fortaleza gosta de cinema e literatura. Por vezes se vê como personagem desses enredos. *Sempre fui muito sonhadora. Minha infância e adolescência foi ajudando minha mãe a criar meus irmãos, protegendo cada um como eu podia, mas a gente também brincava juntos e era uma família muito unida.*

Vaidosa, determinada, e sempre com espírito independente, Maria começa a trabalhar aos 17 anos, num escritório de contabilidade. Família grande, despesas também. Quer ter o próprio dinheiro, comprar roupa, perfume, ajudar os pais.

No fim de semana, Maria aprecia três diversões. *Cinema, festa e praia.* Aos domingos, assiste à primeira missa do dia e só então reali-

za outro gosto dominical: ir à praia. Mulher, nordestina e negra, tem a fé como uma armadura poderosa para os tantos preconceitos que enfrenta.

Tive um noivo, um homem muito especial. Ele queria que eu fosse pra igreja evangélica, mas eu não abria mão da minha missa. Aí uma vez fizemos um acordo. Ele iria comigo para missa no domingo e no domingo seguinte eu iria visitar a igreja evangélica. E assim fizemos. Senti uma emoção forte, a palavra de Deus ardia no meu coração. Fiquei apaixonada pela igreja.

Aos 21 anos e após a perda do noivo, que morreu eletrocutado, os trajetos do domingo mudam. Maria deixa as missas e passa a frequentar a Igreja Metodista. *Me senti muito acolhida e amada. O pastor Ely e a esposa dele, Marlene, que é minha amiga até hoje, cuidaram de mim como uma filha.*

A filha do seu Carlos e da dona Ester se entrega sem reservas a uma paixão antiga: a missão de servir às pessoas. Nessa época, anos 70, trabalha como “visitadora social” numa organização que ajuda famílias carentes, em Fortaleza. *Tinha a responsabilidade por 90 famílias. Descobri que mais do que uma ajuda financeira para enfrentar as dificuldades, era necessário que essas pessoas conhecessem o amor de Deus. Pois eu sentia o quanto esse amor fazia diferença pra mim e foi a partir daí que comecei a ser mexida com o chamado pastoral.*

Em 1975, Maria começa a visitar as paisagens que vê nos livros, revistas e calendários. Recomendada pela igreja Metodista de Fortaleza para cursar a Faculdade de Teologia no Instituto Porto Alegre. No Rio Grande do Sul, aprende a dormir com uns três cobertores. *A primeira vez que vi neve fiquei extasiada. Vi também o outono, e ameí.*

Outra parte da formação ocorreu na Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo, onde Maria conclui o bacharelado em Teologia, em 1979. Durante a graduação, a cearense amante de viagens, conhece um pedaço do Sul, do Sudeste e do Centro Oeste. *Foi uma experiência única, convivendo com pessoas de vários estados e a cultura de cada um se misturando.*

Em 1980 e, de volta ao Nordeste, Maria inicia o ministério pastoral na pequena cidade de Eduardo Gomes, hoje chamada Parnamirim, região metropolitana de Natal, no Rio Grande do Norte. Pioneira na denominação metodista em terras nordestinas, Maria, aos 30 anos, foi a primeira presbítera no Nordeste.

E mulher pode ser pastora? Maria se depara com a necessidade de responder a esta pergunta, sempre feita por homens que visitam a igreja. *Naquela época, não tinha pastora nas igrejas evangélicas, as pessoas só conheciam pastor homem e as mulheres eram chamadas de missionárias. Então eu fui aprendendo a usar essa pergunta como forma de compartilhar a minha vocação.*

Mas às vezes dói. E Maria chora. Sozinha, em casa, faz o que Jesus recomenda no evangelho: entra no quarto e, em secreto², bate na porta de quem a “chamou” para o ministério. *Esse dia foi muito marcante. Eu questioneei a Deus se teria sempre que justificar sobre ser pastora. Aí eu senti Ele dizendo pra mim como falou com o apóstolo Paulo – Maria, a Minha graça te basta. A partir dessa experiência eu entendi que aquilo era minha redenção, precisava ter convicção de não estava ocupando o lugar de um homem e sim estava sendo chamada e sustentada pela graça.*

²Livro de Mateus 6.6. BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.



Durante ordenação ao presbiterado. No Nordeste, Maria Monteiro é pioneira no ministério pastoral feminino da igreja Metodista

Essa luz torna mais claro o exercício das muitas tarefas que Maria desempenha na Igreja Metodista, além do pastoreio às pessoas das comunidades. No ano de 1984, avança mais um degrau no ministério clérigo: torna-se presbítera. A partir de então, ocupa cargos na liderança regional.

Viaja do Norte ao Sul do Brasil, integra também delegações brasileiras em que representa a Igreja em eventos internacionais, levando o sotaque e o calor nordestino Brasil afora. Dança tango na Argentina, participa de reunião com Fidel Castro, em Cuba. Por causa do ofício, vê realizado o sonho de menina. *Viajar, viajar e conhecer muitas pessoas. Deus fez muito além do que eu podia imaginar.*

Maria viaja, de fato, por muitos lugares e muitas histórias. *Como pastora, conheci todo tipo de história, precisei aprender a lidar com os sentimentos das pessoas. Foi uma experiência e tanto desco-*

brir que cada pessoa tem um tempo para aprender e um jeito de responder. Na igreja ou através de pessoas da igreja, a gente conhece muita situação. Já trouxe ovelhas pra morar na minha casa, já dormi em hospital e cuidei de pessoas doentes, vivi intensamente a missão de acolher.

A casa da Maria é, ao mesmo tempo, um centro de recuperação, um laboratório, e um parque de diversão. Dependentes de álcool ou outras drogas encontram aconselhamento e apoio; pessoas-pedras-brutas transformaram concepções e modos de agir; e os sobrinhos, assim como seus pais e irmãos, têm endereço certo para as férias – as viagens para a casa da tia Maria. *Ela sempre levava a gente para passear, e na casa dela a gente se divertia muito, comia de tudo que era gostoso, ela fazia questão de dar o melhor pra gente.* A lembrança de Carlos Neto povoa o imaginário de todos os sobrinhos, alguns ela adotou como filhos. Este é o meu caso. Ao criar, sozinha, uma menina de 11 anos, Maria experimentou na pele a realidade de muitas mulheres brasileiras divorciadas ou mães-solo. Por isso, sempre luta tanto pelas mulheres, em seus diversos papéis.

Reconhecida por seu trabalho pastoral, Maria recebe homenagem da Assembleia Legislativa de Sergipe, em 2006, em homenagem ao ministério feminino desenvolvido naquele Estado. Por seu pioneirismo na igreja Metodista, recebe um título honorário concedido pela denominação, nas homenagens que marcaram a sua aposentadoria, no 23º Concílio Regional da Igreja Metodista no Nordeste.

Feitas de fé e fibra, Maria Lopes Monteiro e Suely Costa Freire são duas nordestinas destemidas, nascidas em abril, graduadas em 1979, exercendo suas vocações durante mais de 40 anos. Duas mulheres que enfrentam com coragem e afeto os desafios da vida profissional. Até que chega a hora de “encerrar a carreira” e tornar ativos outros vínculos da existência.

Aposentadoria como redenção e cuidado

Numa sociedade em que trabalho, produtividade e juventude se entrelaçam, a aposentadoria costuma ser compreendida com uma perspectiva negativa. Para o psicólogo e Doutor em Psicologia Social pela UFPB, Luís Augusto Mendes, *isso ocorre porque desenvolvemos processos de avaliação baseados na qualidade de vida como sinônimo de produtividade, velocidade, estética jovem e desempenho rápido das atividades. O que foi denominado de processo de teenização da velhice, em que o idoso saudável seria aquele parecido com o jovem, o que pode gerar mais sofrimento, que acolhimento da nova fase da vida. Esta visão está em desacordo com os processos naturais de envelhecimento físico e cognitivo, quando se deve buscar uma adaptação aos novos padrões característicos de cada pessoa.*

Dos 13 aos 55 anos, Suely assiste sua sala de aula mudar muitas vezes. Da cozinha de casa para colégios de pequeno e grande porte, no ensino privado e público. Uma mulher que sabe atravessar a linha do tempo e os ciclos da vida. *Em junho de 2006 encerrei as atividades na rede estadual e no município foi em fevereiro de 2011. Tinha 55 anos quando me aposentei. A minha atividade como professora começou pouco antes de fazer 14 anos, então já estava no limite. Cansaço, estresse, exaustão física.*

Para Suely, a aposentadoria é dotada de um significado bonito e inspirador, que ela chama de *redenção*. *Quando meu primeiro neto nasceu, eu estava no auge do trabalho. Hoje Rafael tem 20 anos. A aposentadoria me deu o que chamei de a grande oportunidade da minha vida, de me redimir comigo mesma.*

Depois da aposentadoria, o ciclo da renovação alcança Suely por meio do nascimento dos três netos pequenos, os filhos de Alexandre, Ana Paula e Shirley, respectivamente: Davi, em 2013, Samuel, em 2017, e Asaph, em 2019. Os netos na velhice fazem ressurgir a mãe

tantas vezes tragada pelas demandas da vida produtiva. *Davi ficou na nossa casa desde os três meses, pois a mãe dele, também professora, precisava trabalhar. Eu me vi naquela história. Cuidei de Davi como filho e fiz isso com muita alegria e amor, não pude fazer pelo meu filho Alexandre, pois o deixei com um mês, para poder trabalhar. Também cuidei de Samuel, pois morava vizinho à minha filha Ana Paula. E o pequeno Asaph, de sete meses, é outro presente que Deus nos deu.*

Em 48 anos de ministério ativo, tendo passado por diversas comunidades, grandes ou pequenas, da capital ou do interior, Maria deixa a intensa rotina de sermões, visitas e viagens pastorais. *A aposentadoria na igreja é compulsória, aos 70 anos, por isso estive à frente da igreja até janeiro de 2019.*



Cercada de amor, Suely ao lado do esposo, filhos e netos pequenos

Sou uma das pedras brutas que Maria lapidou no laboratório da vida real que era a sua casa. *Você gosta tanto de escrever, podia ser jornalista.* E, mais adiante. *Você tem dom de ensinar,* dizia, ao estimular aquela menina tão tímida, que caprichava nas aulas da escola

dominical na igreja. Tornei-me jornalista, professora universitária, fruto do olhar de Maria, que, mesmo sem ter gerado, é mãe de muitos e avó do Lucas, de 6 anos, “o querer da vovó Maria”.

É indescritível ser chamada de vó, a nossa parceria é muito grande. Certa vez fui jogar bola com o Lucas e fiquei sentada, então ele disse – vó, não se joga bola sentada. O ruim é que o corpo não tem mais a disposição para brincar. Eu digo que ele é o meu querer.

Para o psicólogo Luís Augusto Mendes, ressignificar a aposentadoria, como fazem Suely e Maria, é uma forma positiva de experimentar os frutos do período dedicado ao trabalho. *A ressignificação deve buscar uma visão baseada na colheita resultante de anos de plantio, de um período de merecido descanso e diminuição da atividade, baseado no cuidado de si e respeito aos limites físicos, psicológicos e sociais, decorrentes de um histórico de vida particular.*



Já aposentada, Maria se alegra com o papel de avó

O púlpito de Maria é a vida. Prega o que vive e vive o que prega. Para uma mulher tão consciente de sua missão, não há dias sem significado, porque o amor não se aposenta. *Nunca precisei esconder meus sentimentos ou me fazer de super mulher. Valeu a pena estar fraca no púlpito, pois sempre Deus levantou anjos para me fortalecer. Se tivesse que começar tudo de novo, eu começava tudo de novo. Foi algo maravilhoso, Deus ter me confiado uma tarefa tão grande de conduzir o rebanho dele, na dependência dele, como eu sempre acreditei.*

Exercer a função de professora em diferentes realidades, inspirar-se na cozinha como metáfora para a alquimia constante e intensa que é a sala de aula certamente modelaram a profissional forte, determinada e corajosa que é Suely. Uma brasileira que, de fato, nunca fugiu da luta e ainda ensina a lutar, com as armas do afeto. *Termino essa entrevista com uma citação do apóstolo Paulo, na Bíblia Sagrada: Agora pois permanecem a fé, a esperança e o amor, porém o maior destes é o amor.*

Do lixo ao verde: a primeira Eco Praça

Madrilena Feitosa¹



Terreno era utilizado para despejo de lixo e entulhos da construção civil.

Novo olhar para um recomeço

Entre um respiro e outro, Jefferson, em lenta caminhada, começa a explorar o terreno baldio que se encontra em frente a seu novo endereço, na Avenida Campos Sales, Bessa. Lembra como o projeto Germinar, de cultivo de mudas para doação à comunidade, minguou por falta de terra pra plantar. Pensando alto, reflete: *tantas moradias novas, mas, pelo visto, tem gente também que tá aqui há muito tempo.* Olhar para uma castanhola crescida e maltratada, quase colada ao pé de oliveira, lhe tira o rumo do pensamento mas, em seguida, uma in-

¹Madrilena Feitosa é mestre em TV Digital pela Universidade Estadual Paulista -UNESP, jornalista do Centro de Informática da Universidade Federal da Paraíba - UFPB e ativista ambiental, em João Pessoa. E-mails: madrilena@uol.com.br / comunicacao@ci.ufpb.br

terrogação lhe persegue no itinerário. *Por que será que esse chão ainda não encontrou uma função social?*²

Ainda não foi nesse dia de abril de 2017 que as coisas começaram a mudar. Vez ou outra o pensamento lhe trazia pra aquele lugar. Muitas vezes ficava do sexto andar olhando o terreno, mas tomado pela apreensão que o desemprego causa em suas vítimas. Sem *rotina de trabalho, o que vou fazer aqui nesse novo lugar da minha vida?*, se questionava.

A ansiedade causada pelo "não fazer nada" do desemprego levou Jefferson a começar a revolver um pequeno pedaço de terra. Com enxada e boa vontade, disse pra si mesmo: *"vou começar uma pequena horta"*. Foi tirando alguns entulhos maiores, coletando lixo e preparando um espaço de aproximadamente três metros quadrados que fica em frente a sua moradia. Caminhantes do asfalto da Avenida Campos Sales olhavam a intervenção no local, coisa nunca vista antes, e seguiam. Alguns moradores do entorno debruçavam nas janelas e ficavam a observar.

Domingo de manhã, vento fresco dá um sinal das primeiras chuvas de inverno. Davi, Sérgio e Ricardo fazem a caminhada matinal com seus cachorros de estimação. Jefferson se aproxima de Sérgio e Ricardo: *Bom dia, tudo bem? Comecei a mexer naquele pedaço de chão pra fazer uma horta comunitária. Vocês topam a gente dar um gás aí no terreno e plantar algumas hortaliças e plantas medicinais pra compartilhar com as pessoas? Sim, eu até já tinha cultivado umas plantinhas aqui, mas sem ter tempo de vir aguar, algumas não resistiram*, disse Sérgio, expressando entusiasmo, enquanto segurava forte

²O texto faz um recorte temporal para narrar uma ação coletiva de cuidado com o meio ambiente, nunca experienciada na cidade de João Pessoa, Paraíba, e que foi e está sendo protagonizada por cidadãos que vivem no entorno de uma área pública, por três décadas destinada ao despejo de lixo doméstico e entulhos da construção civil.

a guia que prendia Pan, sua cadela. Na outra mão um cigarro que acabara de acender.

Sérgio escutava e parecia assentir. Davi vai se aproximando com olhar de curiosidade. *Bom dia, Davi, tava aqui propondo uma horta coletiva. Você quer participar?*, perguntou Jefferson. *Claro, mas só posso ajudar no fim de semana*, respondeu Davi, um rapaz na casa dos trinta anos, alto e forte. *Fui criado aqui. Já joguei muita bola nesse terreno*. Cada um esboçou positividade à proposta. *No sábado que vem a gente se junta aqui, fim de tarde, ok?*, arrematou Jefferson.³

Começava ali a se desenhar um fazer por várias mãos que ensinaria, mesmo de forma não planejada, uma estratégia pedagógica para a educação ambiental.



Davi prepara o terreno para a horta comunitária.

³A narração tenta apresentar, a partir de uma pluralidade de vozes, uma cronologia de fatos que geraram o que já se convencionou chamar Eco Praça Jardim Oceania*, no bairro do Bessa. Um lugar de ricas vivências, onde se instaura um jeito próprio de ser e estar com os vizinhos, novos laços comunitários e formas de sociabilidade que resgatam um padrão quase esquecido nos centros urbanos. A Eco praça é também parte e testemunha de como a força viva e ativa do trabalho voluntário pode transformar o meio ambiente.

Mãos na terra

Sérgio, essa semana, perambulando pelas ruas aqui do Bessa, eu encontrei em portas de moradores essas tábuas deixadas nas calçadas para a coleta de lixo. Trouxe pra cercarmos a horta, contou Jefferson ao novo amigo. Com uma velha enxada, Jefferson começa a revolver o terreno úmido e arenoso e arrancar ervas daninhas, enquanto Sérgio começa a preparar o que viria a ser o cerco da horta, juntando as tábuas reaproveitadas para formar um quadrado meio retangular. Davi se aproxima, pede emprestado a enxada e dá sua colaboração. Vou limpar o mato que tá aqui em volta, tá bom, completa Jefferson, já suado. Tem muita pedra e resto de construção civil, conclui Davi, em pé, apoiando-se na enxada e enxugando a testa com o antebraço. A jornalista Madrilena, que participava do processo, registrou em fotos essa primeira intervenção coletiva.

Precisamos mobilizar mais pessoas para fazermos uma catação de lixo. O que mais tem nesse terreno é saco plástico. Vamos precisar de muitas mãos, observou Jefferson. A noite já tinha caído quando os três deram por encerrada a tarefa do sábado, deixando o espaço da horta cercado e marcas visíveis da intervenção no terreno público.



Primeira estrutura da horta comunitária, feita com madeira encontrada no lixo.



Comunidade retirou o lixo e plantou ervas medicinais e outras espécies.

Onde há uma horta comunitária deve haver também um espaço de convivência, pensava Jefferson ao pintar um banquinho e um pequeno armário que iriam para o lixo e que se tornaram peças daquele espaço em reconstrução. Sábado chegou e moradores do entorno se uniram para, em mutirão, coletar o lixo acumulado.

Uma horta no lugar da praça?

A notícia de que temos uma horta comunitária se espalhou pelas redondezas. Se tornou comum vermos motoristas passando em marcha reduzida para observar melhor a transformação daquele lugar e a movimentação de alguns cuidadores que se revezavam no cultivo das ervas medicinais e hortaliças que germinavam e cresciam.

À medida que os trabalhos coletivos avançavam, as fileiras de alface, coentro, cebolinha e pés de tomates davam novo significado àquele espaço, aglutinando pessoas que nunca haviam se cumprimentado, embora vivessem na mesma rua, e, quando muito, se conhe-

ciam de vista. Pés de erva-cidreira, sabugueiro, hortelã, mastruz e capim santo também haviam vingado. O canteiro verde foi tomando forma e ocupando um pequeno espaço entre os 3.027 metros quadrados da área pública, chamando a atenção e captando olhares de admiração e reprovação.



Washington cuida das hortaliças nos fins de tarde.

Certo dia, Jefferson estava cuidando do canteiro quando o italiano que construía um prédio em frente ao local se aproximou e disse em tom solene: *o que vocês estão fazendo aqui é tudo ilegal, pois vocês não têm autorização para ficar aqui, sem documento*. A fala dele representava o que algumas pessoas pensavam sobre essa forma de apropriação. Nem sabia o italiano que a água que regava as plantas vinha do reservatório da obra do seu prédio, doada pelos operários, quando ele estava ausente.

Maria, vizinha do entorno, de dentro do seu carro, olhava para o prédio do italiano, cheio de trabalhadores da construção civil e, num olhar de quem pede aprovação para o que vai falar, gritava em alto e bom som: *isso aqui tá parecendo uma favela. O que estão fa-*

zendo ai é tudo ilegal. Outros vizinhos ficavam aos buchichos falando que aquele lugar estava destinado a uma praça pública.

Não tardou para que um fiscal da Secretaria de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura visitasse o local com uma notificação pronta, que foi afixada em uma placa existente, na qual se lia os seguintes dizeres, escritos em tinta vermelha: Horta comunitária Jardim Oceania. O documento exigia a presença dos responsáveis pela horta na prefeitura para explicarem a ocupação do espaço urbano.

Uma comissão de moradores foi ao setor competente para saber quem tinha feito a denúncia e como seria necessário proceder para regularizar o uso do solo. *A reação dos funcionários da prefeitura, após as nossas observações, demonstrava que os demandantes não eram invasores desqualificados, como possivelmente tinham sido acusados,* lembra Jefferson, que foi à prefeitura acompanhado do professor Washington e de Severina. O chefe comentou que já tinha recebido várias denúncias e fez um arrazoado com argumentos legalistas que só serviram para que a comissão se afastasse dele.

Decidiram buscar apoios, no âmbito da prefeitura, de agentes públicos mais sensíveis à causa, e, depois de um périplo em gabinetes, conseguiram demonstrar a convicção de que na apropriação da área não havia interesses comerciais ou pessoais.

As coisas não melhoraram daí por diante. A única fonte de água secou. Certo dia, um dos operários que trabalhava pro italiano se aproximou de Jefferson e disse: *não é mais possível doar água, pois o dono nos proibiu. Não é para dar nenhum copo d'água a ninguém, a partir de hoje.*

Novamente, a ação coletiva falou mais alto. Os cuidadores decidiram cavar um poço artesiano, ideia que foi concretizada com uma vaquinha de todos os interessados. Uma bomba manual trazia água morna

de uma profundidade de seis metros. *Água boa, parece que dá até pra beber*, apostou Seu Pedro Paulo, sertanejo, de Mauriti, no Ceará, e um dos primeiros apoiadores da horta comunitária.



Elivan cultivando espécie da mata atlântica, em extinção.

Com o passar dos dias, o projeto comunitário ia tomando forma e ensejava o comprometimento das pessoas. As habilidades de cada um iam sendo reveladas. Elivan, funcionário de carreira do Ibama, foi se engajando e as experiências com o meio ambiente foram sendo repassadas. Ele logo instalou um comedouro de pássaros com o intuito de atrair mais aves para o local, até então frequentado por corujas e gaviões, que, por vezes, se escondiam nos pés de castanhola e oliveira à espreita de pequenos roedores.

Um novo obstáculo se interpôs no processo. Coube a Elivan assinar o auto de constatação 001297 da fiscalização da Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba - AESA, que considerava irregular a construção do poço tubular e convocava os responsáveis a comparecerem ao órgão para registro do poço, sob pena de aplicação de penalidades previstas em lei. Mais uma vez, uma comissão se encarregou de informar o fato à Secretaria do Meio Ambiente - Semam, órgão que já vinha colaborando com várias iniciativas do grupo comunitário pela ampliação e conservação da cobertura vegetal.

Técnicos da Semam disseram, em caráter informal, que a falta de licença para o poço não impediria a continuidade do trabalho coletivo na área e aconselharam a equipe a ir à AESA para saber como poderiam ter a outorga. Na AESA, os membros do grupo foram informados que deveriam realizar diversos procedimentos até obterem a autorização para o funcionamento legal. A comunidade não deu mais andamento ao processo e o poço nunca foi interditado.

Resistência coletiva

Em alguns dias da semana, o terceiro expediente de algumas pessoas passou a ser dedicado à horta e à construção de um ambiente

coletivo com bancos de madeira e brinquedos infantis, feitos a partir de materiais descartados no lixo do bairro.



Comunidade recebendo a visita de representantes da Prefeitura e apresentando demandas.

Aquela movimentação já tinha sido observada por Dutra, professor universitário, cujo hobby é cultivar plantas medicinais. Em um dos encontros dos cuidadores no pôr do sol, o professor se aproxima timidamente e se apresenta. Outro professor, Pedro Paulo, lhe dá as boas-vindas e lhe relata como as coisas tinham chegado até ali. Vendo que no ambiente as pessoas estavam trabalhando para a construção de uma praça ecológica e já havia várias peças de material reaproveitado, Dutra fez a doação de um andaime em estrutura de ferro que havia em sua casa e que já foi utilizado por operários da construção civil para trabalho em altura. *A estrutura serve para pendurar plantas ou para improvisar um mini playground para as crianças*, sugeriu Dutra.

Nos próximos meses, aos cuidadores de primeira hora se juntaram outros protagonistas que, fins de tarde, vinham molhar as plantas. Seu Nogueira é um deles. Paraibano nascido no interior, vi-

veu por mais de 40 anos no Rio Janeiro e, na volta às origens, decidiu que a Eco praça seria a paisagem de sua janela. Outros como Seu Paulo e Seu Joel logo se engajaram. Tinham acabado de se aposentar e calhou de comprarem apartamentos bem em frente ao terreno.

Nascidos no município de Sousa, alto sertão paraibano, migraram para o ABC paulista, ainda jovens, em busca de trabalho. *Passamos mais de 25 anos em chão de fábrica da Volkswagen e da Mercedes Benz e voltamos a nossa Paraíba*, diziam, quando entabulavam uma conversa aqui outra acolá, com os novos conhecidos, à sombra da castanhola. Na nova vida que escolheram, hora no mar, hora no sertão, dedicavam a primeira hora da manhã para aguar a horta e as espécies da mata atlântica que, a essa altura, já haviam sido plantadas pelos moradores, expandindo a área cultivável.

Quem passava pela calçada dos edifícios via Seu Joel com o braço direito pra cima e pra baixo, movendo a engrenagem do pequeno motor manual, que sugava a água do solo e enchia uma velha caixa d`água, abandonada na rua e reaproveitada. Era assim, todo dia. Seu Paulo e Seu Joel enchiam os pequenos depósitos de plástico e saíam pelo terreno, aguando tudo, antes de o sol esquentar.

Enquanto cruzava o terreno a passos lentos, Seu Pedro Paulo pensou alto: *Aqui dá pra fazer um projeto de compostagem*. Conversou com Jefferson, Washington e Elivan e, alguns dias depois, começou a construir uma célula de compostagem de resíduos orgânicos para, segundo ele, produzir adubo para as plantas e, talvez, vender o excedente. "Compostagem sem revolvimento" e um número de telefone, pintados em uma velha tábua, sinalizavam a ideia de Seu Pedro Paulo, que já ministrava aula sobre essa técnica de produção de adubo orgânico a alunos do Instituto Federal de Educação da Paraíba.

Convencidos por Pedro Paulo sobre os benefícios da compostagem para garantir a autossustentabilidade da horta, Jefferson, Eli van, Washington e outros moradores começaram a incentivar a comunidade do entorno a fazer em casa a coleta seletiva de lixo, separando as cascas de frutas e legumes e trazendo para a célula de produção de adubo, onde já havia folhas secas e pequenos galhos de podas de árvores. A coleta de resíduos orgânicos vingou e, em algumas semanas, adubo orgânico de boa qualidade era retirado da camada inferior da composteira, sem a necessidade do revolvimento que é comum nas técnicas mais tradicionais.

A experiência bem sucedida ensejou a criação de novas células no terreno e uma prática pedagógica. Seu Pedro Paulo passou a ministrar no local aulas de campo sobre técnica de compostagem a seus alunos do Instituto Federal de Educação da Paraíba.

Dias depois, houve notificação para desfazer as células de composto orgânico. Uma denúncia anônima chegou à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, a Sedurb, proveniente de um morador da área, informando que o local estava servindo como criadouro de insetos e pondo em risco a saúde dos moradores. A Prefeitura dava um prazo para retirada da compostagem que vinha sendo destinada para produzir adubo para as plantas cultivadas. É claro que, mais uma vez, um grupo de pessoas foi até a Prefeitura explicar a utilidade das composteiras no projeto que estava em curso e a reclamação não teve a consequência desejada pelo denunciante.

Playground reciclado

As rápidas transformações naquele espaço inauguraram um modo próprio de ocupação coletiva de uma área pública e ganharam mais visibilidade nos telejornais da cidade. Crianças, mães e pais re-

latavam aos repórteres que, naquele lugar, estabeleciam novas formas de sociabilidade. Meninos e meninas que moravam na mesma rua e que não se conheciam começaram a compartilhar os brinquedos da praça nos fins de tarde. Os adultos contavam sobre o bem-estar que aquela convivência proporcionava e como era prazeroso ver o desenvolvimento das plantas.



Palhaço Pilombeta divertindo as crianças na Eco Praça Jardim Oceania.

A alegria era completa quando havia contação de histórias e a presença do palhaço Pilombeta, o personagem criado e vivido pelo professor Dailton, que animava a garotada nas festas comunitárias, realizadas no local, pelos organizadores do projeto.

Na estrutura de ferro doada pelo professor Dutra as crianças adoram ficar penduradas ou curtir o balanço nela amarrado. Ah, tem também uma pequena casinha vermelha de madeira onde os peque-

nos ficam espremidos, uma gangorra e um escorrego, todos feitos à mão, com madeira reaproveitada, pelo marceneiro e pintor Bismarque e que foram doados à nova praça.

Quem passa mais tempo nessa área de lazer é João Pedro, a primeira criança atraída para aquele espaço. Morando em frente à Eco praça, via de sua varanda o vai e vem dos moradores e pedia à vó, Dona Marta, para descer. Queria aguar as plantinhas. Mexia na terra, fazia perguntas, corria e parava ao pé de quem estivesse cultivando as plantas. Nos fins de tarde, quando a vó não podia descer com ele, gritava por Jefferson e dizia: *Tu me cuida?*, ao que ele respondia: *sim*. A cena se repetia quase todos os dias.



O marceneiro Bismarque fabricando brinquedos para a Eco praça.

Adolescentes também descobriram seus interesses no local. O *tempo que meu filho fica aqui, está longe do computador e do celular*, disse France, mãe do tímido adolescente Abiel, que, de vez em quando, vem cuidar das plantas e se reunir com um grupo de colegas da mesma faixa etária.

A praça que queremos

A essa altura, parte da comunidade do entorno já tinha presenciado a *resistência da gente em ressignificar aquele espaço*, lembra Jefferson. Para fortalecer o movimento, uma convocação impressa foi distribuída na comunidade. Ele continua: *Marcamos uma reunião para o próximo domingo, às 9h, com os moradores, para que as pessoas pudessem expor como desejavam ocupar a área, o que imaginavam sobre o que esse espaço pode se tornar e como elas podiam contribuir para isso. Ou seja, o modelo de praça que queremos.*

Numa reunião debaixo da castanhola, aqueles que habitualmente punham a mão na massa iniciaram uma discussão sobre o modo como o encontro comunitário seria mais produtivo. A ideia foi desenvolver uma oficina de planejamento, para que cada um escrevesse em um papel o que visualizava. Estavam Sérgio com sua Pan, sempre inquieta à procura das formiguinhas na areia, Jefferson, Eli van, Madrilena, Washington e Elba. Esta, dedicava algumas manhãs à Eco praça, onde pintava as placas que identificavam as espécies plantadas. Dava sempre um toque artístico a todas as peças, imprimindo motivos florais.

A conversa já estava adiantada quando foi se aproximando o professor Dailton, marido de Elba, e sua frida, que latia e ensaiava uma briga com a pan. As duas são vizinhas. *Uma não suporta a outra*, alertava Elba. Alguém tem que ceder. Sérgio foi encurtando a guia com as mãos, controlando os arroubos de Pan, mas resolveu deixar a reunião, antes que se engalfinhassem.

Os participantes também definiram que era preciso criar uma entidade, associação de moradores, para dialogar com a Prefeitura, *e, assim, darmos maior legitimidade e transparência aos nossos atos*, defendeu Washington, opinando, ainda, sobre algumas estratégias de

articulação da comunidade para o comparecimento à oficina de planejamento.

E o domingo amanheceu ensolarado. Era o dia 22 de outubro de 2017. Bem antes das 9h, os organizadores disponibilizaram uma grande mesa, à sombra da oliveira, onde iriam expor a primeira versão de um projeto arquitetônico da futura praça, ainda chamada de horta comunitária. O projeto foi desenhado pelo arquiteto Yuri Duarte, morador da área, que abraçou a iniciativa, aceitando rascunhar, gratuitamente, um primeiro modelo, em uma longa folha de papel, na qual estava traçada a estrutura retangular do terreno. O protótipo foi assentado na mesa e mostrado aos participantes.



Oficina comunitária de planejamento da Eco praça.

Com uma folha de papel em mãos, cada morador discutiu, propôs e anotou as suas expectativas de utilização da área. As sugestões de cada um foram abordadas em minigrupos de três a quatro pessoas e contempladas no projeto final, encaminhado à Prefeitura.

Diferentemente dos processos burocráticos e políticos que movem uma decisão administrativa de construir uma praça, geral-

mente uma ação definida em gabinetes, a comunidade, em um processo inverso, plantou as raízes para a construção da futura Eco Praça Jardim Oceania, nome sugerido pelo professor Dailton em uma das conversas com os novos amigos.

Tinha que dar certo. O engajamento e articulação dos moradores, em torno desse objetivo, protagonizou outra ação inovadora no bairro do Bessa. Aquela comunidade estava liderando uma iniciativa em prol da construção da primeira eco praça de João Pessoa, fortalecendo o poder local, através da participação na plenária do orçamento participativo de João Pessoa. A demanda foi defendida na plenária, depois votada e aprovada, pelo prefeito, vereadores e representantes dos bairros da capital paraibana.



Enquanto o projeto arquitetônico concebido de forma colaborativa era adaptado aos padrões e normas de edificação do município, o grupo criou a Associação dos Moradores e Amigos da Eco Praça Jar-

dim Oceania, entidade sem fins lucrativos, visando aglutinar as pessoas em torno da melhoria da conservação ambiental da própria Eco Praça e de outras áreas verdes do bairro.

O trabalho cooperativo evoluiu para ações educativas e inclusivas, reforçando os laços comunitários, através de cursos, oficinas, lançamentos de obras, resgate das tradições em festas populares, a convivência diária de famílias e a construção da Ecoteca Paulo Freire, uma biblioteca popular, aberta e livre, baseada na troca solidária e consciente de livros.



Ecoteca Paulo Freire, a biblioteca comunitária da Eco praça.

As obras para construção da nova Eco Praça Jardim Oceania foram iniciadas, pela Prefeitura, em agosto de 2019. O equipamento público, que valoriza as sugestões e demandas dos moradores, inova em sustentabilidade ambiental. Constará com placas para captação de energia solar, que irão garantir a iluminação local, e aproveita o poço artesiano construído pela própria comunidade, assegurando o suprimento de água para a horta e as mais de cinquenta espécies cultivadas na área.



Prefeitura apresentando o projeto arquitetônico da Eco praça a membros da comunidade do Bessa.

O projeto contempla acessibilidade para surdos e pessoas com deficiência visual. Também acena para a melhoria da qualidade de vida dos idosos do bairro, pois terão uma academia dedicada à terceira idade. As crianças terão novo playground, equipado com balanços, gangorras, escorredor e outros brinquedos, feitos com madeira de reflorestamento. Uma área para cães também será construída.

A pandemia da Covid-19 forçou a interrupção das obras da Eco Praça e restringiu a convivência entre os moradores, mas não provocou a renúncia ao projeto. Alguns continuam se revezando no trabalho de aguçação e outros cuidados de um bem coletivo que espelha a força viva e ativa da comunidade no amor à natureza e sua preservação.

* Alguns registros da história da Eco Praça Jardim Oceania podem ser vistos nas redes sociais.

Facebook: <https://www.facebook.com/ecopracajardimoceania/>

Instagram: @ecopracajardimoceania

Fotos: Madrilena Feitosa, Jefferson Palmeira, Dailton Lacerda, Elba Lacerda, Elivan Arantes e Washington Feitosa.

IDENTIDADE BRASILEIRA

Jeito brasileiro de estar no mundo

Sinval Medina¹

Não é fácil perceber o papel das construções simbólicas no mundo econômico, isto é, nos setores da vida social ligados à produção material da sobrevivência. Nesse universo, as relações entre pessoas e instituições tendem a parecer inelutáveis, ou “naturais”, talvez pela concretude de que inevitavelmente se revestem. De fato, é preciso certo esforço de abstração para entender entidades palpáveis ou, no mínimo, mensuráveis, por exemplo, moeda, lucro, salário, cláusulas contratuais e todos os pilares que embasam as relações capitalistas como representações do mundo real.

É óbvio que a estrutura social de uma cultura de caçadores coletores difere de uma comunidade de pastores transumantes, que por sua vez não se organiza nos padrões de uma sociedade predominantemente urbana e industrial. Não me refiro aqui apenas ao nível de desenvolvimento das forças produtivas. Se o fizesse, estaria reforçando a visão evolucionista (e ocidentalista) que divide as culturas em três estágios: selvageria, barbárie e civilização. Meu questionamento é ao caráter finalista que ainda se atribui ao arranjo econômico gerado pela Revolução Industrial, tanto em sua expressão material como no nível simbólico. Nesse sentido, sugiro que a entronização da economia de mercado (e a relação homem/natureza dela decorrente) como ponto culminante da trajetória humana decorre de uma visão de mundo herdeira do paradigma racionalista-iluminista consagrado pela Modernidade.

¹Escritor, jornalista e ex-professor universitário nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1943, e vive na capital de São Paulo desde 1971. Publicou seu primeiro livro, *Dicionário da História da Civilização*, em 1969, e estreou-se no romance em 1980 com *Liberdade Condicional*.

Usando da devida licença poética com que nos habituamos a empregar a noção de Thomas Kuhn (*A estrutura das revoluções científicas, Perspectiva, São Paulo, 2017*) é admissível falar de “paradigma racional-capitalista”, no plano econômico, tendo como espelho as ideias de Newton e Darwin nas ciências físicas e biológicas. Pode parecer pretensioso para um ficcionista assumido (e ensaísta bissexto) meter-se de pato a ganso no quintal dos economistas. Por isso, não pretendo nesse texto propor uma discussão teórico-conceitual em seara alheia, e sim usar a noção – afiada e maleável arma do saber plural – para driblar as rígidas, mas quebradiças certezas da lógica científica. Na verdade, ao pinçar na esfera acadêmica ou tecnocrática discussões afetas à vida cotidiana, estamos democratizando o debate sem vulgarizá-lo. A intenção é iluminar por novos enfoques assuntos relevantes, mesmo que aparentemente pertençam a domínios restritos aos especialistas. É dessa perspectiva que me atrevo a propor alguns tópicos para debate, sem muita preocupação de estar invadindo os bem defendidos feudos do conhecimento acadêmico.

Feita a justificativa, que talvez tenha ficado maior do que a encomenda, passo ao objetivo do texto, que é levantar algumas questões sobre a crise do trabalho no momento atual.

O modelo de futuro concebido na modernidade segundo os pressupostos do paradigma racionalista, ou seja, a ideia de que o mundo caminhava para uma era de desenvolvimento industrial globalizado, não se realizou. O capitalismo globalizado bem como o chamado socialismo real, apoiados ambos na lógica do crescimento econômico produtivista fracassaram como forma de construção de sociedades menos desiguais. A busca desenfreada por ganhos no Produto Interno do Bruto está levando os recursos naturais do planeta à exaustão. Os sintomas da catástrofe que se aproxima se fazem sentir em todos os continentes, na forma de incêndios florestais ca-

tastróficos, inundações devastadoras, explosões de violência incontáveis e crises migratórias nunca vistas.

Por paradoxal que pareça, a falência do modelo econômico construído com base na razão iluminista resulta da sua irracionalidade. A lógica da maximização do lucro, base da estratégia de acumulação de capital, faz com que empresas e governos busquem resultados a qualquer custo, replicando na vida social o princípio darwiniano da sobrevivência do mais apto. Vivemos hoje uma disputa insana por recursos naturais não renováveis não só entre os grandes conglomerados empresariais, mas também entre as maiores potências mundiais para manter padrões de consumo insustentáveis em benefício de uma parcela da humanidade. Só para dar um exemplo, enquanto os norte-americanos, viciados em gasolina barata, queimam petróleo extraído do xisto a um custo ambiental criminoso, refugiados latinos, africanos e asiáticos perdem a vida na tentativa de alcançar o pão nosso de cada dia nos paraísos do consumo.

Por falar em consumo, lembremos que, se por um passe de mágica, metade da população carente do planeta ascendesse ao padrão de vida do chamado primeiro mundo o planeta simplesmente estouraria como uma bolha de sabão. Dobrar a frota de automóveis em circulação bastaria para provocar um desastre equivalente a uma guerra nuclear. Com o atual ritmo de saque aos recursos naturais finitos (jazidas minerais, combustíveis fósseis, reservas florestais, flora, fauna, mananciais hídricos) já não faz sentido a crença de que a Ciência, com seu infinito Poder dará respostas aos desafios colocados pelo “progresso”.

Sem catastrofismos, mas sem ilusões, é preciso reconhecer que a economia mundial vive sua maior crise desde o início dos Tempos Modernos. Como consequência, o trabalho assalariado do qual se nutre o capitalismo não poderia ficar imune à crise do sistema como

um todo. Pela primeira vez na História o crescimento econômico se depara com o paradoxo de expandir-se sem aumento da força de trabalho, gerando o fenômeno apelidado de “desemprego estrutural”. Como, pela lógica do sistema, os avanços tecnológicos são inexoráveis, a oferta de empregos não acompanha o crescimento demográfico, aumentando assim, mesmo nas sociedades de capitalismo avançado, o número de excluídos do mercado de trabalho formal.

O *welfare-state*, surgido no pós guerra nas nações da Europa Ocidental como antídoto contra os avanços da esquerda revolucionária, respondeu durante algum tempo às crises cíclicas de desemprego inerentes ao sistema, mas já há algum tempo dá sinais de exaustão. A rede de proteção social oferecida pelos países da Comunidade Europeia, tida como modelar, encolhe cada vez mais, retirando direitos dos trabalhadores. No Brasil, as constantes “reformas da previdência”, que atingem principalmente, os contribuintes do INSS, não conseguem evitar a inviabilidade do sistema a médio e longo prazo.

Criada na Era Vargas (1930/1945) a previdência social no País representou uma conquista histórica para os trabalhadores urbanos. Antes, as reivindicações trabalhistas eram consideradas “caso de polícia”. A Revolução de 30 embutiu, em seu autoritário projeto de modernização conservadora, direitos trabalhistas como aposentadoria por tempo de serviço ou invalidez, férias remuneradas, jornada de oito horas, indenização em caso de dispensa, tudo garantido pelos então instituídos tribunais da Justiça do Trabalho. Ao ser demitido, o empregado ganhava, além do aviso prévio de trinta dias, um salário extra por ano de registro em carteira. E, aos dez anos de casa, se tornava estável, só podendo ser mandado embora por justa causa.

Num país ainda predominantemente rural as leis trabalhistas alcançavam apenas os trabalhadores urbanos, e se mostravam adequadas a uma economia em rápida transformação, que demandava

cada vez mais trabalhadores para alimentar um rápido ritmo de crescimento. Além disso, o recém criado sistema ainda não começara a ser demandado por candidatos à aposentadoria. Os Institutos de Aposentadoria e Pensões (à época, cada categoria tinha sua própria identidade, com administrações independentes – IAPI, dos industriários; IAPC, dos comerciários; IAPB, dos bancários; IAPM, dos marítimos, e assim por diante). Com muita arrecadação e poucos benefícios a pagar, os “iapês” eram verdadeiras minas de ouro. Resta lembrar que o sistema de financiamento estabelecido em lei era tripartite: o empregado recolhia 8% do salário bruto; a empresa e o governo federal contribuía com a mesma quantia. Para os empregados, a contribuição era compulsória. As empresas, bem ou mal, sempre pagaram a parte delas. Já o governo... O governo nunca pagou e acabou metendo a mão no caixa dos institutos para financiar a construção de Brasília.

Seja como for, o sistema funcionou sem alterações até o golpe militar de 1964. Com a virada de mesa, o direito à estabilidade logo se tornou alvo de campanha dos empresários, que reclamavam do engessamento as relações de trabalho devido às regras vigentes. Em setembro de 1966, com vigência a partir de janeiro de 1967, surgiu o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, FGTS, que na prática facilitou a rotatividade da mão de obra. Na mesma baciada, o governo autoritário unificou os institutos de previdência autônomos, criando o INPS. Aumentava assim o controle sobre o sistema, ao mesmo tempo em que garroteava o movimento sindical, estabelecendo rígido controle sobre as reivindicações salariais.

Com a Constituição de 1988, votada após a queda da ditadura, houve notável ampliação dos direitos trabalhistas (auxílio doença, auxílio reclusão, salário maternidade, multa sobre o fundo de garantia em caso de demissão, entre outros). Ao mesmo tempo, o INPS era substituído pelo Instituto Nacional de Seguridade social, que unifi-

cava a área de proteção social em um mesmo órgão, com a criação do Sistema Único de Saúde – SUS. A previdência e a assistência à saúde passavam a ser “dever do estado e direito do cidadão”.

A partir de 1998, com a globalização da economia e as crises que abalam o País, o sistema começa a dar sinais de exaustão, gerando a sucessão de “reformas da previdência” que vem até nossos dias. É instituído o limite de idade e o tempo mínimo de contribuição para obtenção dos benefícios. Os valores dos mesmos se tornam cada vez menores. Enfim, o sonho da aposentadoria fica mais distante para o trabalhador do setor privado, dependente do INSS. Enquanto isso a previdência pública continua generosa com seus servidores, criando duas classes distintas de aposentados no País.

Enquanto o déficit da previdência, apesar das reformas, continua em trajetória ascendente, reformas na legislação trabalhista, a partir de 2017 alteram as relações entre patrões empregados, num processo que tanto pode ser chamado de “modernização” como de “precarização” do emprego, dependendo do ponto de vista.

Essa máquina de moer postos de trabalho, já em funcionamento há um bom tempo, passa a girar a toda a velocidade com o Corona Vírus. O resultado são os milhões de desempregados e desalentados que hoje lutam para sobreviver sem saber o que lhes reserva o amanhã.

A crise do trabalho emprego formal instala-se entre nós bem antes da pandemia. Não só na atividade dos camelôs, marreteiros, vendedoras de bolo e cafezinho na esquina, mas também em práticas como o trabalho temporário, a terceirização, a tarefa eventual, o *home office*, o *free lance*, o contrato precário, a jornada parcial, agora legalizados. Ou seja, não é de hoje que o mundo do trabalho está de

pernas para o ar. Cálculos otimistas estimam que metade da força laboral brasileira pratica o *sevírol*.

Volto a lembrar que não estamos sozinhos nesse barco. Mesmo as economias do chamado Primeiro Mundo enfrentam o fantasma do desemprego e recorrem a soluções fora da cartilha para combatê-lo. No Japão, milhares de trabalhadores são encostados em casa com salários reduzidos para não figurar na estatística dos desocupados. A mão de obra de imigrantes ilegais (portanto, invisíveis), é largamente empregada nos Estados Unidos e na Comunidade Europeia, onde parcelas cada vez maiores da população dependem de ajuda governamental para sobreviver.

Diante desse quadro, é preciso admitir que a visão da sociedade pós-industrial como um lugar seguro, onde cada cidadão tem emprego bem remunerado, protegido por dispositivos legais justos e incontestáveis, a cada dia se torna mais distante da realidade. Utilizando uma metáfora ferroviária, penso que, no mundo inteiro, a população está sendo empurrada para trens sem destino conhecido. Em algumas composições há mais lugares, em outras menos. Nesse sentido, soa falsa a divisão entre primeiro e terceiro mundo, porque há passageiros com reserva garantida em cabines de luxo, tanto no trem de Moçambique como no da Suécia. Mas há ainda os que não conseguem embarcar nem como pingentes. São os que ficam jogados pelas plataformas, aguardando a vida inteira por uma viagem que jamais acontecerá.

Em resumo, as relações trabalhistas “modernas” não alcançam a maior parte dos seres humanos do planeta. Devemos continuar a apostar no modelo falido ou passamos a imaginar outras perspectivas de futuro? A segunda alternativa requer a ruptura com o paradigma racionalista que orientou o desenvolvimento da sociedade atual e a

criação de novas representações simbólicas, ou seja, de novas visões de mundo.

Para começar, admitamos que o modelo de trabalho assalariado acoplado ao “estado de bem estar social” não passa de um soluço no interminável fluxo do tempo histórico. Perdura a pouco mais de um século nos países ditos desenvolvidos, e no Brasil mal se sustentou por duas gerações. O emprego estável e a aposentadoria garantida são criações recentes, que começam a se mostrar inatingíveis para a maior parte dos trabalhadores. Cada vez mais, se tornam prebendas de minorias privilegiadas.

O problema é que, nas sociedades modernas, as noções simbólicas de “trabalho” e “emprego” passaram a ter sentido equivalente, quando na verdade seus significados são diversos. Trabalho deveria ser entendido como o esforço humano (físico e/ou mental) voltado para o provimento das necessidades materiais da existência. Por essa ótica, tanto trabalha o caçador-coletor de uma sociedade tribal como o operador de *software* de uma usina nuclear. No entanto, só o segundo é empregado no sentido que hoje atribuímos ao termo. Com essa comparação radical estou querendo acentuar que a noção de trabalho está presente em todas as culturas humanas, enquanto “emprego” é uma instituição histórica criada pela modernidade, e como tal, sujeito a mutações permanentes e até mesmo à extinção.

De outro lado, é importante assinalar que a noção de “trabalho”, dependendo da cultura em que se inscreve, assume significados diversos. Essas diferenças nem sempre são percebidas como traços de identidade cultural a seres respeitados. A ideologia predominante nos países ditos desenvolvidos tende a desqualificar qualquer manifestação que não se conforme ao lema “viver para produzir”. Não seria mais saudável inverter essa lógica, pensando em “produzir para viver”?

No Brasil, pela sua trajetória histórico-cultural, é natural que, no plano simbólico, a noção de trabalho assumia feição diversa da reverberada nas matrizes do capitalismo. Nossa História, marcada, desde os tempos coloniais, por uma clara fronteira entre incluídos e excluídos; homens livres e escravos; nativos e reinóis; bugres e cristãos forjou uma produção simbólica sobre as relações laborais distinta daquela surgidas em outras latitudes. O caldeirão cultural brasileiro gerou concepções originais na esfera das relações econômicas, particularmente no que respeita ao trabalho. Por isso, considero impróprio discutir se o modelo capitalista adequado ao Brasil é o oriental, o renano ou o norte-americano. Isso porque, queiramos ou não, existe um capitalismo tupiniquim.

Para começar, não se pode esquecer que, desde seus primórdios, a economia brasileira se integrou à revolução comercial que marcou a transição da Idade Média para os Tempos Modernos. A chamada *Escola dos Anais*, liderada pelo historiador francês Fernand Braudel (1902/1985), ao estudar a economia colonial atlântica, baseada na produção de *commodities* como o açúcar e o algodão, alimentada pelo tráfico de escravos africanos e pelas grandes plantações tropicais deixa clara a importância do Brasil na formação do capital que levaria a Europa a dominar o mundo entre os séculos XVI e XIX. Em outras palavras, nunca fomos uma Terra do Nunca, perdida no fim do mundo. Desde a chegada dos portugueses por aqui, desempenhamos papel relevante, mas adjutório, no desenvolvimento do capitalismo mundial.

Como sabemos, o sistema produtivo colonial se baseou, durante mais de três séculos, na mão de obra escrava. É natural que os cativos, submetidos ao jugo dos senhores, encarassem as tarefas que lhes eram impostas como um castigo do qual procuravam se livrar a qualquer custo. Rebeliões e fugas eram o único meio de sonhar com

uma vida em que não sofreriam a tortura do trabalho forçado. Ao lado da população escrava, que alimentava com suor e sangue a “máquina mercante” do açúcar, do ouro, do café e de outras riquezas tropicais, crescia e se multiplicava uma expressiva massa de homens livres que sobrevivia à margem da economia atlântica. O bem mais precioso desses homens era justamente não ter dono e senhor, o que os condenava à marginalidade na ordem escravista vigente. Num espaço amplo e generoso como o *hinterland* brasileiro, essas populações se valiam dos recursos naturais para viver, passando longe da economia monetária. Produziam o necessário para a sobrevivência. Vem daí o estereótipo do caboclo atrasado e preguiçoso, plasmado por Monteiro Lobato e por Mário de Andrade nas figuras do Jeca Tatu e de Macunaíma.

Faz parte da ideologia da elite colonial atribuir às “raças indolentes” que entraram em nossa formação – africanos e indígenas – o desamor pelo trabalho. Convém lembrar que o único bem herdado pelos ex-escravos após a Lei Áurea foi o direito de “festar”, pois sequer tiveram acesso aos programas (oficiais e privados) de colonização facultados a milhões de imigrantes estrangeiros que viriam a formar o proletariado rural e urbano e, com o correr do tempo, as camadas sociais médias da população, enquanto negros, pardos e mestiços eram condenados à marginalidade. Já os indígenas seriam vistos como “pragas” pelos colonizadores por persistirem na idolatria e na recusa ao trabalho nas lavouras. Coube a eles, no entanto, transmitir aos homens livres e pobres da colônia as bases da cultura material que permitiu a construção de uma sociedade com valores únicos, que para usar a apoteótica expressão de Darcy Ribeiro, transformaria o Brasil em uma “Roma Tropical”.

Com tal substrato, ao se tornar “moderno”, isto é, urbano e industrial (apesar do desenvolvimento tardio), o País geraria um tipo

de capitalismo com traços originais. Mesmo explorado, o trabalhador aqui dirá que seu emprego é “maneiro”, que trabalha pouco, ainda que enfrente as mais duras condições laborais, enquanto a cultura do Norte da Europa ensina o indivíduo a dizer que trabalha muito, mesmo sob horários e regimes de segurança “maneiros”.

Outra diferença notável é o nosso calendário, marcado ao longo do ano por constantes interrupções, das quais o Carnaval é apenas a mais visível. Em 1943, o compositor carioca Wilson Batista expressava esse sentimento com o antológico samba *Greve da Alegria*. Dizia ele: *Hoje, amanhã e depois, eu não vou trabalhar. Chega! Já fui escravo o ano inteiro. Mas quando chega fevereiro, o que eu quero, o que eu quero é sambar. Quando a fábrica apitar (Uh! Uh!) eu quero estar na orgia. O patrão já sabe que eu em fevereiro faço a greve da alegria...* Anos mais tarde, Vinícius de Moraes acrescentaria: *Tristeza não tem fim, felicidade sim*, lembrando que o brasileiro trabalha o ano inteiro por um momento de sonho, para tudo se acabar na quarta-feira.

Além do Carnaval, o calendário brasileiro é prodigo em feriadões, festas juninas e celebrações regionais que suspendem os ciclos produtivos, sem que isso represente obstáculo ao crescimento econômico. A pergunta que fica é a seguinte: é possível que eliminar do mundo do trabalho o caráter festivo, dionisíaco, epifânico da cultura brasileira? Na década de 90 do século passado, o economista e empresário Lawrence Pih refletia sobre esse fenômeno com uma metáfora luminosa, ao comparar a cultura laboral brasileira com a da Alemanha. Lá as coisas funcionavam como um batalhão militar marchando em passo de ganso; aqui, o ritmo era de uma escola de samba evoluindo num desfile carnavalesco. Na primeira formação, todos os participantes executam os mesmos movimentos, numa férrea demonstração de unidade e disciplina. No segundo, cada membro do grupo tem liberdade de expressão individual sem, contudo, perder a

noção de conjunto. Nem por isso uma escola de samba na avenida oferece ao público um espetáculo menos harmonioso do que um grupo de soldados marchando em linha numa parada militar. São traços da cultura de cada povo que afloram de modo sutil no chão de fábrica, na linha de produção e em todos os segmentos do sistema produtivo.

Mas voltemos à ideia de que a economia de mercado é um trem no qual não cabe toda a população de um país, por mais desenvolvido que seja. No caso do Brasil, milhões de cidadãos viajam confortavelmente instalados em suas cabines, muitos mais se espremem em vagões apinhados, outros penduram-se pelos estribos e não poucos “surfam” no teto das composições. Mas um número ainda maior, sem esperança de conseguir um lugar no trem, vaga pelas plataformas, ou nem se dirige às estações.

A metáfora ferroviária sugere que o “progresso” não é um destino manifesto da humanidade. A visão evolucionista da História concebe o suceder de gerações como uma escalada ascendente rumo ao paraíso. Quais as consequências dessa visão de mundo? Quem encara a realidade por esse prisma acredita que um sistema previdenciário justo, ou o pleno emprego, ou a distribuição de renda pela via salarial são metas atingíveis nas circunstâncias atuais. Na realidade a História anda, ao mesmo tempo, para cima, para os lados, para fora, para dentro, para os lados, para a frente e também para trás.

Diante deste panorama, pensemos em meio de “vida-vivência” (noção bem mais abrangente do que a de “emprego”) compatível com a realidade que nos desafia no século presente. Ao falar em meio de “vida-vivência” estou me referindo a novas formas materiais e espirituais de sustentação da existência individual e social, isto é, a soluções para o provimento das necessidades básicas do ser humano que passam ao largo das estratégias consagradas pela modernidade. Não

penso, aqui, apenas na precarização do mercado de trabalho, mas no surgimento de espaços alternativos onde a lógica do capital deixe de ser um valor absoluto, onde o consumo não se torne um objetivo a perseguir a qualquer preço, onde enfim as pessoas passem a trabalhar para viver, e não a viver para trabalhar.

Com a crise no modelo de emprego (que decorre da crise generalizada que abala o mundo), noções aparentemente definitivas implantadas pela linha de produção fordista mostram-se cada vez mais inconsistentes. A flexibilização das relações laborais que hoje enfrentamos é apenas um sintoma das dificuldades enfrentadas na esfera laboral pelo paradigma produtivista. Ao que parece, caminhamos para um quadro em que, daqui a algum tempo, não existirão apenas empregados e desempregados, mas também “inimpregáveis”, ou seja, cidadãos condenados a não ter um único emprego formal ao longo da vida.

Ao que parece, o problema já entrou no radar dos donos do poder. Com os avanços tecnológicos, fica cada vez mais evidente que a mão de obra barata deixou de ser o insumo mais importante para a acumulação de capital. As grandes corporações fazem cada vez mais com menos (mais lucros com menos trabalhadores). Assim, o grande lubrificante do sistema passa a ser o consumo e não a mão de obra barata.

Esta é a ideia básica dos programas de distribuição de renda surgidos com a pandemia do Corona Vírus. Os chamados “invisíveis” não brotaram entre nós em consequência da Covid-19. Eles estavam por aí há muito tempo, sem renda garantida, sem “emprego com carteira assinada”, sobrevivendo na base do *sevirol*. A distribuição de recursos do governo e do setor privado à população carente evitou uma pandemia de fome, mas também impediu que a economia caísse num poço sem fundo. Dotar os necessitados de algum poder de com-

pra é bom negócio para a economia como um todo. Além de acalmar tensões sociais, movimentava o mercado. Não só por razões humanitárias o voluntariado cresceu de forma expressiva na crise de 2020. Em recente entrevista ao programa *Roda Viva*, da TV Cultura de São Paulo, a empresária Luísa Trajano (Grupo Magazine Luísa) defendeu a participação do setor privado na assistência aos mais necessitados, desde que a distribuição dos recursos seja administrada pelas empresas doadoras, ou seja, sem passar pelos escaninhos do governo, evitando assim o desperdício e a corrupção, além dos pesados custos da máquina burocrática.

A verdade é que a pandemia expôs a chaga da péssima (para não dizer pornográfica) distribuição de renda no Brasil. Enquanto corremos atrás de aspirinas para aliviar a dor de cabeça, as reformas estruturais que o País reclama para sair da UTI e superar os problemas que nos amarram ao século passado continuam sendo jogadas para as calendas.

Até quando continuaremos a empurrar as questões de fundo com a barriga, valendo-nos de gambiarras e quebra-galhos?

*“Wellington Pereira experimentou a utopia
no cotidiano do jornalismo e fez
desse cotidiano sua razão de viver.”*

Cidival Morais de Sousa

Hefesto na pirâmide (dialogias do trabalho jornalístico)

Wellington Pereira²

Zeus pediu a Hefesto que descesse ao Mundo jornalístico para verificar como se processava o trabalho midiático.

Acostumado aos desafios impostos por seu pai, Hefesto, que construíra a égide(escudo) com a qual Zeus enfrentou os Titãs, ainda criou, para refinar os sentimentos humanos, Pandora – a primeira mulher mortal – aceitou o desafio.

Hefesto, o artífice do Olimpo, sempre reconheceu nas formas geométricas a capacidade em demonstrar a força das energias cósmicas e a forma de organização dos deuses em cada estágio olímpiano.

Mas o que Hefesto não sabia era que os jornalistas, em sua maioria, habitavam uma Pirâmide Invertida, uma técnica de organização dos fatos sociais que colocava o mundo da vida de cabeça para baixo para dele retirar as melhores combinações semânticas capazes de anunciar e enunciar a cotidianidade dos povos.

Hefesto pensou ser a Pirâmide Invertida um triângulo isóscele mal calculando, gangorra, trapézio, mas percebeu que forma e conteúdo se alinhavam na seleção do material selecionado a ser transformado em narrativa jornalística.

Pensou Hefesto que, passados longos anos, a forma como os jornalistas organizam fisicamente seu trabalho não defere muito das

^{2*} Vítima da Covid-19, Wellington Pereira nos deixou um valioso testemunho. Doutor em Sociologia pela Université Paris V, era Professor Titular (aposentado) da UFPB. Coordenou por 20 anos o Grupecj-Grupo de Pesquisa em Cotidiano e Jornalismo - com vários livros publicados sobre o discurso da Imprensa parai-bana.

Guildas medievais, pois todos estão instalados em baías, tendo como mestre de obra um editor (do latim *edere* - aquele que dá à luz) gerente das demandas de sociedades cada vez mais ávidas por pedras preciosas do noticiário – o que demonstra a habilidades dos ‘ourives’, mas também a capacidade para comercializar ouropéis – a liga de metal sem muito valor a que alguns chama de sensacionalismo.

A primeira impressão de Hefesto foi a de que os jornalistas formam uma corporação como outras quaisquer. Eles iniciam a carreira como aprendizes (foca, estagiário), são promovidos a repórter (saber fazer), até atingirem o auge da profissão (colunistas, editoriais, críticos especializados) saber dizer.

Portanto, o trabalho jornalístico guarda, em certo sentido, o aprendizado exigido pelo mestre aos seus discípulos, embora na ‘Guilda jornalística’ a moral seja trocada pelas demarcações ideológicas de cada grupo.

Para entender o quão difícil é combater essa inversão do mundo dos entes, seres e coisa a partir da Pirâmide jornalística, Hefesto resolveu investigar o trabalho dos jornalistas em três campos de aprendizado: 1) filosófico; 2) estético; 3) ético.

Por que o mundo jornalístico começa pela Pirâmide Invertida (técnica de organização dos enunciados jornalísticos), uma proeza do jornalista-taumaturgo?

A resposta não é fácil, já que o trabalho jornalístico – a partir da ideia de uma Pirâmide Invertida – não contempla os ideais de uma geometria pura, tampouco dissocia o fazer do pensar, separa forma e conteúdo. Portanto, mesmo depois das revoluções técnica e tecnológica, o jornalismo, enquanto produtor de informação em escala industrial, se assemelha a *téchne* dos gregos – não é apenas exercício da razão instrumental.

Neste sentido, podemos pensar que a filosofia ajudou Hefesto a identificar quais são os procedimentos metodológico que levam o jornalista a escolher o método (caminho) a ser trilhado para a configuração de suas narrativas.

Como não se perfaz em campo teórico, o jornalismo é regido por uma práxis que advém, na maioria das vezes, da observação empírica dos fatos. Desta forma, o jornalismo parte de uma observação sensorial para a enunciação da concretização dos fatos sociais. Isto põe em alerta os estudiosos, com a seguinte questão: onde estão as fontes do trabalho jornalístico? Eles podem ser físico e metafísico?

O primeiro conflito metodológico sobre ‘o que fazer?’ para gerar matérias jornalísticas vem da preparação da Pauta (instrumento jornalístico que tem caráter metodológico), ou seja, nela se amalgamam conceitos físicos e metafísicos que determinarão a natureza do fato transformado em gênero jornalístico.

Buscando auxílio na filosofia, Immanuel Kant, em seus Prolegômenos à Crítica da Razão Pura, nos ajuda a entender como o jornalismo, principalmente o jornalismo informativo, nos leva a perceber a confusão entre conhecimento físico e metafísico - que começa sobretudo na elaboração da Pauta jornalística.

O providente e prudente Hefesto – artífice do Olimpo – deixou a palavra a Kant:

“Primeiramente, no que se refere às fontes de um conhecimento metafísico, já está implícito em seu conceito que elas não podem ser empíricas(...)”.

Como observamos para capturar as nuances dos fatos, o jornalismo, metodologicamente, parte de um conhecimento a priori, eivado de juízos de valor, o que determina a primeira tentativa de apreensão das formas sociais no planejamento da Pauta jornalística.

O procedimento metodológico da Pauta é apriorístico, prescinde de experiência – é fruto do imaginário da ‘Guilda jornalística’, que se insere como ferramenta para um construto linguístico. É conhecimento analítico – no dizer de Kant, dedutivo por excelência.

Ao contrário, na concretização dos gêneros narrativos no jornalismo, predomina – sobretudo na Reportagem – o juízo sintético – aquele que exige um conhecimento a posteriori –, tanto na organização das vozes como no reconhecimento do movimento das personagens em um determinado espaço social.

Se Hefesto soltar seu martelo, usar a bigorna, vamos verificar a pluralidade de formas que o trabalho jornalístico revela.

O jornalista é um artífice que busca dar formas que aproximam suas obras das ações naturais do homem. Mas ele trabalha com materiais inflamáveis do ponto de vista das ideologias e das religiosidades.

A estética jornalística procura conjugar em si as formas fluidas do mundo simbólico que é alimentado pelo imaginário, no sentido antropológico, de cada povo.

Uma das dificuldades de Hefesto em sua percepção da Pirâmide Invertida, foi apreender que não há uma regência temporal dessas ‘formas elementares do trabalho jornalístico, porque na forja da “Guilda jornalística” toda forma é formante e se multiplica em outros formatos, como nos ensina a sociologia da estética em Georg Simmel e Michel Maffesoli.

Mas, é evidente que o deus Cronos comanda o fluxo de informação agregada aos juízos sintéticos – indutivos, acrescentando novos elementos ao predicado de cada informação. Por isto, a temporalidade jornalística precisa do conserto de Hefesto quando a forma narrativa não se encaixa nas falas pronunciadas.

A estética jornalística é híbrida, embora – os jornais impressos – tenha seguindo a padronização norte-americana do Pós-Guerra, mas se imiscuem no padrão estético noticioso outras formas que não são jornalísticas, como a publicidade, o discurso do parlamento, linguagens artístico-esportivas, novos enunciados produzidos pelas mídias digitais.

Uma estetização da vida cotidiana – tanto no sentido pedagógico quanto no sentido de uma retórica persuasiva – esta é a preocupação dos jornalistas ao tentar mostrar o saber ‘mostrar’, o saber dizer, o que produzem na forja de suas oficinas, um trabalho árduo que exige cada vez mais do trabalhador em jornalismo (às vezes obreiro de corporações político-ideológicas) uma atenção aos contornos do seu produto, como ele pode ou não ser absorvido sem o ‘fetiche’ de uma mercadoria cujo valor de troca esconde outras intenções.

Pensar o valor de uso ou valor de troca em relação à produção jornalística, antes mesmo de inscrever o trabalho no viés do materialismo histórico, na materialidade do mundo – é verificar a possibilidade de uma Ética do Trabalho na “Guilda jornalística”.

A ética é uma ciência prática. Ela deve ser exercida para provocar a sinestesia entre diferentes imaginários e sobretudo fazê-los dialogar, através da soma das diferenças e não da superação, o que entendemos por dialogia – conceito inscrito na obra de Edgar Morin.

No interior da “Guilda jornalística” a ética sofre pressões dos padrões, anunciantes, leitores de diversos matizes ideológicos, de entidades de classe que representam corporações jornalísticas.

Mas há também, em meio à categoria, a confusão entre ética e honestidade, ética e moralidade. Ou seja, o que é do ponto de vista individual, como a moral, passa a ser confundido com questões coletivas de ordem ética.

Dos três elementos citados neste ensaio para seguir Hefesto em sua caminhada pela Pirâmide Jornalística – a ética depende o domínio dos anteriores, concepção filosófica e estética

A ética não prescinde da estética, tampouco de uma filosofia, como a de Kant que nos ajuda, na vida cotidiana, a entender como o trabalho jornalístico opera conhecimentos físico e metafísico construindo dialogias na complexidade do mundo moderno.

Assim, Hefesto se depara com seu maior desafio: colocar a pirâmide da prosa do mundo (o jornalismo) na posição geométrica do Logos.

Posfácio

Em vez de saudade, esperança e reinvenção

Ana Lúcia Medeiros

A sátira de Nelson Rodrigues aos *copy desks*, a quem preferia chamar de “os idiotas da objetividade”, na chegada do *Lead* ao Brasil, na metade do século XX, ocupava lugar central nas discussões sobre as narrativas da contemporaneidade que moviam a oficina de mesmo nome ministrada por Cremilda Medina no subsolo da Ala Norte na Universidade de Brasília, em 1998.

Foi lá no subsolo, onde funciona o Mestrado da Faculdade de Comunicação, que escrevemos o livro *Narrativas a céu aberto: modos de ver e viver Brasília*, fruto dessas discussões na oficina regada a cafezinho, muito riso, muita alegria, quase sempre animadas por um participante que por vezes se travestia de palhaço-apresentador nas telas de TV. Ricardo Guilherme inspirava outros jornalistas, mestrandos em Comunicação, professores. Ali estavam nomes como Luiz Signates, Roberto Seabra, Alcebiades Muniz, Fernando Resende (convidado especial), representando pedacinhos de Brasil sob o céu da capital federal. Os debates nunca terminavam no subsolo da UnB. Costumavam ocupar as mesas de bar da Asa Norte. “Ai, quantas saudades a lembrança traz”, cantando aqui Paulinho da Viola.

Narrativas a Céu Aberto é o pontapé de uma série que tem continuidade na *Paraíba*, duas décadas depois. Para matar a saudade e gerar novos movimentos. Assim, puxando a corda da sequência, vem o livro *Saneamento Básico – direito à cidadania* (MEDINA, 2019), que antecede esta nova obra, e dá voz a este posfácio, com narrativas sobre as mutações do trabalho na Paraíba em tempos de pandemia.

O lugar é outro, os personagens são outros, os modos de produção são outros, o momento é atípico. E as razões que levam à terceira produção da série já não questionam com tanta ênfase o modo como aparecem as seis questões básicas do *lead*. Os autores da obra simplesmente dão voz a personagens anônimos, em narrativas humanizadas. Porque nada é igual.

Tudo muda. E a velocidade com a qual as situações sofrem mutações é estonteante. Tudo muda na circulação das informações; tudo muda no trânsito das pessoas nas ruas; tudo muda no mundo do trabalho; tudo muda no mundo da vida.

E quando bate a saudade, porque muda o número de autores, o texto de um deles passa a ser póstumo (mais uma vida perdida em uma pandemia), a opção é lembrar que essa pessoa tem nome, jeito de ser e estar no mundo, tem memória, história que contou e que continua a ser narrada em novas versões.

O desafio, agora, é reinventar. Para além dos idiotas da objetividade. E, em vez de lágrimas, convém esperar, gerar sentidos em narrativas verdadeiramente humanizadas e circulares.

Notas bibliográficas

MEDINA, Cremilda (org). Narrativas a céu aberto: modos de ver e viver Brasília. Brasília: Editora UnB, 1998.

___ (org). Saneamento Básico - direito à cidadania. Campina Grande: Eduepb, 2019.

Paulinho da Viola. Quantas Lágrimas, 1974.

Sobre o livro

Capa Leonardo Araujo

Ilustração da Capa [instagram.com/maironhasegawa/](https://www.instagram.com/maironhasegawa/)

Formato 16 x 22 cm

Em março de 2020, quando os autores foram a campo, explodiu a pandemia e todos os contextos humanos não só da Paraíba como do planeta entraram na era da morte, da doença indomável, da perplexidade dos saberes, do isolamento dos convívios. A contundência do mundo do trabalho e do emprego aflorou como ninguém havia previsto. Era de se desejar, no imaginário coletivo, a volta dos ciclos de crescimento? Se as análises pendiam para o pessimismo de terra arrasada, os autores deste livro, cujo título recebeu um subtítulo – *Em tempos de pandemia* – não se acomodaram e foram à escuta e à observação-experiência para captar cenas dramáticas dos protagonistas anônimos ou a ação social dos paraibanos que fazem acontecer o *sevirol*.